

Allan Kardec

O QUE É O ESPIRITISMO

Tradução de Evandro Noleto Bezerra



Allan Kardec

O QUE É O ESPIRITISMO

Tradução de Evandro Noleto Bezerra



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O que é o Espiritismo

O que é o Espiritismo

INTRODUÇÃO AO CONHECIMENTO DO MUNDO INVISÍVEL,
PELAS MANIFESTAÇÕES DOS ESPÍRITOS.

Contém

O RESUMO DOS PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA E RESPOSTA
ÀS PRINCIPAIS OBJEÇÕES QUE PODEM SER APRESENTADAS.

por

Allan Kardec



Fora da caridade não há salvação



Federação Espírita Brasileira

Copyright 2009 by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB
Brasília (DF) - Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do copyright.

ISBN (versão ePub): 978-85-7945-190-4

Titulo do original francês:
QU'EST-CE QUE LE SPIRITISME
(Paris, 1859)

Tradução: Evandro Noleto Bezerra, da 6ª edição francesa (1865), revista e ampliada pelo autor.

Capa: Claudio Carvalho (segundo projeto de Julio Moreira)
eBook desenvolvido por: Evelyn Yuri Furuta

Edição do Conselho Espírita Internacional
SGAN Q. 909 - Conjunto F
70790-090 - Brasília (DF) - Brasil
www.edicei.com
edicei@edicei.com
55 61 3038 8400

Primeira Edição – 4/2011

Edição autorizada pela Federação Espírita Brasileira.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA FONTE – CIP

K18

Kardec, Allan, 1804-1869.

O que é o espiritismo : introdução ao conhecimento do mundo invisível, pelas manifestações dos espíritos. Contem o resumo dos princípios da doutrina espírita e resposta às principais objeções que podem ser apresentadas [recurso eletrônico] / por Allan Kardec ; [tradução de Evandro Noleto Bezerra]. – Dados eletrônicos. – Brasília : Conselho Espírita Internacional, 2011.

264 p. ; 18 cm

Tradução de: Qu'est-ce que le spiritisme

ISBN 978-85-7328-627-4

ISBN 978-85-7945-190-4 (ebook)

1. Espiritismo. I. Kardec, Allan, 1804-1869. II. Bezerra, Evandro Noleto, 1949-. III. Federação Espírita Brasileira. IV. Título.

CDD 133.9

CDU 133.7

Preâmbulo

As pessoas que não conhecem o Espiritismo senão de modo superficial são, naturalmente, inclinadas a formular certas questões, cuja solução por certo encontrariam se o estudassem com mais profundidade. Falta-lhes, porém, o tempo e, muitas vezes, a vontade para se entregarem a observações contínuas. Antes de empreenderem essa tarefa, muitos desejam saber, pelo menos, do que se trata e se vale a pena se ocuparem com ela. Pareceu-nos, pois, de real utilidade apresentar resumidamente as respostas a algumas das principais perguntas que nos são diariamente dirigidas; isto será, para o leitor, uma espécie de iniciação, e, para nós, ganho de tempo por nos dispensar de repetir constantemente a mesma coisa.

O primeiro capítulo encerra, sob a forma de diálogos, respostas às objeções mais comumente feitas por aqueles que desconhecem os princípios fundamentais da Doutrina, bem como a refutação dos principais argumentos de seus contraditores. Esta modalidade nos pareceu a mais conveniente, por não ter a aridez da forma dogmática.

O segundo capítulo é consagrado à exposição sumária das partes da ciência prática e experimental, sobre as quais, na falta de uma instrução teórica completa, o observador inexperiente deve fixar a sua atenção para poder julgar com conhecimento de causa; é, de certa forma, um resumo de *O Livro dos Médiuns*. Ora, como na maioria das vezes as objeções nascem das ideias falsas, feitas, *a priori*, sobre aquilo que não se conhece bem, retificar essas ideias é prevenir as objeções que se possam fazer, sendo tal o objetivo deste pequeno trabalho.

O terceiro capítulo pode ser considerado como o resumo de *O Livro dos Espíritos*. É a solução, pela Doutrina Espírita, de certo número de problemas do mais alto interesse, de ordem psicológica, moral e filosófica que diariamente são propostos, e aos quais nenhuma filosofia deu ainda resposta satisfatória. Procurem resolvê-los por qualquer outra teoria, sem a chave que nos fornece o Espiritismo, e verão quais são as respostas mais lógicas, quais as que melhor satisfazem à razão.

Estes resumos não somente são úteis aos principiantes, que neles poderão, em pouco tempo e com pouca despesa, colher as noções mais essenciais da Doutrina Espírita, como também aos adeptos, pois lhes fornecem os meios para responderem às primeiras objeções que não deixarão de lhes apresentar, e, além disso, por encontrarem reunidos, em quadro restrito e sob um mesmo ponto de vista, os princípios que devem estar sempre presentes à sua memória.

Para responder, desde já e sumariamente, à pergunta formulada no título deste opúsculo, diremos que:

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que se podem estabelecer entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem de tais relações.

Podemos defini-lo assim:

O Espiritismo é uma Ciência que trata da origem e do destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corpóreo.

Pequena Conferência Espírita

Primeiro diálogo – O crítico

Segundo diálogo – O cético

Terceiro diálogo – O padre

CAPÍTULO I

Pequena Conferência Espírita

- Primeiro diálogo – O crítico
- Segundo diálogo – O cético
- Terceiro diálogo – O padre

Primeiro diálogo – O crítico

Visitante – Confesso-vos, senhor, que a minha razão recusa admitir a realidade dos fenômenos estranhos atribuídos aos Espíritos, pois estou convencido de que estes últimos só existem na nossa imaginação. Eu me curvaria, entretanto, diante da evidência, se disso tivesse provas incontestáveis; por isso, solicito-vos a permissão de assistir somente a uma ou duas experiências, para não ser indiscreto, a fim de convencer-me, caso seja possível.

Allan Kardec – Já que a vossa razão repele o que nós consideramos irrecusável, é porque a credes superior à de todas as pessoas que não compartilham de vossas opiniões. Não duvido do vosso talento e nem tenho a pretensão de supor a minha inteligência superior à vossa; admiti, pois, que eu esteja iludido, visto que é a vossa razão que vo-lo diz e não toquemos mais no assunto.

V. – Se, entretanto, conseguísseis convencer-me, visto que sou conhecido como antagonista das vossas ideias, isto seria um milagre eminentemente favorável à causa que defendeis.

A. K. – Lamento muito, senhor, mas não tenho o dom de fazer milagres. Julgais que bastariam uma ou duas sessões para adquirirdes convicção? Seria, realmente, um verdadeiro prodígio; eu precisei mais de um ano de trabalho para ficar convencido, o que prova que não cheguei a esse estado de forma leviana. Além disso,

senhor, não realizo sessões públicas e parece-me que vos enganastes sobre o fim das nossas reuniões, considerando-se que não fazemos experiências com vistas a satisfazer a curiosidade de quem quer que seja.

V. – Não procurais, pois, fazer prosélitos?

A. K. – Para que faríamos de vós um prosélito, quando não o quereis ser? Não forço convicção alguma. Quando encontro pessoas que sinceramente desejam instruir-se e me dão a honra de pedir-me esclarecimentos, respondo-lhes no limite dos meus conhecimentos, o que, para mim, é um prazer e um dever; quanto, porém, aos antagonistas, que, como vós, têm convicções arraigadas, não dou um passo para delas afastá-los, já que é grande o número dos que se mostram bem dispostos, para que possamos perder o nosso tempo com aqueles que não o estão. Mais cedo ou mais tarde a convicção virá, diante dos próprios fatos, de modo que os mais incrédulos serão arrastados pela torrente; por ora, alguns partidários, de mais ou de menos, não farão qualquer diferença na balança. É por isso que jamais me vereis incomodado para atrair, às nossas ideias, aqueles que, como vós, têm boas razões para fugir delas.

V. – Haveria, entretanto, mais interesse em convencer-me do que o supondes. Permitis que me explique com franqueza e prometeis-me não vos ofender com as minhas palavras? São as minhas ideias sobre a coisa em si e não sobre a pessoa a quem me dirijo; posso respeitar a pessoa, sem partilhar de suas opiniões.

A. K. – O Espiritismo me tem ensinado a não levar em conta essas mesquinhas suscetibilidades do amor-próprio, e a não me ofender com palavras. Se as vossas expressões saírem dos limites da urbanidade e das conveniências, apenas concluirei que sois um homem mal-educado. Quanto a mim, prefiro deixar que os outros fiquem com os erros a compartilhar deles. Só por isso já vedes que o Espiritismo serve para alguma coisa.

Como já vós disse, senhor, não tenho a pretensão de vos fazer adotar a minha opinião; respeito a vossa, se é sincera, como desejo

que respeiteis a minha. E, porque acreditais que o Espiritismo é um sonho sem sentido, por certo dissestes, vindo à minha casa: Vou ver um louco. Confessai-o francamente, pois com isso não me ofenderei. Todos os espíritas são loucos, é coisa sabida. Pois bem! Visto que julgais assim, receio transmitir-vos a minha enfermidade mental, causando-me surpresa ver que buscais, com tal pensamento, uma convicção que vos colocará no número dos loucos. Se já estais convencido de que não conseguiremos convencer-vos, vossa atitude é inútil, pois só terá por fim a curiosidade. Por favor, encerremos o assunto, pois não tenho tempo a perder em conversações sem objetivo.

V. – O homem pode enganar-se, deixar-se iludir, sem que por isso seja louco.

A. K. – Falai com clareza; dissei logo, como tantos outros, que isto é moda que durará certo tempo; mas deveis admitir que um passatempo que, em alguns anos, tem conquistado milhões de partidários em todos os países, que conta entre seus adeptos sábios de toda ordem, que se propaga de preferência nas classes mais esclarecidas, é mania singular, que merece ser examinada.

V. – Tenho minhas ideias a respeito, é verdade, mas elas não se acham tão absolutamente firmadas que eu não consinta em sacrificá-las à evidência. Já vos disse de outra vez, senhor, que teríeis certo interesse em me convencer. Confesso-vos que devo publicar um livro em que me proponho demonstrar *ex professo* (*sic*) a minha opinião sobre o que considero um erro; e como esse livro deve ter grande alcance, dando um golpe certo no Espiritismo, eu deixaria de publicá-lo caso ficasse convencido da realidade da vossa doutrina.

A. K. – Eu sentiria muito, senhor, que ficásseis privado do benefício que vos pode proporcionar um livro, que deve produzir tanto efeito; além disso, não tenho interesse algum em impedir a sua publicação; ao contrário, desejo-lhe grande circulação, pois assim ele nos servirá de prospecto e anúncio. Quando uma coisa é atacada, logo desperta a atenção das pessoas; há muita gente que

quer ver os prós e os contras, e a crítica faz aparecer a verdade, mesmo aos olhos daqueles que não a procuravam ali; é assim que muitas vezes, sem querer, se faz propaganda daquilo que se quer combater. Por outro lado, a questão dos Espíritos é tão palpitante, choca de tal modo a curiosidade, que basta assinalá-la à atenção para que nasça o desejo de aprofundá-la.[1]

V. – Então, segundo o vosso entendimento, a crítica para nada serve, a opinião pública não vale coisa alguma?

A. K. – Não considero a crítica como expressão da opinião pública, mas como juízo individual, que bem pode enganar-se. Lede a História e vereis quantos trabalhos importantes foram criticados ao aparecer, sem que isso os excluísse do número das grandes obras; mas quando uma coisa é má, não há elogio que a torne boa. *Se o Espiritismo é uma falsidade, ele cairá por si mesmo; se, porém, é uma verdade, não há diatribe que possa fazer dele uma mentira.* Vosso livro será uma apreciação pessoal, a refletir o vosso ponto de vista; a verdadeira opinião pública decidirá se julgastes com acerto. Procurarão examinar. Se, mais tarde, reconhecerem que vos enganastes, vosso livro se tornará ridículo como os que, até bem pouco tempo, foram publicados contra as teorias da circulação do sangue, da vacina etc.

Esquecia-me, porém, de que íeis tratar a questão *ex professo*, o que equivale a dizer que a estudastes sobre todos os seus aspectos; que vistes tudo o que se pode ver, lestes tudo o que se tem escrito sobre a matéria, analisastes e comparastes as diversas opiniões; que vos achastes nas melhores condições de observação pessoal; que durante anos lhe consagrastes as vossas vigílias; em suma: que nada desprezastes para chegar à constatação da verdade. Devo crer que assim aconteceu, se sois um homem sério, porque somente aquele que fez tudo isso tem o direito de dizer que fala com conhecimento de causa.

Que juízo formaríeis de um homem que se arvorasse em censor de uma obra literária ou de um quadro, embora não conhecesse a literatura, nem houvesse estudado a pintura? É de lógica elementar

que o crítico conheça, não superficialmente, mas a fundo, aquilo de que fala, sem o que a sua opinião não terá valor algum.

Para combater um cálculo é preciso que se lhe oponha outro cálculo, o que exige saber calcular. O crítico não deve limitar-se a dizer que tal coisa é boa ou má; é preciso que justifique a própria opinião por meio de uma demonstração clara e categórica, baseada sobre os princípios da arte ou da ciência a que pertence o objeto da crítica. Como poderá fazê-lo se ignora esses princípios? Podereis apreciar as qualidades ou os defeitos de determinada máquina se não conheceis a mecânica? Não! Pois bem: o vosso juízo acerca do Espiritismo, que, aliás, não conheceis, não teria mais valor do que a opinião que emitísseis sobre a aludida máquina. A cada passo seríeis apanhado em flagrante delito de ignorância, porque aqueles que têm estudado a matéria logo verão que a desconheceis, concluindo, por conseguinte, que não sois um homem sério ou que agis de má-fé. Quer num caso, quer noutro, arriscais-vos a receber desmentido pouco lisonjeiro ao vosso amor-próprio.

V. – É justamente para evitar esse perigo que vim pedir-vos permissão para assistir a algumas experiências.

A. K. – E julgais que isto vos baste para poder, *ex professo*, falar de Espiritismo? Como poderíeis compreender essas experiências e, com mais forte razão, julgá-las, se ainda não estudastes os princípios em que elas se baseiam? Como poderíeis apreciar o resultado, satisfatório ou não, de ensaios metalúrgicos, por exemplo, não conhecendo a fundo metalurgia? Permitti-me dizer-vos, senhor, que vosso projeto é absolutamente a mesma coisa que, não tendo estudado Matemática nem Astronomia, vos apresentásseis a um dos membros do Observatório, dizendo-lhe: “Senhor, quero escrever um livro sobre Astronomia e provar que o vosso sistema é falso; mas como desconheço os menores rudimentos dessa ciência, deixai que, por uma ou duas vezes, eu me sirva de vossa luneta, o que me bastará para ficar sabendo tanto quanto vós”.

É somente por extensão de sentido que a palavra *criticar* se tornou sinônima de *censurar*; em sua acepção própria e segundo a etimologia, ela significa *julgar, apreciar*. A crítica pode, pois, ser aprovativa ou desaprovativa. Fazer a crítica de um livro não é necessariamente condená-lo; quem empreende essa tarefa deve fazê-lo sem ideias preconcebidas; porém, se antes de abrir o livro, já o condena em pensamento, o exame não pode ser imparcial.

Este é o caso da maioria dos que têm falado contra o Espiritismo. Formaram uma opinião apenas sobre o nome, fazendo qual juiz que proferisse uma sentença sem antes examinar as peças do processo. Tal julgamento é, por conseguinte, inteiramente falso e, em vez de convencer, tem provocado riso. Quanto às pessoas que estudaram seriamente a questão, a maior parte mudou de ideia, e mais de um adversário se tem tornado adepto do Espiritismo, ao reconhecer que o seu objetivo é muito diferente daquele que imaginava.

V. – Falais do exame dos livros em geral; acreditais que seja materialmente possível a um jornalista ler e estudar todos os que lhe passam pelas mãos, sobretudo quando se ocupam com teorias novas, que lhe seria preciso aprofundar e verificar? Seria o mesmo que exigir de um impressor que ele lesse todas as obras saídas de sua impressora.

A. K. – A tão judicioso raciocínio não tenho outra resposta a dar senão que, quando nos falta o tempo para fazer conscienciosamente uma coisa, é melhor não fazê-la; é preferível produzir um só trabalho bom a fazer dez ruins.

V. – Não julgueis, senhor, que minha opinião se tenha formado levianamente; vi mesas girarem e produzirem sons; vi pessoas que supunham escrever sob a influência dos Espíritos; estou, porém, convencido de que em tudo isso só havia charlatanismo.

A. K. – Quanto pagastes para ver essas coisas?

V. – Absolutamente nada, garanto.

A. K. – Ora, aí tendes charlatães de uma espécie singular, que vão reabilitar o nome da sua classe. Até hoje ainda não se tinha visto charlatães desinteressados. Pelo fato de um gaiato se ter divertido assim, não se segue que as outras pessoas presentes hajam pactuado com ele. Aliás, com que fim elas se fariam cúmplices de uma mistificação? Para divertir a sociedade, direis... Concordo em que elas se prestassem alguma vez a tal brincadeira; quando, porém, essa brincadeira dura meses e anos, creio que o mistificado é o próprio mistificador. Será crível que, só pelo prazer de fazer que acreditem em uma coisa que ele sabe ser falsa, alguém vá passar horas inteiras à volta de uma mesa? Tal prazer não valeria a pena.

Antes de julgar isso uma fraude, é preciso, primeiro, indagar que interesse havia em enganar. Ora, não deixareis de convir que há situações que excluem toda suspeita de embuste; pessoas cujo caráter já é uma garantia de probidade.

Outro tanto não se daria se se tratasse de uma especulação, porque a tentação do ganho é má conselheira. Mas, admitindo mesmo que, neste último caso, ficasse bem comprovado uma manobra fraudulenta, isto não provaria coisa alguma contra a realidade do princípio, já que se pode abusar de tudo. Por vender-se vinho falsificado, não se deve concluir que não existe vinho puro. O Espiritismo não é mais responsável pelos atos daqueles que abusam e exploram o seu nome do que o é a ciência médica pelos atos dos charlatães que vendem suas drogas, ou a religião pelas ações dos maus sacerdotes, que corrompem o seu ministério.

Por sua novidade e mesmo por sua natureza, o Espiritismo se presta a abusos; ele, porém, fornece os meios para que os reconheçam, definindo claramente seu verdadeiro caráter e recusando toda solidariedade com aqueles que o explorassem ou desviassem do seu fim exclusivamente moral, para transformá-lo em meio de vida, em instrumento de adivinhação ou de investigações fúteis.

Considerando-se que o próprio Espiritismo traça os limites em que se encerra, define o que pode ou não dizer ou fazer, o que está

ou não em suas atribuições, o que aceita e o que repudia, toda falta recai sobre aqueles que, não se dando ao trabalho de estudá-lo, o julgam pelas aparências e que, por terem encontrado saltimbancos adornando-se sob o nome de *espíritas*, para atrair as pessoas, dizem com gravidade: eis o que é o Espiritismo. Sobre quem, afinal, cairá o ridículo? Não será sobre o saltimbanco, que usa do seu ofício, nem sobre o Espiritismo, cuja doutrina escrita desmente tais asserções, mas sobre os críticos, que falam do que não sabem ou deturpam conscientemente a verdade. Aqueles que atribuem ao Espiritismo o que é contrário à sua essência fazem-no por ignorância ou má intenção; no primeiro caso há leviandade, no segundo, má-fé. Neste último caso, eles se assemelham a certos historiadores que, no interesse de sustentar um partido ou uma opinião, alteram os fatos históricos. Um partido que usa de tais meios fica desacreditado e não consegue o seu objetivo.

Notai bem, cavalheiro, que eu não pretendo que a crítica deva necessariamente aprovar nossas ideias, mesmo depois de as haver estudado; não criticamos de forma alguma aqueles que não pensam como nós. O que é evidente para nós pode não ser para vós outros; cada qual julga as coisas sob o seu ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas consequências. Se um pintor, por exemplo, figura em seu quadro um cavalo branco, não faltará quem diga que essa cor não lhe fica bem, que a cor negra conviria mais, e nisto não cometerá erro; errará, porém, se, vendo que o cavalo é branco, afirmar que é negro. É o que faz a maioria dos nossos adversários.

Em resumo, senhor, todos têm inteira liberdade para aprovar ou censurar os princípios do Espiritismo, para deduzir deles as consequências boas ou más que lhes aprouver, porém a consciência impõe a todo crítico sério a obrigação de não dizer o contrário do que ele sabe que é. Ora, para isso, a primeira condição é ele não falar do que não conhece.

V. – Voltemos, por favor, às mesas girantes e falantes. Não poderia acontecer que elas fossem preparadas com algum artifício?

A. K. – É sempre a mesma questão de boa-fé, a que já respondi. Quando a fraude for provada, eu vo-la reconhecerei; se descobrires fatos *comprovados* de embuste, charlatanismo, especulação ou abuso de confiança, fustigai-os e eu desde já vos declaro que não lhes tomarei a defesa, porque o Espiritismo sério é o primeiro a repudiá-los, e quem denunciar tais abusos o auxilia no trabalho de preveni-los e lhe presta importante serviço. Mas generalizar essas acusações, lançar sobre grande número de pessoas honradas a reprovação que só merecem alguns indivíduos isolados, é um abuso de outro gênero, porque é uma calúnia.

Se, como dissestes, admitíssemos que as mesas estivessem preparadas, seria preciso que o mecanismo empregado fosse bem engenhoso para fazê-las produzir movimentos e sons tão variados. Como, então, não se havia de conhecer o nome do hábil artista que os fabricou? Entretanto, ele deveria gozar de grande celebridade, visto que seus aparelhos estão espalhados pelas cinco partes do mundo. Dever-se-á admitir, também, que o seu processo é bem sutil, para poder adaptar-se à primeira mesa que se apresente, sem deixar sinal algum exterior que o denuncie. Como explicar que, desde Tertuliano, que já tratava das mesas girantes e falantes, até o presente, ninguém conseguiu ver nem descrever tal mecanismo?

V. – Eis o que vos ilude. Um célebre cirurgião reconheceu que certas pessoas podem, pela contração de um músculo da perna, produzir um ruído semelhante ao que atribuíis à mesa, concluindo do fato que os médiuns se divertem à custa da credulidade dos assistentes.

A. K. – Se é um estalido do músculo, não é então a mesa que está preparada. Visto que cada um explica a seu modo essa suposta fraude, fica provado que a verdadeira causa não é sabida.

Respeito a ciência desse sábio cirurgião; entretanto, somente acho que se apresentam algumas dificuldades da aplicação, às mesas falantes, da teoria indicada. A primeira é que é singular que essa faculdade, até o presente excepcional e encarada como um caso patológico, de repente se tenha tornado comum; a segunda, que é

preciso ter muita vontade de mistificar para fazer estalar o músculo durante duas ou três horas seguidas, quando disso só resulta fadiga e dor; a terceira, que eu não compreendo bem como pode esse músculo responder às portas e paredes em que as pancadas são ouvidas; a quarta, finalmente, que é preciso dar a esse músculo estalante uma propriedade excepcional para que ele possa mover uma pesada mesa, levantá-la, abri-la, fechá-la, mantê-la suspensa sem ponto de apoio e, finalmente, fazê-la rebentar-se ao cair. Ninguém, por certo, desconfiava que esse músculo possuísse tanta virtude... (*Revista Espírita*, junho de 1859 – “O músculo estalante”).

O célebre cirurgião, de que falais, teria estudado o fenômeno da tiptologia sobre os indivíduos que os produzem? Não; ele constatou um efeito fisiológico anormal em algumas pessoas que nunca se ocuparam com mesas batedoras e, notando certa analogia entre esse efeito e o que essas mesas produzem, sem mais amplo exame concluiu, com toda a autoridade de sua ciência, que todos os que fazem com que as mesas falem devem ter a propriedade de fazer estalar o músculo curto-perônio, não passando de embusteiros, sejam eles príncipes ou operários, recebam ou não um pagamento. Ora, será que o referido cirurgião estudou, ao menos, o fenômeno da tiptologia em todas as suas fases? Verificou, por meio desse estalido muscular, se podia produzir todos os efeitos tiptológicos? Não; porque, do contrário, ele ficaria convencido da insuficiência do seu processo, o que não o impediu, porém, de proclamar sua descoberta em pleno Instituto de França. Não será tal juízo bastante comprometedor para um sábio? Quem pensa hoje nessa opinião? Confesso-vos que, se me tivesse de sujeitar a uma operação cirúrgica, hesitaria muito a me confiar a esse médico, temeroso de que ele não julgasse o meu mal com mais perspicácia.

E já que esse juízo procede de uma das autoridades em que pareceis querer apoiar-vos para aniquilar o Espiritismo, fico completamente sossegado quanto à força dos outros argumentos que quereis validar, a menos que os procureis em fontes mais autênticas.

V. – Entretanto, bem vedes que já passou a moda das mesas girantes, que durante algum tempo fizeram furor. Hoje, ninguém mais se ocupa com elas. Qual a razão disso, pois que se trata de uma coisa séria?

A. K. – Porque das mesas girantes saiu uma coisa mais séria ainda: uma ciência e uma doutrina filosófica completas, do máximo interesse para os homens que refletem. Quando estes nada mais tiveram a aprender com a “dança” das mesas, não mais se ocuparam com elas. Para as pessoas fúteis, que nada querem aprofundar, esse fenômeno era um passatempo, um divertimento, que abandonaram quando dele se aborreceram. São pessoas com as quais a ciência não conta.

O período da curiosidade teve o seu tempo; sucedeu-lhe o da observação. O Espiritismo entrou, então, no domínio da gente séria, que com ele não se quer divertir, mas instruir-se. Por isso, as pessoas que o consideram como coisa grave não se prestam a qualquer experiência de curiosidade, e ainda menos a satisfazer a daqueles que se apresentam com pensamentos hostis; como não brincam, também não querem servir de brinquedo para os outros. Eu pertença a esse número.

V. – No entanto, somente a experiência pode convencer, mesmo aquele que, no início, seja movido pela curiosidade. Se só trabalhais na presença de pessoas convictas, permiti que vos diga o seguinte: ensinai a quem já sabe.

A. K. – Uma coisa é estar convencido, e outra é estar disposto a convencer-se; é a estes últimos que me dirijo e não aos que julgam humilhação vir escutar o que eles chamam devaneios. Com estes eu não me preocupo de modo algum. Quanto aos que manifestam sincero desejo de esclarecer-se, o melhor modo que têm para prová-lo é mostrar perseverança; são reconhecidos por outros sinais, e não apenas pelo desejo de ver uma ou duas experiências: esses querem trabalhar seriamente.

A convicção só se adquire com o tempo, por meio de uma série de observações feitas com cuidado todo particular. Os fenômenos espíritas diferem essencialmente dos que apresentam as nossas ciências exatas: não se produzem à vontade; é preciso que os colhamos de passagem. É observando muito e por muito tempo que se descobre uma porção de provas que escapam à primeira vista, sobretudo quando não se está familiarizado com as condições em que se pode encontrá-las, e ainda mais quando se vem com o espírito prevenido. As provas abundam para o observador assíduo e refletido: uma palavra, um fato aparentemente insignificante é, para ele, um raio de luz, uma confirmação; já para o observador superficial, ou que observa os fenômenos por simples curiosidade, os fatos não têm sentido. Esta a razão por que não me presto a fazer experiências sem resultado provável.

V. – Enfim, tudo deve ter começo. O aprendiz, que nada sabe, que nada viu, mas que deseja esclarecer-se, como poderá fazê-lo, se não lhe facultais os meios?

A. K. – Faço grande distinção entre o incrédulo por ignorância e o incrédulo por sistema. Quando descubro alguém com disposições favoráveis, nada me custa esclarecê-lo; mas há pessoas em quem a vontade de instruir-se é apenas aparente; com estas perde-se o tempo, porque, se não encontram logo o que parecem buscar, e que talvez as incomodasse, se aparecesse, o pouco que veem não é suficiente para lhes destruir as prevenções; julgam mal os resultados obtidos e os transformam em objeto de zombaria, não havendo, por conseguinte, qualquer utilidade em lhos fornecer.

A quem deseja instruir-se, direi: “Não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de Física ou de Química, visto que ninguém é senhor de produzir os fenômenos espíritas à vontade, e que as inteligências desses agentes fazem que se frustrem, muitas vezes, todas as nossas previsões. Aqueles que acidentalmente poderíeis ver não apresentam nexos algum, nem ligação necessária, sendo, portanto, pouco inteligíveis para vós. Instruí-vos primeiramente pela teoria, lede e meditai as obras que

tratam dessa ciência; nelas aprendereis os princípios, encontrareis a descrição de todos os fenômenos, compreenderéis a possibilidade deles pela explicação que elas vos darão, e pela descrição de grande número de fatos espontâneos de que pudestes ser testemunha sem os compreender, mas que vos voltarão à memória. Estareis em condições de apreciar e julgar todas as dificuldades que possam surgir e formareis, desse modo, uma primeira convicção moral. Então, quando se vos apresentar a ocasião de observar ou operar pessoalmente, compreenderéis, qualquer que seja a ordem em que os fatos se mostrem, porque nada vereis de estranho”.

Eis aí, meu caro senhor, o que aconselho a todos que dizem querer instruir-se, e, pela resposta que dão, se neles há alguma coisa além da curiosidade.

Segundo diálogo – O cético

V. – Compreendo, cavalheiro, a utilidade do estudo preliminar de que acabais de falar. Como predisposição pessoal, dir-vos-ei que não sou a favor nem contra o Espiritismo, mas esse assunto me excita o interesse no mais alto grau. Entre as pessoas do meu conhecimento, há partidários e adversários dele; tenho ouvido argumentos muito contraditórios a respeito e me propunha submeter-vos algumas das objeções que foram feitas em minha presença e que me parecem de certo valor, ao menos para mim, que vos confesso total ignorância a respeito.

A. K. – Será um prazer, senhor, responder às perguntas que me quiserdes dirigir, desde que sejam feitas com sinceridade e sem segundas intenções, embora eu não tenha a pretensão de poder responder a todas. O Espiritismo é uma ciência que acaba de nascer e da qual resta ainda muito a aprender; seria, pois, grande presunção de minha parte querer remover todas as dificuldades; só poderei dizer o que sei.

O Espiritismo prende-se a todos os ramos da Filosofia, da Metafísica, da Psicologia e da Moral; é um campo imenso que não

pode ser percorrido em algumas horas. Haveis de compreender, senhor, que me seria materialmente impossível repetir de viva voz e a cada um em particular tudo quanto tenho escrito sobre essa matéria, para uso geral. Fazendo uma leitura prévia, cada indivíduo encontrará resposta à maior parte das questões que lhe venham naturalmente à mente; essa leitura tem a dupla vantagem de evitar repetições inúteis e de provar o sincero desejo de instruir-se. Se, depois dela, ainda restarem dúvidas ou pontos obscuros, sua explicação se tornará mais fácil, porque já se possui um ponto de apoio e não se precisa perder tempo em rever os princípios mais elementares. Se o permitirdes, limitar-nos-emos, até nova ordem, a algumas questões genéricas.

V. – Tudo bem; tende a bondade de chamar-me à ordem sempre que eu dela me afaste.

Espiritismo e Espiritualismo

V. – Pergunto-vos, em primeiro lugar, qual a necessidade da criação de novos termos: *espírita* e *espiritismo*, para substituir: *espiritualista* e *espiritualismo*, que existem na língua vulgar e são por todos compreendidos? Já ouvi alguém classificar tais termos de *barbarismos*.

A. K. – Há muito tempo a palavra *espiritualista* já tem uma aceção bem determinada; é a Academia Francesa que no-la dá: *Espiritualista, aquela pessoa cuja doutrina é oposta ao materialismo*.

Todas as religiões são necessariamente fundadas sobre o espiritualismo. Quem quer que creia que em nós existe outra coisa, além da matéria, é *espiritualista*, o que não implica a crença nos Espíritos e nas suas manifestações. Como o podereis distinguir daquele que tem esta crença? Sereis obrigado a vos servirdes de uma perífrase e dizer: É um espiritualista que crê ou não crê nos Espíritos.

Para coisas novas precisamos de palavras novas, a fim de evitarmos os equívocos. Se eu tivesse dado à minha *Revista* a qualificação de *espiritualista*, não lhe teria especificado o objetivo, porque, sem desmentir-lhe o título, bem poderia nada dizer nela sobre os Espíritos, e até combatê-los.

Algum tempo atrás, li num jornal, a propósito de uma obra filosófica, um artigo em que se dizia que o seu autor a teria escrito do ponto de vista *espiritualista*. Ora, os partidários dos Espíritos ficariam singularmente desapontados se, confiando nessa indicação, acreditassem encontrar alguma concordância entre o que ela ensina e as ideias por eles admitidas. Se adotei os termos *espírita*, *espiritismo*, é porque eles exprimem, sem equívoco, as ideias relativas aos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente *espiritualista*, mas nem todos os *espiritualistas* são *espíritas*. Ainda que os Espíritos fossem uma quimera, havia utilidade em adotar termos especiais para designar o que a eles se refere, visto que as ideias falsas, assim como as verdadeiras, devem ser expressas por termos próprios.

Além disso, essas palavras não são mais bárbaras do que as outras que as ciências, as artes e a indústria diariamente estão criando; com certeza, elas não o são mais do que aquela que Gall imaginou para a sua nomenclatura das faculdades, como: *secretividade*, *combatividade*, *alimentatividade*, *afecionividade* etc. Há pessoas que, por espírito de contradição, criticam tudo que não provém delas, tomando ares de opositoristas; aqueles que assim provocam tão pequeninas chicanas não provam senão uma coisa: a pequenez de suas ideias. Agarrar-se a tais bagatelas é demonstrar falta de boas razões.

As palavras *espiritualismo*, *espiritualista* são inglesas, e têm sido empregadas nos Estados Unidos desde que começaram a surgir as manifestações dos Espíritos; no início, e durante algum tempo, elas também foram empregadas na França; logo, porém, que apareceram os termos *espírita*, *espiritismo*, compreendeu-se a sua utilidade e foram imediatamente aceitos pelo público. Hoje, seu uso

está tão generalizado que os próprios adversários, aqueles que no princípio os classificavam de barbarismos, não empregam outros. Os sermões e as pastorais que fulminam o *Espiritismo* e os *espíritas* viriam produzir enorme confusão se fossem dirigidos ao *espiritualismo* e aos *espiritualistas*.

Bárbaros ou não, esses termos estão hoje incluídos na língua usual e em todas as línguas da Europa; são os únicos empregados em todas as publicações, favoráveis ou contrárias, feitas em todos os países. Eles ocupam o topo da coluna da nomenclatura da nova ciência; para exprimir os fenômenos especiais dessa ciência, tínhamos necessidade de termos especiais; o Espiritismo hoje possui a sua nomenclatura, tal como a Química.^[2]

As palavras *espiritualismo* e *espiritualista*, aplicadas às manifestações dos Espíritos, não são hoje mais empregadas, salvo pelos adeptos da escola americana.

Dissidências

V. – Essa diversidade, na crença daquilo a que chamais uma ciência, é, parece-me, a sua condenação. Se ela se baseasse em fatos positivos, não deveria ser a mesma na América e na Europa?

A. K. – A isso responderei, primeiramente, que tal divergência existe mais na forma do que no fundo; na verdade, ela apenas se limita ao modo de encarar alguns pontos da Doutrina, e não constitui um antagonismo radical nos princípios, como afirmam os nossos adversários, por não haverem estudado a questão.

Dizei-me, porém, qual a ciência que, em seu começo, não suscitou dissidências, até que seus princípios ficassem claramente estabelecidos? Mesmo hoje, não encontramos essas dissidências nas ciências mais bem constituídas? Estarão os sábios de perfeito acordo sobre todos os pontos? Não têm eles os seus sistemas particulares? As sessões do Instituto de França apresentam sempre o quadro de perfeito e cordial entendimento? Em Medicina não há a Escola de Paris e a de Montpellier? Cada descoberta, em qualquer

ciência, não tem produzido cisma entre os que querem adiantar-se e os que desejam ficar na retaguarda?

No que concerne ao Espiritismo, não será natural que, ao surgirem os primeiros fenômenos, quando eram ignoradas as leis que os regem, cada pessoa tivesse um sistema e houvesse encarado os fatos à sua maneira? Onde estão hoje esses sistemas primitivos isolados? Caíram todos ante uma observação mais completa dos fatos. Bastaram apenas alguns anos para que ficasse estabelecida a unidade grandiosa que hoje prevalece na Doutrina, e que congrega a imensa maioria dos adeptos, com exceção de algumas individualidades que, nesta como em todas as coisas, se aferram às ideias primitivas e morrem com elas. Qual a ciência, qual a doutrina filosófica ou religiosa que oferece um exemplo igual? Terá o Espiritismo apresentado a centésima parte das cisões que, durante tantos séculos, dividiram a Igreja e ainda hoje a dividem?

É realmente curioso ver as puerilidades a que recorrem os adversários do Espiritismo; não indicará isso uma falta de argumentos sérios? Se eles os tivessem, não deixariam de fazê-los valer. Que lhe opõem? Zombarias, negações, calúnias; nunca, porém, argumentos decisivos; e a prova de não lhe terem achado um ponto vulnerável é que nada pôde deter-lhe a marcha ascendente e que, apenas com dez anos de vida, ele já conta tal número de adeptos como ainda nenhuma seita contou depois de um século de existência. É fato comprovado e reconhecido por seus próprios adversários. Para aniquilá-lo, não era bastante dizer: isto não é possível, isto é absurdo. Seria preciso demonstrar categoricamente que os fenômenos não se produzem, não podem produzir-se; e é o que ninguém ainda fez.

Fenômenos espíritas simulados

V. – Não estará provado que, fora do Espiritismo, esses mesmos fenômenos podem produzir-se? E não podemos concluir disso que eles não têm a origem que os espíritas lhes atribuem?

A. K. – Só porque se pode imitar uma coisa, deve-se concluir que ela não exista? Que diríeis da lógica daquele que pretendesse que, por se fabricar com água de Seltz o vinho de champanha, todo o vinho desta espécie não passa de água de Seltz? Isto é inerente a todas as coisas que apresentam a possibilidade de gerar falsificações. Alguns prestidigitadores acreditaram que o nome de *espiritismo*, por causa da sua popularidade e das controvérsias de que era objeto, podia servir a explorações e, para atrair a multidão, simularam, mais ou menos grosseiramente, alguns fenômenos mediúnicos como outrora haviam simulado a clarividência sonambúlica, sendo aplaudidos por todos os gaiatos que, bradando, diziam: Eis aí o que é o Espiritismo!

Quando foi encenada no teatro a engenhosa produção dos espectros, não se proclamou que o Espiritismo recebia o seu golpe fatal? Antes de pronunciar tão positiva sentença, deveriam refletir que as asserções de um escamoteador não são palavras de um evangelho, certificando-se, primeiro, se há identidade real entre a imitação e a coisa imitada. Ora, ninguém compra um brilhante sem antes averiguar se não se trata de uma pedra falsa. Um estudo, mesmo pouco acurado, tê-los-ia convencido de serem completamente outras as condições em que se dão os fenômenos espíritas; eles, além disso, ficariam sabendo que os espíritas não se ocupam com o aparecimento de espectros nem se prestam à leitura da buena-dicha.

Só a malevolência e uma absoluta má-fé foram capazes de confundir o Espiritismo com a magia e a feitiçaria, já que ele repudia o fim, as práticas, as fórmulas e as palavras místicas destas últimas. Alguns chegaram mesmo a comparar as reuniões espíritas às assembleias do sabá, nas quais se espera soar a hora fatal da meia-noite para que os fantasmas apareçam.

Um espírita, amigo meu, assistia um dia à representação de *Macbeth*, ao lado de um jornalista que ele não conhecia. Quando chegou a cena das feiticeiras, ele ouviu o vizinho dizer: “Olha! Vamos assistir a uma sessão espírita; é justamente o que precisava

para o meu próximo artigo; vou saber agora como as coisas se passam. Se eu encontrasse por aqui algum desses loucos, perguntar-lhe-ia se ele se reconhece no quadro que tem diante dos olhos”. – “Eu sou um deles” – disse-lhe o espírita –, “e posso garantir-vos que nada vejo que se pareça com o que presencio; tenho assistido a centenas de reuniões espíritas, e nelas nada encontrei que se assemelhe a isto. Se é aqui que vindes colher argumentos para o vosso artigo, garanto que ele não primará pela veracidade.”

Muitos críticos não têm base mais sólida. Sobre quem, pois, cairá o ridículo, a não ser sobre aqueles que caminham com tanta leviandade? Quanto ao Espiritismo, seu crédito, longe de sofrer com isso, tem crescido pela repercussão que causam essas manobras, chamando para ele a atenção de muita gente que nem sequer pensava nele; os ataques provocaram o exame e contribuíram para aumentar o número dos seus adeptos, porque então se reconheceu que, em vez de brincadeira, ele era coisa séria.

Impotência dos detratores

V. – Convenho que, entre os detratores do Espiritismo, há muita gente que age com leviandade, como esses que acabais de citar; mas, ao lado deles, não se encontrarão também homens de real valor, cujas opiniões têm certo peso?

A. K. – Não o contesto absolutamente. A isso respondo que o Espiritismo também conta em suas fileiras muitos homens de não menos real valor; digo-vos mais, que a imensa maioria dos espíritas se compõe de homens inteligentes e estudiosos; só a má-fé pode dizer que seus adeptos são recrutados entre as mulheres simplórias e as massas ignorantes.

Um fato decisivo responde, além disso, a essa objeção: é que, apesar de todo o saber, de todo o poder oficial, ninguém consegue deter a marcha do Espiritismo. Entretanto, não há um só de seus adversários, seja ele o mais obscuro folhetinista, que não se tenha vangloriado de lhe haver dado um golpe mortal; todos, sem exceção,

mesmo sem o quererem, concorreram para a sua vulgarização. Ora, uma ideia que resiste a tantos assaltos, que avança sem nada temer pela chuva de dardos que lhe atiram, não provará a sua força e a segurança das bases em que se firma? Não será esse fenômeno digno da atenção dos pensadores sérios? É por isso que muitos deles dizem hoje que deve haver nisso alguma coisa de real, que talvez seja um desses grandes movimentos irresistíveis que, periodicamente, abalam as sociedades para transformá-las.

Assim tem sucedido com todas as ideias novas, chamadas a revolucionar o mundo; sempre encontrarão obstáculos, porque lutam contra os interesses, os prejuízos, os abusos que elas vêm destruir. Como, porém, estão nos desígnios de Deus, para que se cumpra a lei do progresso da Humanidade, quando a hora chegar, nada poderá detê-las, o que vem provar que são a expressão da verdade.

Como já disse, essa impotência dos adversários do Espiritismo vem provar, em primeiro lugar, que lhes faltam boas razões, pois não são convincentes as que lhe opõem; ela resulta ainda de outra causa que anula todas as suas combinações. Admiram-se de ver o desenvolvimento dessa doutrina, a despeito de tudo o que fazem para detê-la; mas se não conseguem achar o motivo, é por não o buscarem onde ele realmente está. Uns o enxergam no grande poder do diabo, que assim se mostra mais forte que eles e até mais forte que Deus; outros o veem no aumento da loucura humana.

O erro de todos está em crerem que a fonte do Espiritismo é uma só, e que se baseia na opinião de um único homem; daí a ideia de que poderão arruiná-lo, refutando essa opinião; procuram na Terra uma coisa que só achariam no Espaço. É que essa fonte do Espiritismo não se acha num ponto, mas em toda parte, porque os Espíritos se manifestam em todos os lugares, em todos os países, tanto no palácio, como na choupana. A verdadeira causa está, pois, na própria natureza do Espiritismo, cuja força não provém de uma só fonte, mas permite a cada um receber comunicações diretamente dos Espíritos e por elas certificar-se da realidade dos fatos.

Como convencer milhões de indivíduos de que tudo isso não passa de comédia, charlatanismo, escamoteação, prestidigitação, quando são eles próprios que obtêm tais resultados, sem o concurso de quem quer que seja? Dever-se-á fazê-los crer que eles se mistifiquem a si mesmos, que a si mesmos procurem enganar fazendo o papel de charlatães e escamoteadores?

Essa universalidade das manifestações dos Espíritos, que surgem em todos os pontos do globo para desmentir os detratores e confirmar os princípios da Doutrina, é uma força que não podem explicar os que desconhecem o mundo invisível, do mesmo modo que não compreendem a rapidez com que se transmite um telegrama aqueles que desconhecem as leis dos fenômenos elétricos. É contra essa força que todas as negações se vêm quebrar, exatamente como se alguém pretendesse afirmar, aos que sentem a ação dos raios solares, que o Sol não existe.

Fazendo-se abstração das qualidades da Doutrina, que agrada muito mais do que as que lhe são opostas, deve-se ver em tudo isso a causa dos insucessos dos que tentam deter sua marcha; para que triunfassem, seria preciso que impedissem os Espíritos de se manifestarem. Esta a razão por que os espíritas ligam tão pouca importância às manobras dos adversários; eles têm a seu favor a experiência e a autoridade incontestável dos fatos.

O maravilhoso e o sobrenatural

V. – O Espiritismo tende, evidentemente, a fazer reviver as crenças fundadas no maravilhoso e no sobrenatural. Ora, no século positivo em que vivemos, isto me parece difícil porque é exigir que se acredite nas superstições e nos erros populares, já condenados pela razão.

A. K. – Uma ideia só é supersticiosa quando falsa; deixa de o ser desde que seja reconhecida verdadeira. A questão está, pois, em saber se os Espíritos se manifestam ou não; ora, não podeis tachar a coisa de superstição enquanto não ficar *provado* que ela não existe.

Direis: a minha razão se recusa a admitir isto; porém, os que creem e que não são tolos invocam também as suas razões e, além disso, os fatos; qual das duas razões deve prevalecer? O grande juiz, nesta questão, é o futuro, como tem sido em todas as questões científicas e industriais classificadas como absurdas e impossíveis em sua origem.

Pretendeis julgar *a priori* segundo a vossa opinião; nós só o fazemos depois de ter visto e observado por muito tempo. Acresce que o Espiritismo esclarecido, como o é hoje, procura, ao contrário, destruir as ideias supersticiosas, ao mostrar o que há de real e de falso nas crenças populares, denunciando o que nelas existe de absurdo, fruto da ignorância e dos preconceitos.

Vou mais longe ainda e digo que é justamente o positivismo do século que nos leva a adotar o Espiritismo, e que este deve, em parte, ao positivismo a rapidez da sua propagação, e não, como alguns pretendem, a uma recrudescência do amor ao maravilhoso e ao sobrenatural. O sobrenatural desaparece à luz do facho da Ciência, da Filosofia e da Razão, como os deuses do paganismo desapareceram ante o brilho do Cristianismo. Sobrenatural é tudo o que está fora das Leis da Natureza. O positivismo nada admite que escape à ação dessas leis; mas, porventura, ele as conhece todas?

Em todos os tempos foram considerados sobrenaturais os fenômenos cuja causa não era conhecida; porém, cada nova lei descoberta pela Ciência fazia recuar os limites do sobrenatural. Pois bem! O Espiritismo vem revelar uma nova lei, segundo a qual a conversação com o Espírito de um morto repousa sobre um fato tão natural como o que se dá por intermédio da eletricidade, entre dois indivíduos separados por uma distância de cem léguas. O mesmo acontece com os outros fenômenos espíritas.

O Espiritismo repudia, dentro daquilo que lhe diz respeito, todo efeito maravilhoso, isto é, fora das Leis da Natureza; ele não faz milagres nem prodígios, antes explica, em virtude de uma dessas leis, certos efeitos reputados até agora como milagres e prodígios, demonstrando, assim, a sua possibilidade. Ele amplia, portanto, o

domínio da Ciência, e é nisto que ele próprio se torna uma ciência; como, porém, a descoberta dessa nova lei traz consequências morais, o código das consequências faz dele, ao mesmo tempo, uma doutrina filosófica.

Sob este último ponto de vista, ele corresponde às aspirações do homem no que se refere ao seu futuro; e como a sua teoria do futuro repousa sobre bases positivas e racionais, ela agrada ao espírito positivo do nosso século. É o que compreendereis quando vos derdes ao trabalho de estudá-lo. (*O Livro dos Médiuns*, cap. II; *Revista Espírita*, dezembro de 1861 e janeiro de 1862: “O sobrenatural”.)

Oposição da Ciência

V. – Dissestes que vos apoiáis em fatos; mas é a opinião dos sábios, daqueles que os contestam, ou os explicam de modo diferente do vosso, que se opõe a vós. Por que eles não deram a devida atenção ao fenômeno das mesas girantes? Se nisso houvessem notado alguma coisa séria, parece-me que não desprezariam fatos tão extraordinários e nem os repeliriam com desdém; no entanto, são todos eles contra vós. Os sábios não serão os faróis das nações, e o dever deles não será espalhar a luz? Por que teriam deixado de fazê-lo quando se lhes apresentava tão bela ocasião de revelar ao mundo a existência de uma nova força?

A. K. – Traçastes o dever dos sábios de modo admirável; é de lamentar-se, porém, que eles o tenham esquecido em mais de uma ocasião. Mas, antes de responder à vossa judiciosa observação, cumpre-me assinalar um erro grave que cometestes dizendo que todos os sábios são contra nós.

Como vos disse há pouco, é justamente na classe ilustrada que o Espiritismo faz maior número de prosélitos, e isto em todos os países do mundo; entre seus adeptos há grande número de médicos de todas as nações. Ora, os médicos são homens de ciência; os magistrados, os professores, os artistas, os homens de letras, os

oficiais, os altos funcionários, os grandes dignitários, os eclesiásticos etc., que se agrupam ao redor da sua bandeira, não são pessoas em quem não se deva reconhecer certa dose de ilustração. Então só há sábios na ciência oficial e nos corpos constituídos?

Pelo fato de ainda não ter o Espiritismo adquirido direito de cidadania na ciência oficial, merecerá ser condenado? Se nunca a Ciência se houvesse enganado, sua opinião teria, nesse caso, grande peso na balança; infelizmente, a experiência prova o contrário. A Ciência não repeliu como quimeras uma porção de descobertas que, mais tarde, ilustraram a memória de seus autores? Não foi devido a um parecer do nosso primeiro corpo científico que a França se absteve da iniciativa do vapor? Quando Fulton veio ao campo de Boulogne apresentar o seu plano a Napoleão I, que confiou o exame imediato ao Instituto, não concluiu este que aquilo era um sonho *impraticável* e que não se devia ocupar com ele? Devemos daí concluir que os membros do Instituto são ignorantes e que sejam justificados os epítetos triviais que, à força de mau gosto, certas pessoas se comprazem em prodigalizar-lhes? Certo que não; não há pessoa sensata que não faça justiça ao seu saber eminente, sem, contudo, deixar de reconhecer que eles não são infalíveis e, portanto, que as suas sentenças não são inapeláveis, sobretudo no que se refere a ideias novas.

V. – Admito perfeitamente que eles não sejam infalíveis; mas não é menos verdade que, em virtude do seu saber, a opinião deles vale alguma coisa, e que, se ela estivesse do vosso lado, daria grande peso ao vosso sistema.

A. K. – Admiti, também, que ninguém pode ser bom juiz naquilo que está fora da sua competência. Se quiserdes construir uma casa, confiareis esse trabalho a um músico? Se estiverdes doente, procurareis um arquiteto? Se tiverdes um processo contra vós, buscareis a opinião de um dançarino? Finalmente, quando se trata de uma questão de teologia, alguém irá pedir a solução a um químico ou a um astrônomo? Não; cada um tem a sua especialidade. As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria,

que se pode manipular à vontade; os fenômenos que ela produz têm por agentes forças materiais. Os do Espiritismo têm como agentes inteligências que possuem independência, livre-arbítrio e não estão sujeitas aos nossos caprichos, escapando, portanto, aos nossos processos de laboratório e aos nossos cálculos; estão, por conseguinte, fora dos domínios da ciência propriamente dita.

A Ciência enganou-se quando quis experimentar os Espíritos como experimenta uma pilha voltaica; foi malsucedida, como devia sê-lo, porque agiu visando a uma analogia que não existe; e depois, sem ir mais longe, concluiu pela negação, juízo temerário que o tempo se encarrega de reformar todos os dias, como já reformou tantos outros, restando àqueles que o emitiram a vergonha do erro de se haverem levemente pronunciado contra o poder infinito do Criador.

As corporações científicas não podem nem jamais deverão pronunciar-se nesta questão; isto não é da sua alçada, como também não é da sua competência decretar se Deus existe ou não; é, pois, um erro fazê-las juiz em semelhante caso. O Espiritismo é uma questão de crença pessoal que não pode depender do voto de uma assembleia, porque esse voto, mesmo que lhe fosse favorável, não tem o poder de forçar convicções. Quando a opinião pública se tiver formado a respeito, os membros dessas corporações a aceitarão sob o poder dos fatos. Deixai passar esta geração e, com ela, os prejuízos do seu obstinado amor-próprio, e vereis que se há de dar com o Espiritismo o mesmo que se deu com tantas outras verdades, tão combatidas e que agora seria ridículo duvidar. Hoje, chamam loucos aos crentes; amanhã, será a vez dos que não crerem, exatamente como se deu com os que acreditavam no movimento de rotação da Terra. Nem todos os sábios, porém, julgaram do mesmo modo; e notai que agora chamo sábios aos homens de estudo e saber, tenham ou não um título oficial.

Muitos fizeram o seguinte raciocínio: “Não há efeito sem causa, e os efeitos mais vulgares podem conduzir-nos à solução dos mais difíceis problemas. Se Newton não tivesse prestado atenção à queda

de uma maçã; se Galvani houvesse repellido sua serva e a tomasse por visionária e louca, quando ela lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez até hoje ignorássemos a admirável lei da gravitação universal e as fecundas propriedades da pilha elétrica. O fenômeno, burlescamente designado sob o nome de ‘dança das mesas’, não é mais ridículo que a dança das rãs, e talvez encerre alguns desses segredos da Natureza, os quais, quando se tem a chave para explicá-los, revolucionam a Humanidade”.

Eles disseram ainda: “Já que tanta gente se ocupa com eles, e homens notáveis fizeram deles objeto do seu estudo, é porque existe alguma coisa em tais fenômenos; uma ilusão, uma farsa, se o quiserem, não pode ter esse caráter de generalidade; poderia seduzir um círculo, um grupamento de pessoas, mas não daria a volta ao mundo. Guardemo-nos, pois, de negar a possibilidade do que não compreendemos, sob pena de receber, cedo ou tarde, um desmentido que não faria jus à nossa perspicácia”.

V. – Muito bem! Eis aí um sábio que raciocina com sabedoria e prudência; e, sem ser sábio, eu penso como ele. Notai, porém, que ele nada afirma, mas duvida; ora, qual é a base em que se firma a crença na existência dos Espíritos e, sobretudo, a possibilidade de eles se comunicarem conosco?

A. K. – Essa crença se apoia sobre o raciocínio e sobre os fatos. Eu próprio não a adotei senão depois de meticoloso exame. Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei essa nova ciência nos seus mais íntimos refolhos; busquei a explicação de tudo, porque só aceito uma ideia quando lhe conheço o como e o porquê.

Eis o raciocínio que me fazia um sábio médico, outrora incrédulo e hoje fervoroso adepto: “Dizem que seres invisíveis se comunicam; e por que não? Antes de inventar-se o microscópio, alguém suspeitava da existência desses milhares de animálculos, que causam tantos estragos à economia? Onde a impossibilidade material de haver no espaço seres que escapem aos nossos sentidos? Teremos, porventura, a ridícula pretensão de saber tudo, e

de dizer que Deus nada mais nos pode revelar? Se esses seres invisíveis que nos rodeiam são inteligentes, por que não poderão comunicar-se conosco? Se estão em relação com os homens, devem desempenhar um papel no seu destino, nos acontecimentos da vida. Quem sabe se eles não constituem uma das potências da Natureza, uma dessas forças ocultas de que nem sequer suspeitávamos? Que novo horizonte vai abrir-se ao pensamento! Que vasto campo de observação!

“A descoberta do mundo dos invisíveis tem alcance bem maior que a dos infinitamente pequenos; ela é mais que uma descoberta: é uma revolução nas ideias. Quanta luz pode jorrar dessa descoberta! Quantas coisas misteriosas explicadas! Os crentes são ridicularizados, mas que valor tem isso, quando o mesmo se tem dado a respeito de todas as grandes descobertas? Cristóvão Colombo não foi repellido, assoberbado de desgostos, tratado como insensato? São ideias tão estranhas, dizem, que não merecem crédito; mas a isso se pode responder que data apenas de meio século a possibilidade de estabelecer-se, em alguns minutos, correspondência entre dois pontos opostos do nosso planeta; em algumas horas atravessar-se a França; com o vapor produzido por um punhado de água fervente, um navio avançar contra o vento; e tirarmos da água os meios de iluminar-nos e aquecer-nos.

“Quem, há meio século, se tivesse proposto iluminar toda a cidade de Paris em alguns instantes e com um único reservatório de uma substância invisível, apenas conseguiria provocar risos! Será isso, porventura, coisa mais prodigiosa que o espaço ser povoado pelos seres pensantes que, depois de terem vivido na Terra, deixaram nela o seu envoltório material? Não se achará neste fato a explicação de uma porção de crenças que remontam aos tempos mais antigos? Vale a pena aprofundar tais coisas”.

Eis as reflexões de um homem de ciência, mas de um cientista desprezioso; são, também, as de uma multidão de homens esclarecidos; eles viram, não superficialmente e de ânimo prevenido; estudaram seriamente, sem partido fixo, e tiveram a

modéstia de não dizer: não compreendo, logo, isto não é verdade. Sua convicção formou-se pela observação e pelo raciocínio. Se essas ideias fossem uma quimera, acreditais que todos esses homens do mais alto valor as teriam adotado? que, por tanto tempo, pudessem ser vítimas de uma ilusão?

Não há, pois, impossibilidade material de existirem seres invisíveis para nós, povoando o espaço, e só esta consideração já devia bastar para exigir mais circunspeção. Quem poderia pensar, até bem pouco tempo, que uma única gota de água límpida encerrasse milhares de seres, cuja extrema pequenez nos confunde a imaginação? Ora, eu digo que é mais difícil à razão conceber seres tão diminutos, providos de todos os nossos órgãos e funcionando como nós, do que admitir aqueles a quem damos o nome de Espíritos.

V. – Sem dúvida, mas a possibilidade de uma coisa não nos autoriza a concluir que ela exista.

A. K. – De acordo; mas não podeis deixar de convir em que, desde que uma coisa não é impossível, ela já avançou muito, porque a razão não a repele. Resta, pois, constatá-la pela observação dos fatos. Ora, essa observação não é nova; tanto a história sagrada quanto a profana provam a antiguidade e a universalidade dessa crença, que se perpetuou por todas as vicissitudes por que tem passado o mundo, encontrando-se, entre os povos mais selvagens, no estado de ideias inatas e intuitivas, e tão gravadas no pensamento como a do Ser supremo e a da existência futura. O Espiritismo, pois, não é uma criação moderna; tudo prova que os Antigos o conheciam tão bem ou, talvez, melhor que nós; somente ele não era ensinado, senão com precauções misteriosas que o tornavam inacessível ao vulgo, abandonado de propósito no lamaçal da superstição.

Quanto aos fatos, eles são de duas naturezas: uns espontâneos e outros provocados. Entre os primeiros estão as visões e as aparições, ambas muito frequentes; os ruídos, barulhos e movimentações de objetos, sem causa material, e grande número de

efeitos insólitos que olhávamos como sobrenaturais e hoje nos parecem simples porque não admitimos o sobrenatural, visto como tudo se submete às leis imutáveis da Natureza. Os fatos provocados são os obtidos por intermédio de médiuns.

Falsas explicações dos fenômenos:

Alucinação – Fluido magnético – Reflexo do pensamento – Superexcitação cerebral – Estado sonambúlico dos médiuns.

V. – É contra os fenômenos provocados que a crítica mais se opõe. Deixando de lado toda suposição de charlatanismo, e admitindo a mais completa boa-fé, não se poderá pensar que os médiuns sejam vítimas de uma alucinação?

A. K. – Ignoro se já conseguiram explicar claramente o mecanismo da alucinação. Tal como a entendem, ela não deixa de ser um efeito muito singular e digno de estudo. Por que, então, aqueles que por meio dela pretendem explicar os fenômenos espíritas não possam antes apresentar a explicação de tais fenômenos? Há, além disso, fatos que escapam a essa hipótese: quando a mesa ou outro objeto se move, se ergue, ou bate; quando se desloca à vontade, num quarto, sem que ninguém lhe toque; quando se destaca do solo e fica suspensa no espaço, sem ponto de apoio; enfim, quando se quebra, ao cair, por certo isto não resultará de uma alucinação. Supondo que o médium, por efeito da sua imaginação, creia ver o que não existe, será possível que todos os presentes sejam vítimas da mesma vertigem? E quando o mesmo fato se reproduz por toda parte, em todos os países? Nesse caso, a alucinação seria um fenômeno bem mais prodigioso que o próprio fato.

V. – Admitindo a realidade do fenômeno das mesas que giram e respondem por batidas, não será mais racional atribuí-lo à ação de um fluido qualquer, do fluido magnético, por exemplo?

A. K. – Tal foi o primeiro pensamento que tive, como tantos outros. Se tudo se limitasse a esses efeitos materiais, não há dúvida de que poderiam ser explicados desse modo; mas quando esses movimentos e golpes nos deram provas de inteligência; quando se reconheceu que respondiam ao pensamento com inteira liberdade, chegou-se à seguinte conclusão: *Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente*. Ora, poderão tais fenômenos ser produzidos por um fluido, sem se admitir que esse fluido seja dotado de inteligência? Quando vedes os braços do telégrafo fazerem sinais transmitindo o pensamento, compreendeis perfeitamente que não são esses braços, de ferro ou de madeira, que são inteligentes, mas sim que é uma inteligência que os faz mover. Dá-se o mesmo com a mesa. Dão-se, ou não, efeitos inteligentes? Eis a questão. Os que contestam são pessoas que nada viram ainda, mas que, a despeito disso, se apressam a tirar conclusões segundo suas próprias ideias, ou baseadas, quando muito, em observações superficiais.

V. – Pode-se responder que, se há um efeito inteligente, este não passa de um reflexo da própria inteligência, seja do médium, seja de quem interroga, ou mesmo dos assistentes, visto que a resposta recebida está sempre no pensamento de alguém.

A. K. – É ainda um erro, oriundo da falta de observação. Se os que assim raciocinam se tivessem dado ao trabalho de estudar o fenômeno em todas as suas fases, não deixariam de reconhecer, a cada passo, a independência absoluta da inteligência que se manifesta. Aliás, como conciliar essa tese com as respostas obtidas, levando-se em conta que muitas delas estão fora do alcance intelectual e da instrução do médium, respostas que contradizem suas ideias, desejos e opiniões, ou que frustram completamente as previsões dos assistentes? Quando os médiuns escrevem em uma língua que não conhecem, ou mesmo na sua própria língua quando não sabem ler nem escrever? À primeira vista, essa opinião nada tem de irracional, convenho, mas é desmentida por fatos de tal modo numerosos e concludentes que, diante deles, a dúvida já não é

possível. Além disso, mesmo se admitindo essa teoria, o fenômeno, longe de ser simplificado, seria muito mais prodigioso.

Pois quê! Então o pensamento poderá refletir-se sobre uma superfície, como a luz, o som, o calórico? Em verdade, havia nisto um motivo para a Ciência exercer a sua sagacidade. E, depois, o maravilhoso seria ainda maior, porque, achando-se presentes vinte pessoas, será o pensamento desta ou daquela que é refletido, ou o desta ou daquela outra? Tal sistema é insustentável, sendo realmente curioso ver-se os contraditores se empenharem na busca de causas cem vezes mais extraordinárias e incompreensíveis do que aquelas que lhes são apresentadas.

V. – Não se poderia admitir, segundo a opinião de alguns, que o médium se ache em estado de crise e goze de certa lucidez, que lhe dá a percepção sonambúlica – espécie de dupla vista – o que explicaria a ampliação momentânea de suas faculdades intelectuais? Por que razão, dizem, as comunicações obtidas pelos médiuns não vão além do alcance das que nos dão os sonâmbulos?

A. K. – É ainda um desses sistemas que não resistem a um exame aprofundado. O médium não se acha em crise, nem dorme, mas está perfeitamente acordado, agindo e pensando como todo o mundo, sem nada apresentar de extraordinário. Certos efeitos particulares deram lugar a essa suposição; porém, quem não se limitar a julgar as coisas por uma só face reconhecerá sem dificuldade que o médium é dotado de uma faculdade particular que não permite confundi-lo com o sonâmbulo, sendo a completa independência do seu pensamento demonstrada por fatos da maior evidência.

Pondo de lado as comunicações escritas, qual o sonâmbulo que fez alguma vez sair um pensamento de um corpo inerte? Qual deles foi capaz de produzir aparições visíveis e, mesmo, tangíveis? Qual fez que um corpo pesado se mantivesse suspenso no ar, sem ponto de apoio? Será por efeito sonambúlico que um médium desenhou, um dia, em minha casa e na presença de vinte testemunhas, o retrato de uma jovem, morta havia dezoito meses e a quem ele não

conhecera, retrato reconhecido pelo pai da moça, presente à sessão? Também será por efeito sonambúlico que uma mesa responde com precisão às questões propostas, mesmo feitas mentalmente? Por certo, se admitirmos que o médium se ache em estado magnético, parece-me difícil acreditar que a mesa seja sonâmbula.

Dizem, ainda, que os médiuns só falam com clareza daquilo que é conhecido. Entretanto, como explicar o fato seguinte e cem outros do mesmo gênero? – Um dos meus amigos, excelente médium escrevente, perguntou a um Espírito se uma pessoa que ele tinha perdido de vista, havia quinze anos, ainda pertencia a este mundo. Respondeu o Espírito: “Sim, ainda vive; mora em Paris, rua tal, número tanto”. Ele foi e encontrou a pessoa no lugar indicado. Seria isso uma ilusão? Seu pensamento jamais poderia sugerir-lhe tal resposta, porquanto, tendo em vista a idade da pessoa por quem ele perguntava, havia toda probabilidade de ela não existir mais. Se, em certos casos, vemos respostas combinarem com o pensamento de quem pergunta, será racional concluirmos que isso seja uma lei geral? Nisso, como em todas as coisas, são sempre perigosos os juízos precipitados, porque podem ser desmentidos pelos fatos que ainda não se observaram.

Não basta que os incrédulos vejam para que se convençam

V. – O que os incrédulos gostariam de ver, o que eles pedem e na maioria das vezes não conseguem obter, são fatos positivos. Se todos testemunhassem esses fatos, a dúvida não mais seria permitida. Como é que tantas pessoas, apesar da boa vontade de que dão provas, não tenham visto coisa alguma? Apresentam-lhes como motivo a sua falta de fé, ao que respondem, e com razão, que não podem ter fé antecipada e que, por isso, se lhes deve dar os meios para poderem crer.

A. K. – A razão é bem simples. Eles querem que os fatos obedeçam à sua ordem; entretanto, não se pode dar ordem aos

Espíritos; é preciso esperar pela boa vontade deles. Não basta dizer: Mostrai-me tal fato e eu acreditarei; é preciso que se tenha a vontade de perseverar, deixar que os fatos se produzam espontaneamente, sem pretender forçá-los ou dirigi-los. Aquele que mais desejais ver talvez seja, justamente, o que não conseguireis; virão, porém, outros, e o que quereis se apresentará quando menos o esperardes. Aos olhos do observador atento e assíduo eles surgem em grande número, corroborando-se uns aos outros; mas, quem acreditar que basta girar a manivela para fazer que a máquina ande, engana-se redondamente. Que faz o naturalista quando quer estudar os hábitos de um animal? Mandará que ele faça tal ou tal coisa, para poder observá-lo mais à vontade? Não, porque bem sabe que o animal não lhe obedecerá; mas *espreita* as manifestações espontâneas do instinto do animal; espera-as e colhe-as tão logo apareçam. O simples bom-senso mostra que, com mais forte razão, se deve proceder do mesmo modo com os Espíritos, que são inteligências muito mais independentes que a dos animais.

É erro acreditar que a fé seja necessária; a *boa-fé*, porém, é outra coisa. Ora, há céticos que negam até a evidência e aos quais os próprios prodígios não convenceriam. Quantos deles, depois de terem visto, não persistem ainda em explicar os fatos a seu modo, dizendo que o que viram nada prova! Essas pessoas só servem para trazer perturbação ao seio das reuniões, sem que elas mesmas lucrem coisa alguma; é por isso que as deixamos de lado, pois não queremos perder nosso tempo com elas. Muitos até ficariam incomodados se se vissem forçados a crer, por terem de ferir seu amor-próprio com a confissão de se haverem enganado. Que se pode responder a quem não vê por toda parte senão ilusão e charlatanismo? Nada; é melhor deixá-los em paz; que digam, tanto quanto quiserem, que nada viram e, até, que nada se pôde ou se quis mostrar-lhes.

Ao lado desses céticos endurecidos estão os que querem ver a seu modo; os que, tendo formado uma opinião, pretendem explicar tudo por meio dela. Estes não compreendem que os fenômenos não possam obedecer-lhes à vontade; não sabem ou não querem

colocar-se nas condições precisas para obtê-los. Ora, quem sinceramente deseja observar deve, não direi crer sob palavra, mas abandonar toda ideia preconcebida e não querer comparar coisas incompatíveis; deve aguardar, seguir, observar com paciência infatigável; esta condição também é favorável aos que se tornam adeptos, porque prova que eles não formaram levemente a sua convicção. Dispondes de tal paciência? Não, e direis: por falta de tempo. Então não vos ocupeis mais com isso, nem faleis do assunto, visto que ninguém vos obriga a tanto.

Boa ou má vontade dos Espíritos para convencer

V. – Os Espíritos querem, por certo, fazer prosélitos; por que não se empenham mais em convencer certas pessoas, cuja opinião teria grande influência?

A. K. – Aparentemente, por não fazerem questão de convencer certas pessoas a quem não ligam a importância que elas pretendem ter. Isso é pouco lisonjeiro, convenho, porém não temos o direito de impor-lhes a nossa opinião; os Espíritos têm sua maneira de julgar as coisas, que nem sempre é a nossa; eles veem, pensam e agem segundo outros elementos; ao passo que a nossa vista é circunscrita pela matéria, limitada pela estreiteza do círculo em que vivemos, eles abrangem o conjunto; o tempo, que nos parece tão longo, é para eles um instante; a distância, um simples passo, e certos detalhes, para nós de extrema importância, são frivolidades a seus olhos; em compensação, dão importância a certas coisas cujo verdadeiro alcance nos escapa. Para compreendê-los é preciso que nos elevemos pelo pensamento acima do horizonte material e moral e nos coloquemos no seu ponto de vista, uma vez que não são eles que devem descer até nós, mas subirmos nós até eles, conforme nos ensinam o estudo e a observação.

Os Espíritos gostam dos observadores assíduos e conscienciosos; para estes, eles multiplicam as fontes de luz; o que os afugenta não é a dúvida que nasce da ignorância, mas a

presunção desses supostos observadores que nada observam, que desejam colocá-los no banco dos réus e fazê-los se moverem como marionetes; é, sobretudo, o sentimento de hostilidade e descrédito que alberguem em seus pensamentos, quando não o traduzem por palavras. Para esses tais, os Espíritos nada fazem, pouco se importando com o que possam dizer ou pensar, porque a vez deles também chegará. É por isso que eu vos dizia, poucas linhas atrás, que não é a fé antecipada o que estamos pedindo, mas sim a boa-fé.

Origem das ideias espíritas modernas

V. – Uma coisa que eu desejava saber, caro senhor, é o ponto de partida das ideias espíritas modernas; serão devidas a uma revelação espontânea dos Espíritos, ou resultarão de uma crença prévia na existência deles? Bem compreendeis a importância de minha pergunta, porque, neste último caso, é perfeitamente admissível que a imaginação haja desempenhado o seu papel.

A. K. – Como dissestes, essa questão é importante, no ponto de vista em que vos colocais, embora seja difícil admitir-se, supondo essas ideias nascidas de uma crença antecipada, que a imaginação pudesse produzir todos os resultados materiais observados. De fato, se o Espiritismo se baseasse no pensamento preconcebido da existência dos Espíritos, poder-se-ia, com alguma aparência de razão, duvidar da sua realidade, porque, se o princípio fosse uma quimera, suas consequências também o seriam. Mas as coisas não se passaram assim.

Notai, em primeiro lugar, que essa marcha seria totalmente ilógica; os Espíritos são a causa e não o efeito; quando se vê um efeito, pode-se procurar sua causa, mas não é natural imaginar-se uma causa *antes de lhe ter visto os efeitos*. Não era, pois, possível conceber o pensamento da existência dos Espíritos, se não se tivessem mostrado efeitos que achassem explicação provável na existência de seres invisíveis. Pois bem! Não foi deste modo que surgiu a ideia, isto é, não se imaginou uma hipótese com o fim de

explicar certos fenômenos; a primeira suposição feita foi a de uma causa material. Assim, longe de admitir-se a ideia preconcebida da existência dos Espíritos, partiu-se do ponto de vista *materialista* para se chegar até eles. Como este meio era insuficiente para explicar tudo, somente a observação conduziu à causa espiritual. Refiro-me às ideias espíritas modernas, pois sabemos que essa crença é tão velha quanto o mundo. Vejamos, agora, como as coisas se deram.

Sob a influência de certas pessoas e sem causa ostensiva conhecida, produziram-se diversos fenômenos espontâneos, tais como ruídos estranhos, pancadas, movimentos de objetos etc. Nada, até aí, autorizava a se buscar sua causa fora da ação de um fluido magnético ou outro qualquer, de propriedades ainda desconhecidas. Não se tardou, porém, a reconhecer nesses ruídos e movimentos um caráter intencional e inteligente, do que se concluiu, como eu já disse, que: Se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Esta inteligência não podia estar no objeto, porque a matéria não é inteligente. Seria o reflexo da inteligência da pessoa ou das pessoas presentes? Assim se pensou no início, como também já o disse; só a experiência podia pronunciar-se, e ela demonstrou, por provas irrecusáveis e em diversas circunstâncias, a completa independência da inteligência que se manifesta. Ela não pertencia, pois, nem ao objeto nem à pessoa. Quem era então? Ela própria respondeu, declarando pertencer aos seres incorpóreos chamados Espíritos. Logo, a ideia dos Espíritos não preexistia e nem mesmo lhe foi consecutiva; em uma palavra, não nasceu do cérebro de ninguém, mas nos foi dada pelos próprios Espíritos, que também nos ensinaram tudo o que a respeito deles ficamos sabendo.

Uma vez revelada a existência dos Espíritos e estabelecidos os meios de nos comunicarmos com eles, pôde-se manter com eles conversações seguidas e obter informações sobre a natureza desses seres, as condições de sua existência e seu papel no mundo visível. Se do mesmo modo pudéssemos interrogar os seres do mundo dos

infinitamente pequenos, quantas coisas curiosas não ficaríamos sabendo sobre eles!

Suponhamos que existisse um fio elétrico entre a Europa e a América pré-colombiana, e que na sua extremidade europeia se houvessem produzido alguns sinais inteligentes; a conclusão a tirar-se é a de que, na outra extremidade, se achavam seres inteligentes que desejavam comunicar-se conosco, os quais teriam respondido se os tivéssemos interrogado. Ficaríamos, assim, certos da sua existência e conheceríamos os seus costumes, usos e modos de ser, apesar de nunca os termos visto. Foi o que se deu nas relações com o mundo invisível; as manifestações materiais foram sinais e meios de aviso que nos levaram a comunicações mais regulares e mais contínuas. E – coisa notável! – à medida que meios mais fáceis de comunicação vão sendo postos ao nosso dispor, os Espíritos abandonam os meios primitivos, insuficientes e incômodos, tal como o mudo que, recuperando a palavra, renuncia à linguagem dos sinais.

Quem eram os habitantes desse mundo? Eram seres à parte, estranhos à Humanidade? Eram bons ou maus? Foi ainda a experiência que se encarregou de resolver tais questões; mas, até que observações numerosas tivessem derramado luz sobre o assunto, o campo das conjeturas e dos sistemas esteve aberto, e só Deus sabe quantos surgiram! Uns acreditaram que os Espíritos eram superiores em tudo, enquanto outros não viram neles senão demônios; era só por suas palavras e atos que podiam julgá-los.

Suponhamos que entre os desconhecidos habitantes transatlânticos, de que acabamos de falar, uns tenham dito coisas muito boas, ao passo que outros se faziam notar pelo cinismo da linguagem, e logo se teria concluído que entre eles havia bons e maus. Foi o que aconteceu com os Espíritos; foi assim que se reconheceu, entre eles, todos os graus de bondade e malvadez, de saber e ignorância. Uma vez bem informados acerca dos defeitos e das qualidades que se encontram entre eles, cabe à nossa prudência distinguir o que é bom do que é mau, o verdadeiro do falso em suas

relações conosco, exatamente como procedemos em relação aos homens.

A observação não nos esclareceu somente sobre as qualidades morais dos Espíritos, mas também sobre a natureza deles e sobre o seu estado fisiológico, se assim nos podemos expressar. Ficou-se sabendo, por eles mesmos, que uns são muito ditosos, enquanto outros são muito infelizes; que não são seres à parte, de natureza excepcional, e sim as almas daqueles que já viveram na Terra, onde deixaram seu envoltório corporal, e que hoje povoam os espaços, nos cercam, nos acotovelam sem cessar e, dentre eles, cada um pode, por sinais incontestáveis, reconhecer *seus parentes e amigos e os que conheceu na Terra*; pode-se acompanhá-los em todas as fases de sua existência de além-túmulo, desde o instante em que abandonaram o corpo, e observar sua situação segundo o gênero de morte e o modo pelo qual viveram na Terra. Enfim, soube-se que eles não são seres abstratos, imateriais, no sentido absoluto da palavra; possuem um envoltório, a que chamamos *perispírito*, espécie de corpo fluídico, vaporoso, diáfano, invisível no estado normal, mas que, em certos casos e por uma espécie de condensação ou de disposição molecular, pode tornar-se momentaneamente visível e mesmo tangível, ficando explicado, desde então, o fenômeno das aparições e do toque. Esse envoltório existe durante a vida do corpo; é o laço entre o Espírito e a matéria; quando o corpo morre, a alma ou Espírito, que é a mesma coisa, só se despoja do seu envoltório grosseiro – o corpo, conservando, porém, o perispírito, do mesmo modo como despimos as peças exteriores da nossa roupa, para só conservarmos as interiores, e do mesmo modo como o gérmen de um fruto se despoja do envoltório cortical, conservando apenas o *perisperma*. Esse envoltório semimaterial do Espírito é o agente dos diferentes fenômenos, por meio dos quais ele manifesta a sua presença.

Tal é, em poucas palavras, senhor, a história do Espiritismo; bem vedes, e reconheceréis ainda melhor quando o tiverdes estudado a fundo, que tudo nele é o resultado da observação e não de um sistema preconcebido.

Meios de comunicação

V. – Falastes dos meios de comunicação; poderíeis dar-me uma ideia disso? É difícil compreender como esses seres invisíveis podem conversar conosco.

A. K. – Com muito prazer. Vou fazê-lo, contudo, de forma resumida, porque isto exigiria prolongado desenvolvimento, que encontrareis minuciosamente em *O Livro dos Médiuns*. Mas o pouco que eu vos disser bastará para facilitar-vos a compreensão do mecanismo e servirá, sobretudo, para vos dar uma ideia de algumas das experiências a que podereis assistir antes de começar a vossa iniciação.

A existência desse envoltório semimaterial, ou perispírito, já é uma chave para a explicação de muitas coisas e mostra a possibilidade de certos fenômenos. Quanto aos meios, são muito variados e dependem tanto da natureza, mais ou menos depurada dos Espíritos, quanto das disposições peculiares às pessoas que lhes servem de intermediárias. O mais vulgar, o que se pode chamar universal, consiste na intuição, isto é, nas ideias e pensamentos que eles nos sugerem; trata-se, porém, de um meio pouco apreciável, na generalidade dos casos; existem outros mais materiais.

Certos Espíritos se comunicam por pancadas, respondendo *sim* ou *não*, ou designando as letras que devem formar as palavras. As pancadas podem ser obtidas pelo movimento de oscilação de um objeto, de uma mesa, por exemplo, que bate com o pé. Muitas vezes elas são ouvidas na própria substância dos corpos, sem que estes se movimentem. Esse modo primitivo é demorado e dificilmente se presta a comunicações de certo desenvolvimento; foi substituído pela escrita, a qual é obtida de diferentes maneiras.

Serviu-se no começo, e algumas vezes ainda se serve, de um objeto móvel, como uma prancheta, uma cestinha, uma caixa, ao qual se adapta um lápis, cuja ponta pousa sobre o papel. A natureza e a substância do objeto são indiferentes. O médium coloca as mãos sobre esse objeto, ao qual transmite a influência que recebe do

Espírito, e o lápis traça as letras. O objeto assim empregado não é, propriamente falando, mais que um apêndice da mão, uma espécie de porta-lápis. Contudo, logo se reconheceu a inutilidade desse intermediário, que não passa de uma complicação do processo da escrita, e cujo único mérito está em demonstrar, de modo mais palpável, a independência do médium. Este último pode escrever, segurando ele mesmo o lápis.

Os Espíritos manifestam-se ainda e podem transmitir seus pensamentos por meio de sons articulados, que vibram no ar e são ouvidos; pela voz do médium, pela vista, por desenhos, pela música e por outros meios que um estudo completo torna conhecidos. Os médiuns possuem, para esses diferentes modos de comunicação, aptidões especiais que dependem de seu organismo. Assim, temos médiuns de efeitos físicos, isto é, aptos para produzir fenômenos materiais, como pancadas, movimentos de corpos etc.; médiuns audientes, falantes, videntes, desenhistas, músicos, escreventes. Esta última faculdade é a mais comum, a que melhor se desenvolve pelo exercício e também a mais preciosa, por ser a que permite comunicações mais extensas e mais rápidas.

O médium escrevente apresenta numerosas variedades, das quais duas são muito distintas. Para compreendê-las, é necessário saber-se o modo pelo qual se opera o fenômeno. O Espírito atua algumas vezes diretamente sobre a mão do médium, à qual dá um impulso totalmente independente da vontade deste, e sem que ele tenha consciência do que escreve: é o *médium escrevente mecânico*. Outras vezes, atuando sobre o cérebro do médium, seu pensamento se comunica com o deste que, então, embora escrevendo de modo involuntário, tem consciência mais ou menos nítida do que obtém: é o *médium intuitivo*; seu papel é exatamente o de um intérprete, que transmite um pensamento que não é o seu e que, apesar disso, ele deve compreender. Ainda que, neste caso, o pensamento do Espírito e o do médium se confundam algumas vezes, a experiência ensina a distingui-los facilmente. Obtêm-se comunicações igualmente boas por esses dois gêneros de médiuns; a vantagem dos que são mecânicos é proveitosa principalmente para as pessoas que ainda

não estão convencidas. Acresce notar que a qualidade essencial de um médium está muito mais na natureza dos Espíritos que o assistem e nas comunicações que ele recebe, do que nos meios de execução.

V. – O processo parece-me dos mais simples. Eu mesmo poderia experimentá-lo?

A. K. – Perfeitamente. E digo mais: se possuídes a faculdade mediúnica, tereis o melhor meio de vos convencer, porque não podeis duvidar da vossa boa-fé. Aconselho-vos, contudo, a não tentar ensaio algum antes de acurado estudo. As comunicações do além-túmulo são cercadas de mais dificuldades do que se pensa; elas não estão isentas de inconvenientes e, mesmo, de perigos, para os que não têm a necessária experiência. É o mesmo que aconteceria àquele que, sem saber Química, tentasse fazer manipulações químicas. Correria o risco de queimar os dedos.

V. – Haverá algum sinal pelo qual se possa reconhecer a posse dessa aptidão?

A. K. – Até agora não se conhece nenhum diagnóstico para a mediunidade; todos os que julgamos descobrir são destituídos de valor; experimentar é o único meio de saber se a faculdade existe. Além disso, os médiuns são muito numerosos e, quando nós próprios não o sejamos, é raríssimo não se encontrar um deles em algum membro da nossa família, ou nas pessoas que nos cercam. O sexo, a idade e o temperamento são indiferentes; eles aparecem entre os homens e mulheres, entre crianças, velhos, doentes e pessoas sadias.

Se a mediunidade se traduzisse por um sinal exterior qualquer, isto implicaria a permanência da faculdade, ao passo que ela é essencialmente móvel e fugidia. Sua causa física está na assimilação, mais ou menos fácil, dos fluidos perispiríticos do encarnado e do Espírito desencarnado; sua causa moral está na vontade do Espírito que se comunica, quando isto lhe apraz, e não na nossa vontade, donde resulta: 1º que nem todos os Espíritos

podem comunicar-se indiferentemente por todos os médiuns; 2º que todo médium pode perder ou ver interrompida a sua faculdade, e isto quando ele menos espera.

Como vedes, senhor, bastam estas poucas palavras para mostrar que há nisso todo um estudo sério a fazer-se, a fim de que alguém possa inteirar-se das variações que esse fenômeno apresenta. Seria, pois, um erro crer que todo Espírito possa vir responder ao chamado que lhe é feito, e se comunicar pelo primeiro médium que apareça. Para que um Espírito se comunique, é preciso: 1º que lhe convenha fazê-lo; 2º que sua posição ou suas ocupações lho permitam; 3º que encontre no médium um instrumento apropriado à sua natureza.

Em princípio, podemos comunicar-nos com os Espíritos de todas as categorias, com os nossos parentes e amigos, com os mais elevados como com os mais vulgares; porém, independentemente das condições individuais de possibilidade, eles vêm mais ou menos de boa vontade segundo as circunstâncias e, *sobretudo*, segundo a sua simpatia pelas pessoas que os chamam, e não pelo pedido do primeiro que tenha a pretensão de evocá-los por mero sentimento de curiosidade; se, quando na Terra, eles não se incomodavam com tais criaturas, também não se incomodarão depois da morte.

Os Espíritos sérios só comparecem às reuniões sérias, às quais são chamados com *recolhimento e por motivos sérios*; não se prestam a responder perguntas de curiosidade, de prova, ou com um fim fútil, nem também à experiência alguma.

Os Espíritos levianos vão a toda parte; calam-se, porém, nas reuniões sérias e se conservam afastados para escutar, como fariam estudantes numa assembleia de pessoas cultas. Nas reuniões frívolas eles se divertem, zombam dos assistentes e respondem a tudo sem se importarem com a verdade.

Os Espíritos ditos batedores e, geralmente, todos os que produzem manifestações físicas, são de ordem inferior, sem por isso serem essencialmente maus; possuem uma aptidão, de alguma

sorte especial, para os efeitos materiais. Os Espíritos superiores não se ocupam com essas coisas, assim como os sábios da Terra não se entregam a exercícios de força muscular; quando aqueles precisam que tais efeitos se deem, lançam mão de Espíritos atrasados, como nós nos servimos de trabalhadores sem qualificação intelectual para os serviços pesados.

Médiuns interesseiros

V. – Antes de se entregarem a um estudo de longo fôlego, algumas pessoas gostariam de estar certas de que não vão perder o tempo, certeza que lhes daria um fato concludente, mesmo obtido à custa de dinheiro.

A. K. – Naquele que não se quer dar ao trabalho de estudar, há mais curiosidade que desejo real de se instruir; ora, os Espíritos, assim como eu, não gostam dos curiosos. Além disso, eles têm grande antipatia pela cobiça e jamais se prestariam a satisfazer a cupidez de quem quer que fosse; crer que Espíritos superiores como Fénelon, Bossuet, Pascal, Santo Agostinho, se ponham às ordens do primeiro que os chame, a tanto por hora, é fazer uma ideia bem falsa das nossas relações com o mundo espiritual. Não, senhor; as comunicações de além-túmulo são assunto grave demais e exigem muito respeito para serem assim exibidas.

Sabemos, aliás, que os fenômenos espíritas não se produzem como o movimento das rodas de um mecanismo, pois que dependem da vontade dos Espíritos. Mesmo admitindo-se que um indivíduo possua aptidão mediúnica, nada lhe garante obter uma manifestação em dado momento. Se os incrédulos são levados a suspeitar da boa-fé dos médiuns em geral, seria muito pior se neles encontrassem o estímulo do interesse; poder-se-ia suspeitar, e com razão, que o médium retribuído simulasse uma manifestação qualquer, quando o Espírito não o auxiliasse, já que é desejo dele ganhar dinheiro de qualquer forma. Ora, além de que o desinteresse absoluto é a melhor garantia de sinceridade, repugnaria à razão

evocar por dinheiro os Espíritos das pessoas que nos são caras, supondo que eles consentam nisso, o que é pouco provável; em todo o caso, só se prestariam a isso Espíritos de classe inferior, pouco escrupulosos quanto aos meios, e que não merecem confiança alguma; e estes mesmos, muitas vezes, encontram um prazer maligno em frustrar as combinações e os cálculos de seu evocador.

A natureza da faculdade mediúnica opõe-se, pois, a que ela se torne uma profissão, pois que depende de uma vontade estranha à do médium, e que lhe pode faltar no momento em que mais precise dela, a menos que ele a substitua pela astúcia. Porém, considerando-se que os fenômenos não se produzem ao acaso, mesmo admitindo-se inteira boa-fé, seria puro efeito do acaso se, em sessão paga, se produzisse exatamente aquilo que desejávamos ver para nos convenceremos.

Dai cem mil francos a um médium e não conseguireis que ele obtenha dos Espíritos o que estes não queiram fazer; essa dádiva, que viria desnaturar a intenção e transformá-la em violento desejo de lucro, seria antes um motivo para que ele fosse malsucedido. Quando todos estiverem convencidos desta verdade – que a afeição e a simpatia são os mais poderosos móveis de atração para os Espíritos –, compreenderão facilmente que os Espíritos não atendem às solicitações de alguém que tenha a ideia de servir-se deles para ganhar dinheiro.

Aquele, pois, que precisa de fatos que o convençam, deve provar aos Espíritos sua boa vontade por meio de uma observação séria e paciente, caso deseje ser auxiliado por eles; pois se é verdade que a fé não se impõe, não menos verdade é dizer que não se pode comprá-la.

V. – Compreendo esse raciocínio do ponto de vista moral; entretanto, não é justo que aquele que emprega seu tempo, a bem da causa, não seja indenizado, já que fica impedido de trabalhar para viver.

A. K. – Em primeiro lugar, será mesmo no interesse da causa que ele o faz, ou no seu próprio interesse? Se deixou o seu trabalho é porque não lhe satisfazia e esperava ganhar mais em um novo ou ter menos fadiga. Não há devotamento algum em se empregar o tempo em uma coisa de que se espera tirar lucro. É exatamente como se alguém dissesse que o padeiro fabrica o pão no interesse da Humanidade. A mediunidade não é o único recurso; se ele não a tivesse, procuraria ganhar a vida de outro modo. Os médiuns verdadeiramente sérios e devotados, quando não têm uma existência independente, buscam os meios de viver no trabalho ordinário e não abandonam suas profissões; só consagram à mediunidade o tempo que lhe podem dar, sem prejuízo de outras ocupações; empregando parte do tempo destinado ao lazer e ao repouso nesse trabalho mais útil, eles se mostram devotados, tornam-se apreciados e respeitados.

Além disso, a abundância dos médiuns nas famílias torna inúteis os médiuns profissionais, ainda que estes ofereçam todas as garantias desejáveis, o que é muito raro. Se não fosse o descrédito que acompanha esse gênero de exploração, para o qual me felicito de haver concorrido bastante, os médiuns mercenários se multiplicariam com muito mais rapidez e os jornais viriam sempre cheios de seus reclamos. Ora, para um que fosse leal, haveria cem charlatães que, abusando de uma faculdade real ou *simulada*, teriam causado o maior dano ao Espiritismo.

É, pois, um princípio: todos quantos veem no Espiritismo outra coisa que não seja a exibição de um fenômeno curioso, que compreendem e tomam a peito a dignidade, a consideração e os verdadeiros interesses da Doutrina reprovam toda espécie de especulação, qualquer que seja a forma ou *disfarce* com que se apresente. Os médiuns sérios e sinceros, isto é, os que compreendem a santidade do mandato que Deus lhes confiou, evitam até as aparências do que pudesse fazer pairar sobre eles a menor suspeita de cobiça, considerando uma injúria a acusação de tirarem qualquer lucro da sua faculdade.

Admiti, senhor, por mais incrédulo que sejais, que um médium nessas condições causaria sobre vós uma impressão totalmente diversa da que sentiríeis se lhe tivésseis pago para vê-lo trabalhar, ou, mesmo que fôsseis admitido por favor, se soubésseis que atrás de tudo aquilo havia uma questão de dinheiro; concordai que o vendo antes animado de um verdadeiro sentimento religioso, estimulado somente pela fé e não pelo desejo do ganho, involuntariamente ele conquistaria o vosso respeito; e, seja ele ainda o mais humilde proletário, inspirar-vos-á mais confiança, porque não há motivo algum para suspeitardes da sua lealdade. Pois bem! Encontrareis mil como este contra um que não esteja nas mesmas condições, sendo esta uma das causas que mais têm concorrido para o crédito e a propagação da Doutrina, ao passo que, se ela só tivesse intérpretes interesseiros, não contaria a quarta parte dos adeptos que tem hoje.

É perfeitamente compreensível que os médiuns profissionais sejam muito raros, pelo menos na França; que sejam desconhecidos na maioria dos centros espíritas da província, onde a reputação de mercenários bastaria para que os excluíssem de todos os grupos sérios, e onde para eles o ofício não seria lucrativo, por causa do descrédito de que se tornariam objeto e da concorrência dos médiuns desinteressados, que se encontram por toda parte.

Para suprir a faculdade que lhes falta, ou a insuficiência da clientela, há falsos médiuns que tudo aproveitam, servindo-se das cartas, da clara de ovo, da borra de café etc., a fim de satisfazer a todos os gostos, esperando por esse meio, na falta de espíritas, atrair os que ainda creem nessas tolices. Se eles só prejudicassem a si mesmos, o mal não seria grande; porém, há pessoas que, sem nada aprofundarem, confundem o abuso com a realidade, e disso se aproveitam os mal-intencionados, para dizer que é nisso que consiste o Espiritismo. Já vedes, pois, senhor, que se a exploração da mediunidade leva à prática de abusos que prejudicam a Doutrina, o Espiritismo sério tem razão de não aceitá-la, de repelir o seu auxílio.

V. – Tudo isso é muito lógico, concordo; entretanto, como os médiuns desinteressados não se acham à disposição de qualquer pessoa, nós nos sentimos constrangidos de os incomodar. Tais escrúpulos, porém, não nos embarçam, quando buscamos aquele que recebe uma paga, pois estamos certos de que não lhe vamos roubar o tempo. Muita gente que deseja convencer-se encontraria mais facilidade se existissem *médiuns públicos*.

A. K. – Se os médiuns públicos, como lhes chamais, não oferecem as garantias requeridas, como poderiam ser úteis para levar alguém à convicção? O inconveniente que assinalais não destrói os outros, bem mais graves, que já vos citei. As pessoas iriam procurá-los mais por divertimento, para ouvir a buena-dicha, do que como meio de instrução. Aquele que deseja seriamente convencer-se encontra os meios de que precisa, mais cedo ou mais tarde, se tiver perseverança e boa vontade; porém, quando não está preparado para tal, não é por assistir a uma sessão que ficará convencido, sobretudo se sair dali com uma impressão desfavorável e, portanto, menos disposto a prosseguir num estudo em que nada viu de sério. É o que tem provado a experiência.

A par das considerações morais, porém, os progressos da ciência espírita, fazendo-nos conhecer melhor as condições em que se produzem as manifestações, mostram-nos hoje uma dificuldade material de que antes não se suspeitava: a necessidade de afinidades fluídicas entre o Espírito evocado e o médium.

Ponho de lado toda ideia de fraude e embuste, e suponho que exista a mais completa lealdade. Para que um médium profissional possa oferecer toda segurança às pessoas que o venham consultar, é necessário que possua uma faculdade permanente e universal, isto é, que ele possa comunicar-se facilmente com qualquer Espírito e a todo o momento, para estar constantemente à disposição do público, como um médico, e satisfazer a todas as evocações que lhe sejam pedidas. Ora, isto é o que não se encontra em médium algum, seja entre os desinteressados, seja entre os outros, e isto por causas

independentes da vontade do Espírito, o que não posso desenvolver aqui porque não estou fazendo um curso de Espiritismo.

Limito-me a dizer-vos que as afinidades fluídicas, princípio do qual derivam as faculdades mediúnicas, são *individuais* e não *gerais*, podendo existir do médium para tal Espírito, e não para tal outro; que, sem essas afinidades, cujas variantes são múltiplas, as comunicações são incompletas, falsas ou impossíveis; que, na maior parte das vezes, a assimilação fluídica entre o Espírito e o médium só se estabelece depois de algum tempo, ou somente *uma vez em dez* acontece que ela seja completa desde a primeira vez. Como vedes, senhor, a mediunidade é subordinada a leis, de certo modo orgânicas, às quais todo médium está sujeito; ora, não se pode negar que isto é um obstáculo para a mediunidade profissional, uma vez que a possibilidade e a exatidão das comunicações decorrem de causas que não dependem do médium nem do Espírito. (Veja-se mais adiante, no capítulo II, o parágrafo sobre os *médiuns*.)

Se, pois, repelimos a exploração da mediunidade, não é por capricho, nem por espírito de sistema, mas porque os princípios que regem as relações com o mundo invisível se opõem à regularidade e precisão necessárias naquele que se põe à disposição do público, e a quem o desejo de satisfazer à clientela, que lhe paga, arrasta ao abuso. Com isso não quero dizer que todos os médiuns interesseiros sejam charlatães; digo somente que a ambição do ganho impele ao charlatanismo e autoriza a suspeita de velhacaria, quando não a justifica. Quem deseja convencer-se deve, antes de tudo, procurar elementos de sinceridade.

Médiuns e feiticeiros

V. – Desde que a mediunidade não passa de um meio de se entrar em relação com as potências ocultas, parece-me que médiuns e feiticeiros são mais ou menos a mesma coisa.

A. K. – Em todos os tempos houve médiuns naturais e inconscientes que, pelo simples fato de produzirem fenômenos

insólitos e incompreendidos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuarem com o diabo; foi o mesmo que se deu com a maioria dos sábios que dispunham de conhecimentos acima do vulgo. A ignorância exagerou seu poder e, muitas vezes, eles mesmos abusaram da credulidade pública, explorando-a; daí a justa reprovação de que foram objeto. Ora, basta compararmos o poder atribuído aos feiticeiros com a faculdade dos verdadeiros médiuns, para conhecermos a diferença, mas a maioria dos críticos não se quer dar a esse trabalho. Longe de ressuscitar a feitiçaria, o Espiritismo a aniquila, despojando-a do seu pretense poder sobrenatural, de suas fórmulas, artimanhas, amuletos e talismãs, ao reduzir os fenômenos possíveis ao seu justo valor, sem sair das leis naturais.

A semelhança que certas pessoas pretendem estabelecer entre médiuns e feiticeiros provém do erro em que se acham, julgando que *os Espíritos estão às ordens dos médiuns*; repugna à razão dessas pessoas acreditar que um indivíduo qualquer possa, à vontade, fazer comparecer o Espírito de tal ou tal personagem, mais ou menos ilustre, no que estão perfeitamente com a verdade. Entretanto, se antes de apedrejarem o Espiritismo, se tivessem dado ao trabalho de estudá-lo, veriam que ele diz positivamente que *os Espíritos não estão sujeitos ao capricho de ninguém, que ninguém pode, à vontade, constrangê-los a responder ao seu chamado*. Isto nos leva à conclusão de que os médiuns não são feiticeiros.

V. – Neste caso, todos os efeitos que certos médiuns confiáveis obtêm à vontade e em público não passam, em vossa opinião, de charlatanice?

A. K. – Não o digo de maneira absoluta. Tais fenômenos não são impossíveis porque há Espíritos de baixa categoria que podem prestar-se à sua produção e que se divertem, talvez por já terem sido prestidigitadores na vida terrena, e também porque há médiuns especialmente aptos para esse gênero de manifestações; porém, o mais vulgar bom-senso repele a ideia de que os Espíritos, por menos elevados que sejam, venham representar palhaçadas e exhibir

habilidades para divertimento dos curiosos. A obtenção desses fenômenos à vontade, e, sobretudo, em público, é sempre suspeita; neste caso a mediunidade e a prestidigitação se tocam tão de perto que muitas vezes é difícil distingui-las. Antes de vermos nisso a ação dos Espíritos, devemos observar minuciosamente e levar em conta o caráter e os antecedentes do médium, além de um grande número de circunstâncias que só o estudo da teoria dos fenômenos espíritas nos pode fazer apreciar. Aliás, é de notar-se que esse gênero de mediunidade, ou de pretensa mediunidade, limita-se a produzir sempre o mesmo fenômeno, salvo pequenas variantes, o que não é suficiente para dissipar as dúvidas. O desinteresse absoluto é a melhor garantia de sinceridade.

Seja qual for o grau de veracidade desses fenômenos, como efeitos mediúnicos, eles produzirão bom resultado, por darem certa repercussão à ideia espírita. A controvérsia que se estabelece a respeito provoca em muitas pessoas um estudo mais aprofundado. Não é certamente aí que se deve colher instruções sérias sobre o Espiritismo nem sobre a filosofia da Doutrina; porém, é um meio de chamar a atenção dos indiferentes e obrigar os recalcitrantes a falar dele.

Diversidade dos Espíritos

V. – Falais de Espíritos bons ou maus, sérios ou frívolos; confesso-vos que não compreendo essa diferença; parece-me que, deixando o envoltório corporal, os Espíritos se despojam das imperfeições inerentes à matéria; que a luz se deve fazer para eles, sobre todas as verdades que nos são ocultas, e que eles ficam libertos dos prejuízos terrenos.

A. K. – Sem dúvida eles ficam livres das imperfeições físicas, isto é, das dores, das enfermidades do corpo; contudo, as imperfeições morais são do Espírito e não do corpo. Entre eles, alguns são mais ou menos adiantados, moral e intelectualmente, sendo erro acreditar-se que os Espíritos, só porque deixaram o corpo

material, recebem logo a luz da verdade. Acreditais, por exemplo, que, quando morrerdes, não haja distinção alguma entre o vosso Espírito e o de um selvagem ou o de um malfeitor? Se fosse assim, de que vos serviria ter trabalhado para a vossa instrução e melhoramento, quando um preguiçoso, depois da morte, poderá valer tanto quanto vós? O progresso dos Espíritos só se realiza gradualmente e, algumas vezes, com muita lentidão. Conforme o grau de adiantamento a que chegaram, alguns entre eles veem as coisas sob um ponto de vista mais justo do que quando estavam encarnados; outros, pelo contrário, conservam ainda as mesmas paixões, os mesmos preconceitos e os mesmos erros, até que o tempo e novas provas os venham esclarecer. Isto vem provar um princípio elementar do Espiritismo: o de que existem Espíritos de todos os graus de inteligência e moralidade. E notai bem que o que digo é fruto da experiência, colhido no que eles nos dizem em suas comunicações.

V. – Por que, então, não são perfeitos todos os Espíritos? Tê-lo-ia Deus assim criado em tão diversas categorias?

A. K. – É o mesmo que perguntar por que nem todos os alunos de um colégio estão cursando Filosofia. Todos os Espíritos têm a mesma origem e o mesmo destino. As diferenças que existem entre eles não constituem espécies distintas, mas graus diversos de adiantamento. Os Espíritos não são perfeitos porque são as almas dos homens que não atingiram a perfeição; pela mesma razão, os homens não são perfeitos por serem encarnações de Espíritos mais ou menos adiantados. O mundo corpóreo e o mundo espiritual estão em contínuo revezamento; pela morte do corpo, o mundo corpóreo fornece seu contingente ao mundo espiritual; pelos nascimentos, o mundo espiritual alimenta a Humanidade. Em cada nova existência, o Espírito realiza um progresso maior ou menor e, quando adquiriu na Terra a soma de conhecimentos e a elevação moral que o nosso globo comporta, ele o deixa para ir viver em mundo mais elevado, onde vai aprender novas coisas.

Os Espíritos que formam a população invisível da Terra são, de certo modo, o reflexo do mundo corpóreo; neles se encontram os mesmos vícios e as mesmas virtudes; há entre eles sábios, ignorantes, pseudossábios, prudentes e levianos, filósofos, argumentadores, cultores de sistemas; como ainda não se despiram de seus prejuízos, todas as opiniões políticas e religiosas encontram representantes entre eles; cada um fala segundo suas ideias, e o que dizem é, muitas vezes, apenas a sua opinião pessoal. É por isso que não se deve crer cegamente em tudo o que dizem os Espíritos.

V. – Sendo assim, apresenta-se grande dificuldade: nesses conflitos de opiniões diversas, como se distinguir o erro da verdade? Não consigo descobrir a utilidade dos Espíritos, nem o que ganhamos em conversar com eles.

A. K. – Se os Espíritos servissem apenas para dar-nos a prova de sua existência e de serem as almas dos homens, só isto já não seria de grande importância para quantos ainda duvidam que tenham uma alma e ignoram o que será deles depois da morte? Como todas as ciências filosóficas, esta exige longos estudos e minuciosas observações, pois só assim é que se aprende a distinguir a verdade da impostura, e que se adquire os meios de afastar os Espíritos enganadores. Acima dessa turba de baixa esfera, existem os Espíritos superiores, que só têm em vista o bem, e cuja missão é guiar os homens pelo bom caminho; cumpre a nós saber apreciá-los e compreendê-los. Estes nos vêm ensinar grandes coisas; mas não julgueis que o estudo dos outros seja inútil; para conhecer bem um povo é necessário estudá-lo sob todas as suas faces.

Vós mesmos tendes a prova disso; pensáveis que bastava aos Espíritos deixarem seu envoltório corporal para que se despojassem de todas as suas imperfeições; ora, são as comunicações com eles que nos ensinaram o contrário e nos fizeram conhecer o verdadeiro estado do mundo espiritual, que nos interessa a todos no mais alto grau, visto que todos iremos para lá. Quanto aos erros que podem surgir da divergência de opiniões entre os Espíritos, eles desaparecem por si mesmos, à medida que se aprende a distinguir

os bons dos maus, os sábios dos ignorantes, os sinceros dos hipócritas, absolutamente como se dá entre nós. Cabe ao bom-senso repelir as falsas doutrinas.

V. – Insisto na observação feita quanto ao ponto de vista das questões científicas e outras que podemos submeter aos Espíritos. A divergência de suas opiniões sobre as teorias que dividem os sábios deixa-nos na incerteza. É compreensível que, não possuindo todos o mesmo grau de instrução, os Espíritos não podem saber tudo; mas, então, que peso pode ter para nós a opinião daqueles que sabem, quando não podemos distinguir quem erra ou quem tem razão? Tanto vale nos dirigirmos aos homens como aos Espíritos.

A. K. – Essa reflexão é ainda uma consequência da ignorância do verdadeiro caráter do Espiritismo. Aquele que supõe nele achar meio fácil de saber tudo, de tudo descobrir, incorre em grande erro. Os Espíritos não estão encarregados de trazer-nos a ciência já feita; seria, realmente, muito cômodo se nos bastasse pedir para sermos logo servidos, ficando assim dispensados do trabalho de estudar. Deus quer que trabalhemos, que o nosso pensamento se exercite, pois só adquirimos a ciência a esse preço; os Espíritos não nos vêm libertar dessa necessidade: *eles são o que são; o Espiritismo tem por meta estudá-los*, a fim de que, por analogia, fiquemos sabendo o que seremos um dia, e não para nos fazer conhecer o que nos deve ser oculto, ou revelar-nos coisas antes do tempo devido.

Os Espíritos tampouco são leitores de buena-dicha, e aquele que se vangloria de obter deles certos segredos prepara para si estranhas decepções da parte dos Espíritos zombeteiros; em suma, *o Espiritismo é uma ciência de observação, e não uma arte de adivinhar e especular*. Nós o estudamos com o fito de conhecer o estado das individualidades do mundo invisível, as relações que existem entre elas e nós, sua ação oculta sobre o mundo visível, e não para dele tirar qualquer vantagem material. Deste ponto de vista, não há Espírito algum cujo estudo não nos traga alguma utilidade; sempre aprendemos alguma coisa com eles; as suas imperfeições, os defeitos, a incapacidade, a ignorância mesmo, são

outros tantos objetos de observação, que nos iniciam na natureza íntima desse mundo; e, ainda mesmo que eles não nos instruem, nós mesmos, ao estudá-los, nos instruimos, como fazemos quando observamos os costumes de um povo que não conhecemos.

Quanto aos Espíritos esclarecidos, esses nos ensinam muito, mas sempre nos limites do possível; nunca, pois, lhes perguntemos o que eles não podem ou não devem revelar; contentemo-nos com o que nos dizem; querer ir além é nos sujeitarmos às mistificações dos Espíritos levianos, sempre dispostos a responder a tudo. A experiência nos ensina a julgar do grau de confiança que lhes devemos conceder.

Utilidade prática das manifestações

V. – Admitamos que a coisa esteja comprovada, e o Espiritismo reconhecido como realidade; qual a sua utilidade prática? Como até agora não se havia sentido a sua falta, parece-me que podemos dispensá-lo e viver sem ele tranquilamente.

A. K. – Podíamos dizer a mesma coisa das vias férreas e do vapor, sem os quais também se vivia muito bem. Se, por utilidade prática, entendeis os meios de viver bem, fazer fortuna, conhecer o futuro, descobrir minas de carvão ou tesouros ocultos, reaver heranças, poupar-se do trabalho das pesquisas, o Espiritismo para nada serve. Ele não pode produzir altas e baixas na Bolsa, nem se transformar em ações de Bancos, nem mesmo fornecer inventos já prontos e no estado de serem explorados. Sob tal ponto de vista, quantas ciências seriam inúteis! Quantas delas não oferecem vantagem alguma, comercialmente falando!

Os homens passavam igualmente bem, antes da descoberta dos novos planetas, antes que se soubesse ser a Terra e não o Sol que se move, antes que se calculasse os eclipses, antes que se conhecesse o mundo microscópico e tantas outras coisas. O camponês, para viver e fazer brotar o seu trigo, não precisa saber o que seja um cometa.

Para que, então, se entregam os sábios a esses estudos? E, contudo, alguém ousaria dizer que eles perdem o tempo?

Tudo que serve para erguer uma ponta do véu que nos envolve, ajuda o desenvolvimento da inteligência, alarga o círculo das ideias, fazendo-nos compreender melhor as Leis da Natureza. Ora, o mundo dos Espíritos existe em virtude de uma dessas leis naturais e o Espiritismo nos faz conhecê-lo; ele nos mostra a influência que o mundo invisível exerce sobre o mundo visível e as relações que existem entre eles, como a Astronomia nos ensina as relações existentes entre os astros e a Terra; ele no-lo mostra como uma das forças que regem o Universo e contribuem para a manutenção da harmonia geral. Mesmo supondo que a isso se limitasse a sua utilidade, já não seria de grande importância a revelação de uma tal potência, abstração feita da sua doutrina moral? De nada valerá, então, a revelação de um mundo novo, sobretudo se o conhecimento dele nos conduz à solução de tão grande número de problemas, até então insolúveis? Quando essa revelação nos inicia nos mistérios do além-túmulo, que nos devem interessar de algum modo, visto que todos nós, mais cedo ou mais tarde, temos de transpor esse marco fatal?

O Espiritismo, porém, tem outra utilidade, mais positiva: é a influência moral que exerce pela força natural das coisas. O Espiritismo é a prova patente da existência da alma, da sua individualidade após a morte, da sua imortalidade, da sua sorte futura; é, pois, a destruição do materialismo, não pelo raciocínio, mas pelos fatos. Não convém pedir-lhe senão o que ele pode dar, nem buscar nele o que está fora dos limites do seu fim providencial.

Antes dos progressos sérios da Astronomia, acreditava-se na Astrologia. Será razoável dizer-se que a Astrologia não serve para coisa alguma, porque já não se pode encontrar o prognóstico do destino na influência dos astros? Assim como a Astronomia destronou os astrólogos, o Espiritismo veio destronar os adivinhos, os feiticeiros, os que liam a buena-dicha. Ele é, para a magia, o que é a Astronomia para a Astrologia, a Química para a Alquimia.

Loucura, suicídio, obsessão

V. – Por considerarem as ideias espíritas como capazes de perturbar as faculdades mentais, certas pessoas acham mais prudente deter a sua propagação.

A. K. – Deveis conhecer o provérbio: “Quando se quer matar um cão, diz-se que ele está raivoso”. Não é, portanto, estranhável que os inimigos do Espiritismo procurem agarrar-se a todos os pretextos; como este lhes pareceu adequado para despertar temores e suscetibilidades, logo o empregaram, embora não resista ao mais ligeiro exame. Ouvi, pois, a respeito dessa loucura, o raciocínio de um louco.

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura; as ciências, as artes, a própria religião fornecem o seu contingente. A loucura provém de um certo estado patológico do cérebro, instrumento do pensamento; estando o instrumento desorganizado, o pensamento fica alterado. A loucura é, pois, um efeito consecutivo, cuja causa primeira é uma predisposição orgânica, que torna o cérebro mais ou menos acessível a certas impressões; e isto é tão real que encontrareis pessoas que pensam excessivamente e não ficam loucas, ao passo que outras enlouquecem sob o influxo da menor excitação.

Existindo uma predisposição para a loucura, assume esta o caráter de preocupação principal, que então se torna ideia fixa. Esta ideia fixa poderá ser a dos Espíritos, num indivíduo que deles se tenha ocupado, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da riqueza, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso se tivesse tornado um louco espírita, se o Espiritismo fosse a sua preocupação dominante. É verdade que um jornal disse que se contavam, só em uma localidade da América, de cujo nome não me recordei, 4.000 casos de loucura espírita; mas é também sabido que os nossos adversários têm a *ideia fixa* de se serem os únicos dotados de razão, o que não deixa de ser uma mania, como qualquer outra. Para eles, nós somos todos dignos de um hospício e, por

consequente, os 4.000 espíritas da localidade em questão deviam ser loucos.

Dessa espécie, os Estados Unidos contam centenas de milhares, e todos os países do mundo um número ainda muito maior. Esse gracejo de mau gosto começa a perder força, uma vez que tal moléstia vai invadindo as classes mais elevadas da sociedade. Tem-se feito grande arruído a propósito de um caso conhecido, o de Víctor Hennequin. Esquecem, contudo, que antes de se ocupar com os Espíritos, ele já dera provas de excentricidade nas ideias; se as mesas girantes não tivessem então aparecido, as quais, segundo um trocadilho bem espirituoso dos nossos adversários, lhe fizeram girar a cabeça, sua loucura teria seguido outro rumo. É por isso que digo: o Espiritismo não tem privilégio algum nesse sentido; vou, porém, ainda mais longe: afirmo que, bem compreendido, ele preserva contra a loucura e o suicídio.

Entre as causas mais numerosas de superexcitação cerebral, devemos contar as decepções, as desgraças, as afeições contrariadas, que são, ao mesmo tempo, as causas mais frequentes do suicídio. Ora, o verdadeiro espírita vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado que as tribulações não passam para ele de incidentes desagradáveis de uma viagem. Aquilo que em outro qualquer produziria violenta comoção, afeta-o mediocrementemente. Ele sabe, além disso, que os dissabores da vida são provas que servirão para o seu adiantamento, se as sofrer sem murmurar, porque será recompensado conforme a coragem com que as houver suportado. Suas convicções dão-lhe, pois, uma resignação que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa incessante de loucura e de suicídio. Ele sabe, também, pelo espetáculo que lhe oferecem as comunicações com os Espíritos, a sorte deplorável dos que abreviam voluntariamente os seus dias, e este quadro é capaz de fazê-lo refletir; também é considerável o número dos que por esse meio têm sido detidos nas bordas desse funesto precipício. É um dos grandes resultados do Espiritismo.

Dentre as causas de loucura, devemos também colocar o medo, principalmente do diabo, que já tem perturbado mais de um cérebro. Sabe-se o número de vítimas que se tem feito, ferindo as imaginações fracas com esse quadro que, por detalhes horrorosos, se empenham em tornar mais assustador? O diabo, dizem por aí, só causa medo às crianças e é um freio para corrigi-las; sim, como o papão e o lobisomem, que as contêm por algum tempo, tornando-se elas piores que antes quando lhes perdem o medo; mas, em troca desse pequeno resultado, não levam em conta as epilepsias que têm sua origem nesse abalo de cérebros tão delicados.

Não se deve confundir a *loucura patológica* com a *obsessão*; esta não provém de nenhuma lesão cerebral, mas da subjugação que Espíritos malévolos exercem sobre certos indivíduos, e que, muitas vezes, têm as aparências da loucura propriamente dita. Esta afecção, muito frequente, não depende de crença alguma no Espiritismo e existiu em todos os tempos. Neste caso, a medicação comum é impotente e mesmo prejudicial. O Espiritismo, ao revelar esta nova causa de perturbação orgânica, nos oferece, ao mesmo tempo, o único meio de vencê-la, agindo não sobre o enfermo, mas sobre o Espírito obsessivo. O Espiritismo é o remédio e não a causa do mal.

Esquecimento do passado

V. – Não consigo explicar a mim mesmo como o homem pode aproveitar da experiência adquirida em suas existências anteriores, se não se lembra delas, visto como, desde que lhe falta essa reminiscência, cada existência é para ele qual se fora a primeira; deste modo, está sempre a recomençar.

Suponhamos que cada dia, ao despertar, perdemos a memória de tudo quanto fizemos no dia anterior: quando chegássemos aos setenta anos, não estaríamos mais adiantados do que aos dez; ao passo que recordando nossas faltas, inaptidões e punições que disso nos resultassem, esforçar-nos-íamos por evitá-las.

Para me servir da comparação que fizestes do homem, na Terra, com o aluno de um colégio, eu não compreendo como este poderia aproveitar as lições da quarta série, por exemplo, não se lembrando do que aprendeu na anterior. Ora, essas soluções de continuidade na vida do Espírito interrompem todas as relações e fazem dele, de certo modo, um novo ser; isto nos leva a concluir que os nossos pensamentos morrem com cada uma das nossas existências, para renascer em outra, sem consciência do que fomos; é uma espécie de aniquilamento.

A. K. – De pergunta em pergunta, levar-me-eis a fazer um curso completo de Espiritismo. As objeções que fazeis são muito naturais em quem ainda nada conhece, mas que, mediante estudo sério, pode encontrar respostas muito mais explícitas do que as que posso dar numa explicação sumária que, por certo, deve sempre provocar novas questões. Tudo se encadeia no Espiritismo, e, quando se toma o conjunto, vê-se que seus princípios decorrem uns dos outros, servindo-se mutuamente de apoio; então, o que parecia uma anomalia, contrária à Justiça e à sabedoria de Deus, parece muito natural e vem confirmar essa justiça e essa sabedoria. Tal é o problema do esquecimento do passado, que se prende a outras questões de não menor importância; por isso, apenas tocarei de leve no assunto.

Embora em cada existência um véu encubra o passado do Espírito, nem por isso ele perde as suas aquisições anteriores; apenas esquece o modo por que as conquistou. Para me servir da comparação com o aluno, direi que pouco importa saber onde, como, com que professores ele estudou as matérias de uma série, contanto que as saiba quando passar para a série seguinte. Que lhe importa saber se foi castigado por preguiça ou insubordinação, se os castigos o tornaram laborioso e dócil? É assim que, reencarnando, o homem traz, por intuição e como ideias inatas, o que adquiriu em ciência e moralidade. Digo em moralidade porque, se no curso de uma existência ele se melhorou, aproveitou as lições da experiência, tornar-se-á melhor quando voltar; seu Espírito, amadurecido na escola do sofrimento e do trabalho, terá mais firmeza; longe de ter

de recomeçar tudo, ele possui um fundo que vai sempre crescendo e sobre o qual se apoia para fazer maiores conquistas.

A segunda parte da vossa objeção, relativa ao aniquilamento do pensamento, não tem base mais segura, porque esse esquecimento só ocorre durante a vida corpórea; ao deixá-la, o Espírito recobra a lembrança do seu passado; então poderá julgar do caminho que seguiu e do que lhe resta ainda fazer; não há, pois, essa solução de continuidade em sua vida espiritual, que é a vida normal do Espírito. Esse esquecimento temporário é um benefício da Providência; muitas vezes só se adquire experiência por meio de provas rudes e terríveis expiações, cuja recordação seria muito penosa e só viria aumentar as angústias e tribulações da vida presente.

Se os sofrimentos da vida parecem longos, que aconteceria se a eles acrescentássemos a lembrança do passado? Vós, por exemplo, senhor, sois hoje um homem de bem, mas talvez devais isso aos rudes castigos que sofrestes pelos malefícios que hoje vos repugnariam à consciência; que sensação experimentaríeis se vos lembrásseis de ter sido outrora enforcado por vossa maldade? Não vos perseguiria a vergonha de saber que o mundo não ignorava o mal que tínheis feito? Que vos importa o que fizestes e o que sofrestes para expiar, se hoje sois um homem digno de estima? Aos olhos do mundo, sois um homem novo, e aos olhos de Deus, um Espírito reabilitado. Livre da reminiscência de um passado importuno, agis com mais liberdade; é para vós um novo ponto de partida; vossas dívidas anteriores estão pagas, cabendo-vos o cuidado de não contrair outras.

Quantos homens gostariam de assim poder, durante a vida, lançar um véu sobre os seus primeiros anos! Quantos não têm dito, ao chegar ao termo de sua carreira: “Se eu tivesse de recomeçar, não faria mais o que fiz!”. Pois bem! O que eles não podem fazer nesta mesma vida, farão em outra; em uma nova existência, seu Espírito trará, em estado de intuição, as boas resoluções que tiver tomado. É assim que se efetua gradualmente o progresso da Humanidade.

Suponhamos, ainda, o que é um caso muito comum, que, em vossas relações, em vossa família mesmo se encontre um indivíduo que vos deu outrora muitos motivos de queixa, que talvez vos arruinou, ou desonrou em outra existência, e que, Espírito arrependido, veio encarnar-se em vosso meio, ligar-se a vós pelos laços de família, a fim de reparar suas faltas para convosco, por seu devotamento e afeição; não vos acharíeis mutuamente na mais embaraçosa posição se ambos vos lembrásseis de vossas passadas inimizades? Em vez de se extinguirem, os ódios se eternizariam.

Conclusão: a recordação do passado perturbaria as relações sociais e seria um obstáculo ao progresso. Quereis uma prova? – Suponde que um indivíduo condenado às galés tome a firme resolução de tornar-se um homem de bem; que lhe acontece quando termina a pena? A sociedade o repele e essa repulsa o lança de novo nos braços do vício. Se, porém, desconhecêssem os seus antecedentes, ele seria bem acolhido; e, se ele mesmo os esquecesse, poderia ser honesto e andar de cabeça erguida, em vez de curvá-la sob o peso da vergonha que não consegue olvidar.

Isto está em perfeita concordância com a Doutrina dos Espíritos, a respeito dos mundos superiores ao nosso planeta. Em tais mundos, onde só reina o bem, a lembrança do passado nada tem de penosa, razão pela qual seus habitantes se recordam da sua existência precedente, como nós nos recordamos hoje do que ontem fizemos. Quanto à lembrança do que fizeram em mundos inferiores, ela só produz neles a impressão de um sonho mau e nada mais.

Elementos de convicção

V. – Concordo, senhor, que do ponto de vista filosófico a Doutrina Espírita é perfeitamente racional; mas fica sempre de pé a questão das manifestações, que só pode ser resolvida por fatos. Ora, é a realidade destes que muita gente contesta e não vos deveis surpreender com o desejo que manifestam de testemunhá-los.

A. K. – Acho muito natural; todavia, como eu procuro que eles sejam aproveitados, explico em que condições cada um se deve colocar para melhor observá-los e, sobretudo, compreendê-los. Quem não aceita essas condições, mostra não ter desejo sério de esclarecer-se, e com tal pessoa é inútil perdermos tempo.

Convireis também, senhor, que seria muito estranho que uma filosofia tão racional tivesse saído de fatos ilusórios e controvertidos. Em boa lógica, a realidade do efeito implica a realidade da causa; se um é verdadeiro, a outra não pode ser falsa, porque, onde não há árvores, não se pode colher frutos.

Nem todos, é verdade, puderam constatar os fatos, porque não se colocaram nas condições precisas para observá-los, nem tiveram a paciência e a perseverança necessárias. Mas isso também se dá com todas as ciências: o que uns não fazem, outros fazem; todos os dias aceitamos o resultado dos cálculos astronômicos sem que nós mesmos os façamos. Seja como for, se achais a filosofia boa, podeis aceitá-la como aceitaríeis outra qualquer, conservando vossa opinião sobre as vias e meios que a ela conduziriam, ou, ao menos, admitindo-a somente a título de hipótese, até mais ampla confirmação.

Os elementos de convicção não são os mesmos para todos; o que convence a uns não produz impressão alguma em outros; assim sendo, é preciso um pouco de tudo. Porém, é um erro acreditar-se que as experiências físicas sejam o único meio de convencer. Em algumas pessoas os fenômenos mais notáveis não produziram a menor impressão, ao passo que uma simples resposta escrita venceu todas as dúvidas. Quando se vê um fato que não se compreende, quanto mais extraordinário ele é, tanto mais suspeitas desperta e mais o pensamento se esforça para lhe dar uma causa vulgar; mas, se for compreendido, todos o admitem facilmente, porque tem uma razão de ser, desaparecendo o maravilhoso e o sobrenatural. Certamente, as explicações que vos acabo de dar nesta conversa estão longe de ser completas; entretanto, por mais sumárias que sejam, estou convencido de que vos levarão a refletir;

e, se as circunstâncias vos fizerem testemunhar alguns fatos de manifestações, vê-los-eis com olhar menos prevenido, porque possuireis uma base onde firmar o vosso raciocínio.

Há duas coisas no Espiritismo: a parte experimental das manifestações e a doutrina filosófica. Ora, todos os dias eu sou visitado por pessoas que ainda nada viram e creem tão firmemente como eu, tão só pelo estudo que fizeram da parte filosófica; para elas o fenômeno das manifestações é acessório; o fundo é a doutrina, a ciência; elas a veem tão grande, tão racional, que nela encontram tudo quanto pode satisfazer às suas aspirações interiores, à parte o fato das manifestações; daí concluem que, supondo não existissem as manifestações, nem por isso a doutrina deixaria de ser sempre a que melhor resolve uma multidão de problemas reputados insolúveis. Quantos já não me disseram que essas ideias haviam germinado no seu cérebro, embora em estado de confusão! O Espiritismo veio coordená-las, dar-lhes um corpo, e foi para eles como um raio de luz. É o que explica o número de adeptos que a simples leitura de *O Livro dos Espíritos* produziu. Acreditais que esse número seria o que é hoje, se nunca tivéssemos saído das mesas girantes e falantes?

V. – Tíneis razão de dizer, senhor, que das mesas girantes saiu uma doutrina filosófica, e longe estava eu de suspeitar as consequências que poderiam surgir de um fato encarado como simples objeto de curiosidade. Agora vejo quanto é vasto o campo aberto pelo vosso sistema.

A. K. – Nisso vos contesto, caro senhor; dais-me subida honra atribuindo-me esse sistema quando ele não me pertence. Ele foi totalmente deduzido do ensino dos Espíritos. Vi, observei, coordenei e procuro fazer que os outros compreendam aquilo que compreendo; esta é a parte que me cabe. Entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos há esta diferença capital: que estes são, todos, obra de homens, mais ou menos esclarecidos, ao passo que naquele que me atribuí, eu não tenho o mérito da invenção de um só princípio. Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz;

nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec; e isto felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tamanha gravidade? O Espiritismo tem auxiliares de maior preponderância, ao lado dos quais não passamos de simples átomos.

Sociedade Espírita de Paris

V. – Tendes uma sociedade que se ocupa com esses estudos; ser-me-ia possível fazer parte dela?

A. K. – Por ora, ainda não; porque se não há, para alguém ser nela recebido, necessidade de ser doutor em Espiritismo, é preciso, pelo menos, que tenha, sobre ele, ideias mais firmes do que as vossas. Como a Sociedade não deseja ser perturbada nos seus estudos, ela não admite os que lhe fizessem perder tempo com questões elementares, nem os que, não simpatizando com seus princípios e convicções, lançassem a desordem no seu seio, com discussões intempestivas ou com espírito de contradição. É uma sociedade científica, como tantas outras, que se ocupa de aprofundar os diferentes pontos da ciência espírita e procura esclarecer-se; é o centro para onde convergem ensinamentos de todas as partes do mundo e onde se elaboram e coordenam questões que se relacionam com o progresso da Ciência; mas não é uma escola nem um curso de ensino elementar. Mais tarde, quando as vossas convicções estiverem consolidadas pelo estudo, ela decidirá se vos deve admitir. Enquanto esperais, podereis assistir, como ouvinte, a uma ou duas sessões, desde que não façais reflexão alguma capaz de melindrar a quem quer que seja; do contrário, eu, que vos vou apresentar, incorreria na censura dos meus colegas, e a porta da Sociedade vos seria interdita para sempre.

Aí encontrareis uma reunião de homens graves e de boa sociedade, cuja maioria se recomenda pela superioridade do seu saber e posição social, e que não admitiria que se afastassem das conveniências aquelas que ela recebe em seu seio; não creiais, pois, que ela convide o público e chame o primeiro que se apresente para

assistir às suas sessões. Como não faz demonstrações com o fim de satisfazer curiosidades, afasta com cuidado os curiosos. Aqueles, pois, que julgam ir aí achar uma distração e um gênero de espetáculo ficarão desapontados e melhor farão se lá não forem. Eis por que ela recusa admitir, mesmo como simples ouvintes, as pessoas que não conhece, ou aqueles cujas disposições hostis são notórias.

Interdição do Espiritismo

V. – Uma última questão, por favor. O Espiritismo tem poderosos inimigos; não poderiam eles interditar-lhe o exercício e as sociedades e, por esse meio, impedir a sua propagação?

A. K. – Seria um modo de perder a partida um pouco mais depressa, porque a violência é o argumento daqueles que não têm boas razões. Se o Espiritismo é uma quimera, cairá por si mesmo, sem que ninguém precise dar-se ao trabalho de derrubá-lo; se o perseguem é porque o temem, e só uma coisa séria pode causar temor. Se, ao contrário, é uma realidade, então está na Natureza, como eu já disse, e ninguém pode revogar uma lei natural com uma simples assinatura.

Se as manifestações espíritas fossem privilégio de um homem, não há dúvida que, afastando-se esse homem, se poria um termo às manifestações; infelizmente para os adversários, elas não constituem mistério para ninguém; aí não há segredos, nada oculto, tudo se passa em plena claridade; elas estão à disposição de todo o mundo e se produzem desde o palácio até a mansarda. Podem interdizer-lhe o exercício público; porém, sabe-se perfeitamente que não é em público que elas mais se dão: é na intimidade. Ora, desde que todos podem ser médiuns, quem impedirá que uma família no seu lar, que um indivíduo no silêncio do seu gabinete, que um prisioneiro em seu cárcere, tenha comunicações com os Espíritos, mesmo nas barbas da polícia e sem que esta o saiba? Admitamos, no entanto, que um governo seja bastante forte para impedi-los de

trabalhar em suas casas; conseguirá, porventura, levar a interdição ao mundo inteiro, visto que não há país algum, nos dois hemisférios, em que não se encontrem médiuns?

Além disso, o Espiritismo não tem sua fonte entre os homens; ele é obra dos Espíritos, que não podem ser queimados nem encarcerados. Ele consiste na crença individual e não nas sociedades, que de modo algum são necessárias. Se chegassem a destruir todos os livros espíritas, os Espíritos ditariam outros. Em resumo, o Espiritismo é hoje um fato consumado; já conquistou o seu lugar na opinião pública e entre as doutrinas filosóficas; é preciso, pois, que aqueles a quem ele não convém se resignem a vê-lo ao seu lado, restando-lhes, naturalmente, a liberdade de recusá-lo.

Terceiro diálogo – O padre

Um abade – Permitir-me-eis, senhor, que também vos dirija algumas perguntas?

A. K. – Com todo prazer, reverendo; mas, antes de responder a elas, julgo conveniente dar-vos a conhecer o terreno em que devo colocar-me perante vós. Antes de tudo, cumpre-me declarar que não tenho a pretensão de vos converter às nossas ideias. Se desejardes conhecê-las minuciosamente, encontrá-las-eis nos livros em que estão expostas; neles podereis estudá-las à vontade e aceitá-las ou rejeitá-las.

O Espiritismo tem por fim combater a incredulidade e suas funestas consequências, fornecendo provas patentes da existência da alma e da vida futura; dirige-se, pois, àqueles que em nada creem *ou que duvidam*, e o número desses é grande, como bem o sabeis; os que têm fé religiosa e a quem *esta fé satisfaz* não têm necessidade dele. Àquele que diz: “Creio na autoridade da Igreja e me contento com os seus ensinamentos, sem nada buscar além dos seus limites”, o Espiritismo responde que não se impõe a pessoa alguma e que não vem forçar nenhuma convicção.

A liberdade de consciência é consequência da liberdade de pensar, que é um dos atributos do homem; se não a respeitasse, o Espiritismo estaria em contradição com os seus princípios de caridade e de tolerância. A seus olhos, toda crença é respeitável, ainda que errônea, desde que seja sincera e não permita ao homem fazer mal ao próximo. Se alguém fosse induzido, por sua própria consciência, a crer, por exemplo, que é o Sol que gira ao redor da Terra, nós lhe diríamos: Acreditai-o se quiserdes, porque isso não impedirá que a Terra gire em torno do Sol. Mas, assim como não procuramos violentar-vos a consciência, não tenteis violentar a dos outros. Se, porém, transformardes uma crença, de si mesma inocente, em instrumento de perseguição, ela então se tornará nociva e pode ser combatida.

Tal é, senhor abade, a linha de conduta que tenho seguido com os ministros dos diversos cultos que a mim se têm dirigido. Quando eles me interpelaram sobre alguns pontos da Doutrina, dei-lhes as explicações necessárias, abstendo-me, no entanto, de discutir certos dogmas, com os quais o Espiritismo não tem que se ocupar, por serem todos os homens livres em suas apreciações; nunca, porém, fui procurá-los com o propósito de lhes abalar a fé por meio de uma pressão qualquer. Aquele que nos procura como irmão, nós o acolhemos como tal; ao que nos repele, deixamo-lo em paz. É o conselho que não me canso de dar aos espíritas, porque nunca aprovei a pretensão dos que se arrogam a missão de converter o clero. Sempre lhes tenho dito: Semeai no campo dos incrédulos, pois é lá que tendes muito a colher.

O Espiritismo não se impõe porque, como vo-lo disse, respeita a liberdade de consciência; ele sabe, aliás, que toda crença imposta é superficial e não desperta senão as aparências da fé, mas nunca a fé sincera. Ele expõe seus princípios aos olhos de todos, de modo que cada um possa formar opinião com conhecimento de causa. Os que lhe aceitam os princípios, sacerdotes ou leigos, o fazem livremente e por achá-los racionais; mas nós não ficamos querendo mal aos que se afastam da nossa opinião. Se hoje há luta entre a Igreja e o Espiritismo, temos plena consciência de não havê-la provocado.

Padre – Se a Igreja, vendo surgir uma nova doutrina, cujos princípios, em consciência, julga dever condenar, podeis contestar-lhe o direito de discuti-los e combatê-los, prevenindo os fiéis contra o que ela considera erro?

A. K. – De modo algum podemos contestar esse direito, que também reclamamos para nós. Se ela se houvesse encerrado nos limites da discussão, nada haveria de melhor; lede, porém, a maioria dos escritos emanados de seus membros ou publicados em nome da religião, os sermões que têm sido pregados, e vereis neles a injúria e a calúnia transbordando por toda parte e os princípios da Doutrina desfigurados de maneira indigna e maldosa. Do alto do púlpito, os espíritas não têm sido qualificados de inimigos da sociedade e da ordem pública? Aqueles a quem o Espiritismo reconduziu à fé não têm sido anatematizados e rejeitados pela Igreja, sob o pretexto de que é melhor ser incrédulo do que crer em Deus e na alma pelos ensinamentos da Doutrina Espírita? Muitos não lamentam hoje não se poder acender para os espíritas as fogueiras da Inquisição? Em certas localidades eles não têm sido apontados ao ódio de seus concidadãos, a ponto de fazer que sejam perseguidos e injuriados nas ruas? Não se tem imposto a todos os fiéis que os evitem como pestíferos e impedido que os criados entrem a seu serviço? Muitas mulheres não têm sido aconselhadas a se separarem de seus maridos, como muitos maridos de suas mulheres, tudo por causa do Espiritismo? Não se tem tirado lugares a empregados, retirado o pão do trabalho a operários e recusado caridade aos necessitados, por serem eles espíritas? Não se tem mandado embora de alguns hospitais até cegos, por não quererem abjurar sua crença? Dizei-me, senhor abade: será isto uma discussão leal? Os espíritas responderam, porventura, injúria por injúria, mal por mal? Não. A tudo eles opuseram sempre a calma e a moderação. A consciência pública já lhes faz a justiça de reconhecer não terem sido eles os agressores.

Padre – Todo homem sensato deplora esses excessos, mas a Igreja não pode ser responsável pelos abusos cometidos por alguns de seus membros pouco esclarecidos.

A. K. – De acordo; mas entrarão na classe dos pouco esclarecidos os príncipes da Igreja? Vede a pastoral do bispo de Argel e de alguns outros. Não foi um bispo quem ordenou o auto de fé de Barcelona? A autoridade superior eclesiástica não tem todo o poder sobre os seus subordinados? Se, pois, ela tolera esses sermões indignos da cátedra evangélica, se favorece a publicação de escritos injuriosos e difamatórios contra uma classe inteira de cidadãos, e se não se opõe às perseguições exercidas em nome da religião é porque as aprova.

Em resumo, a Igreja, repelindo sistematicamente os espíritas que a buscavam, forçou-os a retroceder; pela natureza e violência dos seus ataques ela ampliou a discussão e a levou para um terreno novo. O Espiritismo não passava de uma simples doutrina filosófica; foi a Igreja que lhe deu maiores proporções, apresentando-o como inimigo perigoso; foi ela, enfim, quem o proclamou nova religião. Foi grande inabilidade da sua parte, mas a paixão não raciocina melhor.

Um livre-pensador – Há pouco proclamastes a liberdade de pensamento e de consciência, e declarastes que toda crença sincera é respeitável. O materialismo é uma crença como outra qualquer; por que lhe negar a liberdade que concedeis a todas as outras?

A. K. – Certamente, cada um é livre de crer no que quiser ou de não crer em coisa alguma, de forma que já não toleraríamos uma perseguição contra aquele que acredita no nada depois da morte nem a promovida contra um cismático de qualquer religião. Combatendo o materialismo, não atacamos os indivíduos, mas uma doutrina que, se é inofensiva para a sociedade, quando se encerra no foro íntimo da consciência de pessoas esclarecidas, é uma chaga social, se vier a generalizar-se.

A crença de tudo acabar para o homem depois da morte, que toda solidariedade cessa com a extinção da vida, leva-o a considerar como um disparate o sacrifício do seu bem-estar presente, em proveito dos outros; daí a máxima: “Cada um por si durante a vida terrena, pois que nada existe além dela”. A caridade, a fraternidade,

a moral, em suma, ficam sem base alguma, sem nenhuma razão de ser. Para que nos molestarmos, nos constrangermos e nos sujeitarmos a privações hoje, quando amanhã, talvez, já nada sejamos? A negação do futuro, a simples dúvida sobre outra vida são os maiores estimulantes do egoísmo, fonte da maioria dos males que afligem a Humanidade. É preciso que se possua grande dose de virtude para não se seguir a corrente do vício e do crime, quando para isso não se tem outro freio além do da própria força de vontade. O respeito humano pode conter o homem do mundo, mas não contém aquele que não dá importância à opinião pública.

Ao mostrar a perpetuidade das relações entre os homens, a crença na vida futura estabelece entre eles uma solidariedade que não se rompe no túmulo; apenas muda o curso das ideias. Se essa crença fosse um simples espantalho, não duraria senão um tempo; como, porém, a sua realidade é fato comprovado pela experiência, é um dever propagá-la e combater a crença contrária, no interesse mesmo da ordem social. É o que faz o Espiritismo; e o faz com sucesso, porque fornece provas e, afinal, porque o homem prefere ter a certeza de viver e poder ser feliz num mundo melhor, para compensação das misérias deste mundo, a ter de morrer para sempre. O pensamento de ser aniquilado, de ver perdidos para sempre os filhos e os entes que lhe são mais caros, satisfaz a bem limitado número, acreditei-me; é por isso que os ataques dirigidos contra o Espiritismo, em nome da incredulidade, obtiveram tão pouco sucesso e não lhe acarretaram o menor abalo.

Padre – A religião ensina tudo isso; até agora foi suficiente. Qual é, pois, a necessidade de uma nova doutrina?

A. K. – Se a religião é suficiente, por que há tantos incrédulos, religiosamente falando? É certo que a religião nos ensina; ela nos manda crer, mas há tanta gente que não crê com base no que dizem os outros! O Espiritismo prova e faz ver o que a religião ensina em teoria. De onde vêm essas provas? Da manifestação dos Espíritos. Ora, é provável que os Espíritos só se manifestem com a permissão

de Deus; se, pois, Deus em sua misericórdia envia aos homens esse socorro para os tirar da incredulidade, é uma impiedade repeli-lo.

Padre – Entretanto, não podeis negar que o Espiritismo não está, em todos os pontos, de acordo com a religião.

A. K. – Ora, senhor abade, todas as religiões dirão a mesma coisa: os protestantes, os judeus, os muçulmanos, tanto quanto os católicos.

Se o Espiritismo negasse a existência de Deus, da alma, da sua individualidade e imortalidade, das penas e recompensas futuras, do livre-arbítrio do homem; se ensinasse que cada um só deve viver para si, e não pensar senão em si, não só seria contrário ao Catolicismo, como a todas as religiões do mundo; seria a negação de todas as leis morais, base das sociedades humanas. Entretanto, não é isso que eles ensinam; os Espíritos proclamam um Deus único, soberanamente justo e bom; eles dizem que o homem é livre e responsável por seus atos, recompensado pelo bem ou pelo mal que houver feito; colocam a caridade evangélica[3] acima de todas as virtudes, bem como a sublime regra ensinada pelo Cristo: *fazer aos outros o que gostaríamos que os outros nos fizessem*. Não são estes os fundamentos da religião? Mas os Espíritos fazem mais: iniciam-nos nos mistérios da vida futura, que para nós já não é uma abstração, mas uma realidade, visto que são justamente aqueles que conhecemos na Terra que nos vêm descrever a sua situação, dizer como e por que sofrem ou são felizes. Que haverá de antirreligioso em tudo isso? Essa certeza do futuro, de se ir encontrar aqueles a quem se amou, não será uma consolação? Essa grandiosidade da vida espiritual, que é a nossa essência, comparada às mesquinhas preocupações da vida terrena, não será de molde a elevar a nossa alma e a fortalecer-nos na prática do bem?

Padre – Concordo que, nas questões gerais, o Espiritismo é conforme às grandes verdades do Cristianismo; dar-se-á, porém, o mesmo em relação aos dogmas? Não contradiz ele alguns princípios que a Igreja nos ensina?

A. K. – O Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência, e não se ocupa com questões dogmáticas. Tem consequências morais como todas as ciências filosóficas; serão boas ou más essas consequências? Pode-se julgá-las pelos princípios gerais que acabo de expor.

Algumas pessoas se iludem sobre o verdadeiro caráter do Espiritismo. A questão é de grande importância e merece alguns desenvolvimentos. Façamos, primeiro, uma comparação: estando na Natureza, a eletricidade existiu em todos os tempos e produziu sempre os efeitos que hoje observamos e muitos outros que ainda não conhecemos. Por ignorarem a sua verdadeira causa, os homens explicavam esses efeitos de um modo mais ou menos extravagante. A descoberta da eletricidade e de suas propriedades veio lançar por terra uma porção de teorias absurdas, projetando luz sobre mais de um mistério da Natureza. O que fizeram a eletricidade e as ciências físicas para certos fenômenos, o Espiritismo fez para outros de ordem diferente.

O Espiritismo fundamenta-se na existência de um mundo invisível formado pelos seres incorpóreos que povoam o espaço e que não são mais que as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros globos, nos quais deixaram seus envoltórios materiais. São os seres a que chamamos Espíritos; eles nos cercam e exercem constante influência sobre nós, embora não os percebamos; além disso, desempenham papel muito ativo no mundo moral e, até certo ponto, no mundo físico. O Espiritismo está, pois, na Natureza e podemos dizer que, numa certa ordem de ideias, ele é uma potência, tal como o são, sob outro ponto de vista, a eletricidade e a gravitação. Os fenômenos cuja fonte é o mundo invisível se hão produzido em todos os tempos; é por isso que a história de todos os povos faz menção deles. Somente, em sua ignorância, como se deu com a eletricidade, os homens os atribuíam a causas mais ou menos racionais, dando livre curso à sua imaginação.

Mais bem observado depois que se vulgarizou, o Espiritismo vem derramar luz sobre grande número de questões até hoje

insolúveis ou mal compreendidas. Seu verdadeiro caráter é, pois, o de uma ciência, e não de uma religião;^[4] e a prova disso é que ele conta entre os seus aderentes homens de todas as crenças, que nem por isso renunciaram às suas convicções: católicos fervorosos que continuam a praticar todos os deveres do seu culto, quando a Igreja não os repele; protestantes de todas as seitas, israelitas, muçulmanos e até budistas e bramanistas.

Consequentemente, o Espiritismo repousa em princípios independentes da questão dogmática. Suas consequências morais são todas no sentido do Cristianismo, porque de todas as doutrinas é esta a mais esclarecida e pura, razão pela qual, de todas as seitas religiosas do mundo, os cristãos são os mais aptos para compreendê-lo em sua verdadeira essência. Podemos censurá-lo por isso? Certamente, cada um pode formar de suas opiniões uma religião e interpretar à vontade as religiões conhecidas; mas daí a constituir nova Igreja, a distância é grande.

Padre – Entretanto, não fazeis as evocações segundo uma fórmula religiosa?

A. K. – Realmente, o sentimento religioso domina nas evocações e em nossas reuniões; mas não temos fórmula sacramental: para os Espíritos o pensamento é tudo e a forma nada. Nós os chamamos em nome de Deus, porque cremos em Deus e sabemos que nada se faz neste mundo sem a sua permissão, e, portanto, que eles não virão sem que Deus o permita. Procedemos em nossos trabalhos com calma e recolhimento, porque essa é uma condição necessária para as observações e, também, porque sabemos o respeito que se deve àqueles que não vivem mais sobre a Terra, qualquer que seja a sua condição, feliz ou infeliz, no mundo dos Espíritos; fazemos um apelo aos Espíritos bons, porque, sabendo que os há bons e maus, não queremos que estes últimos venham tomar parte fraudulentamente nas comunicações que recebemos. Que prova tudo isso? Que não somos ateus, o que não implica absolutamente que sejamos sectários de uma religião.

Padre – Pois bem! Que dizem os Espíritos superiores a respeito da religião? Os bons nos devem aconselhar e guiar. Suponhamos que eu não tenha religião alguma e queira escolher uma; se eu lhes pedir para me aconselharem se devo ser católico, protestante, anglicano, quacre, judeu, muçulmano ou mórmon, qual será a resposta deles?

A. K. – Há dois pontos a considerar nas religiões: os princípios gerais, comuns a todas, e os princípios particulares de cada uma delas. Os primeiros são os de que falamos há pouco; estes são proclamados por todos os Espíritos, seja qual for a sua categoria. Quanto aos segundos, os Espíritos *vulgares*, ainda que não sejam maus, podem ter preferências, opiniões; podem recomendar esta ou aquela forma e estimular certas práticas, seja por convicção pessoal, seja porque conservaram as ideias da vida terrena, seja por prudência, para não assustar as consciências timoratas. Acreditais, por exemplo, que um Espírito esclarecido, mesmo que fosse Fénelon, dirigindo-se a um muçulmano, cometeria a imprudência de dizer-lhe que Maomé é um impostor, e que ele será condenado se não se fizer cristão? De modo algum, porque seria repellido.

Em geral, a não ser que os Espíritos superiores sejam solicitados por alguma consideração especial, não se preocupam com essas questões de detalhe, limitando-se a dizer: “Deus é bom e justo; não quer senão o bem; a melhor de todas as religiões é aquela que só ensina o que é conforme à bondade e à Justiça de Deus; que dá de Deus a maior e a mais sublime ideia e não o rebaixa atribuindo-lhe as fraquezas e as paixões da Humanidade; que torna os homens bons e virtuosos e lhes ensina a se amarem todos como irmãos; que condena todo o mal feito ao próximo; que não permite a injustiça sob qualquer forma ou pretexto que seja; que nada prescreve de contrário às Leis imutáveis da Natureza, porque Deus não se pode contradizer; aquela cujos ministros dão o melhor exemplo de bondade, caridade e moralidade; a que procura melhor combater o egoísmo e satisfazer menos o orgulho e a vaidade dos homens; aquela, finalmente, em nome da qual se comete menos mal, porque uma boa religião não pode servir de pretexto a nenhum

mal; não lhe deve deixar porta alguma aberta, nem diretamente, nem por interpretação. Vede, julgai e escolhei”.

Padre – Creio que certos pontos da doutrina católica são contestados pelos Espíritos que considerais superiores; supondo mesmo que esses princípios sejam falsos, poderá tal crença, segundo a opinião desses mesmos Espíritos, ser prejudicial à salvação daqueles que, errando ou acertando, a consideram artigo de fé e a praticam?

A. K. – Certamente que não, contanto que ela não os afaste da prática do bem, nem os incite ao mal, visto que a mais bem fundada crença os prejudicará, se lhes fornecer ocasião de fazer o mal, de faltar à caridade com o próximo, de torná-los duros e egoístas, porque, nesse caso, tal crença não age segundo a Lei de Deus, e Deus olha mais os pensamentos que os atos. Quem ousaria sustentar o contrário?

Acreditais, por exemplo, que a fé possa ser proveitosa a um homem que, crendo perfeitamente em Deus, pratique atos desumanos ou contrários à caridade? Não haverá sempre mais culpa naquele que tinha mais meios de esclarecer-se?

Padre – Assim, o católico fervoroso, que cumpre rigorosamente os deveres do seu culto, não é censurado pelos Espíritos?

A. K. – Não, se isso é para ele uma questão de consciência e se o faz com sinceridade; sim, mil vezes sim, se for hipócrita, se ele só tiver piedade aparente.

Os Espíritos superiores, os que têm por missão o progresso da Humanidade, se insurgem contra todos os abusos que podem retardar esse progresso, qualquer que seja a natureza deles e sejam quais forem os indivíduos ou as classes da sociedade que deles se aproveitem. Ora, não se pode negar que a religião nem sempre esteve isenta de abusos; se, entre os seus ministros, há muitos que desempenham sua missão com devotamento inteiramente cristão, que a fazem grande, bela e respeitável, também é certo que nem

todos assim compreenderam a santidade do seu ministério. Os Espíritos combatem o mal, onde quer que ele se ache; mas assinalar os abusos da religião, será atacá-la? Ela não tem inimigos piores que aqueles que defendem esses abusos, porque são esses abusos que fazem brotar o pensamento de ela poder ser substituída por outra melhor. Se a religião corresse qualquer perigo, a responsabilidade deveria cair sobre os que dão uma falsa ideia dela, transformando-a em arena das paixões humanas e explorando-a em proveito de sua ambição.

Padre – Dissestes que o Espiritismo não discute os dogmas e, contudo, ele admite certos pontos combatidos pela Igreja, tais, por exemplo, a reencarnação, a presença do homem na Terra antes de Adão; nega a eternidade das penas, a existência dos demônios, o purgatório, o fogo do inferno.

A. K. – Esses pontos vêm sendo discutidos há muito tempo; não foi o Espiritismo que os pôs em evidência; são pontos sobre alguns dos quais existe controvérsia, mesmo entre os teólogos, e que só o futuro julgará. Um grande princípio domina a todos: a prática do bem, que é a lei superior, a condição *sine qua non* do nosso futuro, como no-lo prova o estado dos Espíritos que conosco se comunicam. Enquanto a luz não se faz para vós sobre essas questões, acreditai, se o quiserdes, nas chamas e torturas materiais, se julgais que isso vos impede de praticar o mal; essa crença, porém, não as tornará mais reais se elas não existirem.

Acreditais que temos apenas uma existência corpórea, mas isto não impede de renascerdes aqui ou em outra parte, se assim tiver de ser, mesmo contra a vossa vontade; credes que o mundo todo foi criado em seis vezes vinte e quatro horas, a despeito das provas em contrário que a Terra nos apresenta, escritas em suas camadas geológicas; estais convencido de que Josué fez o Sol parar, e, contudo, é a Terra que gira; afirmais que o homem está na Terra há apenas 6.000 anos, embora os fatos vos contradigam. E que direis se um dia a Geologia demonstrar, por traços patentes, a anterioridade do homem, como já demonstrou tantas outras coisas?

Crede, pois, em tudo que vos aprouver, mesmo na existência do diabo, se tal crença vos puder tornar bom, humano e caridoso para com os vossos semelhantes. O Espiritismo, como doutrina moral, só impõe uma coisa: a necessidade de fazer o bem e o dever de não fazer o mal. É uma ciência de observação que, repito, tem consequências morais, que são a confirmação e a prova dos grandes princípios da religião; quanto às questões secundárias, ele as deixa à consciência de cada um.

Notai bem, senhor, que alguns dos pontos divergentes de que acabastes de falar, não são, em princípio, contestados pelo Espiritismo. Se tivésseis lido tudo quanto tenho escrito a respeito, teríeis visto que ele se limita a dar-lhes uma interpretação mais lógica e racional do que a que vulgarmente lhes dão. É assim, por exemplo, que ele não nega o purgatório; antes, pelo contrário, demonstra sua necessidade e justiça; vai mesmo além, ele o define. O inferno foi descrito como imensa fornalha, mas será assim que o entende a alta teologia? Evidentemente, não; ela diz muito bem que isto é uma simples figura; que o fogo que ali se consome é um fogo moral, símbolo das maiores dores. Quanto à eternidade das penas, se fosse possível fazer-se uma eleição para se conhecer a opinião íntima de todos os homens que raciocinam e estão aptos a compreendê-la, mesmo entre os mais religiosos, se veria para que lado penderia a maioria, porque a ideia de uma eternidade de suplícios é a negação da infinita misericórdia de Deus.

Eis, aliás, o que diz a Doutrina Espírita a tal respeito:

A duração do castigo é subordinada ao melhoramento do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr um termo aos sofrimentos é o arrependimento, a expiação e a *reparação*; em suma, um melhoramento sério, efetivo, e um retorno sincero ao bem. O Espírito é assim o árbitro de sua própria sorte; pode prolongar seus sofrimentos, conforme sua pertinácia no mal, ou minorá-los e abreviá-los, segundo os esforços que empregue para fazer o bem. Sendo a duração da pena subordinada ao

arrependimento, o Espírito culpado que não se arrependesse e nunca melhorasse sofreria sempre, e para ele então a pena seria eterna. A eternidade das penas deve, pois, ser entendida no sentido relativo e não no absoluto. Uma condição inerente à inferioridade do Espírito é não ver o termo da sua situação e crer que há de sofrer sempre, o que é para ele um castigo. Desde, porém, que sua alma se abra ao arrependimento, Deus lhe faz entrever um raio de esperança.

Evidentemente, esta doutrina é mais conforme à Justiça de Deus, que pune enquanto o culpado persiste no mal, e concede-lhe graça desde que ele volte ao bom caminho. Quem imaginou essa teoria? Fomos nós? Não, foram os Espíritos que a ensinam e provam pelos exemplos que diariamente nos fornecem.

Os Espíritos não negam as penas futuras, pois são eles mesmos que nos vêm descrever seus próprios sofrimentos; e esse quadro nos toca mais do que o das chamas perpétuas, porque tudo nele é perfeitamente lógico. Compreende-se que isto é possível, que assim deve ser, que essa situação é uma consequência muito natural das coisas; o filósofo pode aceitá-lo, porque nele nada repugna à razão. Eis por que as crenças espíritas têm conduzido tanta gente ao bem, mesmo entre os materialistas, aos quais o temor do inferno, tal como nos é descrito, não os abalou absolutamente.

Padre – Admitindo esse raciocínio, não julgais que o vulgo precisa de imagens mais impressionantes do que a de uma filosofia que ele não pode compreender?

A. K. – Isto é um erro que tem lançado mais de um homem ao materialismo, ou, pelo menos, afastado alguns homens da religião. Chega o momento em que essas imagens não impressionam mais, e então aqueles que não aprofundam as coisas, não aceitando uma parte, rejeitam o todo, porque, dizem eles: se me ensinaram como verdade incontestável um ponto que é falso, se me deram uma imagem, uma figura, pela realidade, quem me garante que o resto seja verdadeiro? Se, ao contrário, a razão, crescendo, nada tem a repelir, a fé se fortifica. A religião ganhará sempre em seguir o

progresso das ideias; se alguma vez ela corre perigo, é quando os homens querem avançar e ela fica na retaguarda. Repete os mesmos erros do passado quem espera conduzir os homens de hoje pelo medo do demônio e das torturas eternas.

Padre – A Igreja, com efeito, reconhece hoje que o inferno material é uma figura,^[5] o que não exclui a existência dos demônios; sem eles, como explicar a influência do mal, que não pode vir de Deus?

A. K. – O Espiritismo não admite os demônios no sentido vulgar da palavra, mas admite os Espíritos maus, que não valem mais do que aqueles e que fazem igualmente o mal, suscitando maus pensamentos; somente diz que eles não são seres à parte, criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, espécie de párias da Criação e algozes do gênero humano; são seres atrasados, ainda imperfeitos, mas aos quais Deus reservará o futuro. Nisso o Espiritismo está de pleno acordo com a Igreja Católica Grega, que admite a conversão de Satã, alusão ao melhoramento dos Espíritos maus. Notai, também, que a palavra *demônio* não implica a ideia de Espírito mau, que lhe é dada pela acepção moderna, visto que a palavra *daimon*, grega, significa *gênio*, *inteligência*. Seja como for, hoje ela exprime um Espírito mau.

Ora, admitir a comunicação dos Espíritos maus é reconhecer, em princípio, a realidade das manifestações. A questão está em saber se são eles os únicos que se comunicam, como afirma a Igreja para justificar a proibição, feita por ela, de se comunicar com os Espíritos. Aqui, invocamos o raciocínio e os fatos. Se os Espíritos, quaisquer que eles sejam, se comunicam, é porque têm a permissão de Deus; será possível que somente aos maus Ele o houvesse permitido, deixando a estes toda a liberdade de virem enganar os homens e impedindo que os bons lhes viessem fazer um contrapeso e neutralizar as suas doutrinas perniciosas? Crer que seja assim, não seria pôr em dúvida seu poder e bondade, e fazer de Satã um rival da Divindade?

A *Bíblia*, o Evangelho, os Pais da Igreja reconhecem perfeitamente a possibilidade das comunicações com o mundo invisível, e desse mundo não estão excluídos os bons; por que, pois, havemos hoje de excluí-los? Além disso, a Igreja, admitindo a autenticidade de certas aparições e comunicações de santos, rejeita, por isso mesmo, a ideia de só podermos entrar em relação com os Espíritos maus. Seguramente, quando os ditados obtidos só encerram coisas boas, quando eles nos pregam a mais pura e sublime moral evangélica, a abnegação, o desinteresse e o amor ao próximo; quando neles se combate o mal, seja qual for o aspecto sob o qual se manifeste, será racional acreditar-se que o Espírito maligno assim proceda?

Padre – O Evangelho nos ensina que o anjo das trevas, ou Satã, se transforma em anjo de luz para seduzir os homens.

A. K. – Segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, Satã não é um ser real; é a personificação do Mal, como Saturno era, outrora, a personificação do Tempo. A Igreja toma ao pé da letra essa figura alegórica; é uma questão de opinião que eu não discutirei absolutamente.

Admitamos, por um instante, que Satã seja um ser real; a Igreja, de tanto exagerar o seu poder, tendo em vista intimidar, chega a um resultado totalmente contrário, isto é, à destruição, não somente do medo, mas também da crença em tal personagem, segundo o provérbio: Quem muito quer provar acaba não provando coisa alguma. Ela o representa como eminentemente fino, sagaz e ardiloso, mas, na questão do Espiritismo, ela o faz desempenhar o papel de louco ou tolo.

Já que o objetivo de Satã é alimentar de vítimas o inferno e arrebatam almas do poder de Deus, compreende-se facilmente que se dirija àqueles que estão no bem para os induzir ao mal, e, para tal fim, se veja obrigado a transformar-se, segundo belíssima alegoria, em anjo de luz e a simular a verdade. Como compreender, porém, que deixe escapar aqueles que já estavam em suas garras?

Os que não creem em Deus nem na alma, os que desprezam a prece e vivem mergulhados no vício, já são do demônio, nada mais lhe restando fazer para sepultá-los no lamaçal; ora, excitá-los a voltar a Deus, a orar, a submeter-se à vontade do Criador, animá-los a renunciar ao mal, mostrando-lhes a felicidade dos escolhidos e a triste sorte que aguarda os maus, seria ato de um palerma, mais estúpido que o de dar liberdade a aves que estejam numa gaiola, com a intenção de apanhá-las novamente.

Há, pois, na doutrina da comunicação exclusiva dos demônios uma contradição que choca todo homem sensato. Nunca se convencerá alguém que os Espíritos que reconduzem a Deus aqueles que o negavam; os que encaminham ao bem os seres que praticavam o mal; os que consolam os aflitos e dão força e coragem aos fracos; os que, pela sublimidade de seus ensinamentos, elevam a alma acima da vida material, sejam cúmplices de Satã, e que, por este motivo, se deva interditar qualquer relação com o mundo invisível.

Padre – Se a Igreja proíbe as comunicações com os Espíritos dos mortos, é porque elas são contrárias à religião, como sendo formalmente condenadas pelo Evangelho e por Moisés. Este último, pronunciando a pena de morte contra essas práticas, prova quanto elas são repreensíveis aos olhos de Deus.

A. K. – Perdão, senhor, mas essa proibição não se encontra em parte alguma do Evangelho; ela se acha somente na lei mosaica. Trata-se, pois, de saber se a Igreja coloca a lei mosaica acima da evangélica, isto é, se ela é mais judia que cristã. Devemos mesmo notar que, de todas as religiões, a que faz menos oposição ao Espiritismo é a judaica, contra cujas evocações ela não invocou a lei de Moisés, em que se apoiam as seitas cristãs. Se as prescrições bíblicas são o código da fé cristã, por que proíbem a leitura da *Bíblia*? Que diriam se se proibisse a um cidadão o estudo do código das leis do seu país?

A proibição feita por Moisés tinha então a sua razão de ser porque o legislador hebreu queria que o seu povo rompesse com todos os hábitos trazidos do Egito e entre eles aquele de que

tratamos era objeto de abuso. Não se evocava os mortos pelo respeito e afeição que se votava a eles nem com o sentimento de piedade, mas sim como meio de adivinhar, como objeto de tráfico vergonhoso, explorado pelo charlatanismo e pela superstição; Moisés teve, pois, razão de proibi-lo. Se ele pronunciou contra esse abuso uma penalidade severa, é que precisava de meios rigorosos para governar esse povo indisciplinado; por isso, a sua legislação era pródiga na aplicação da pena de morte.

É, pois, um erro apoiar-se na severidade do castigo para provar-se o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Se a interdição da evocação aos mortos vem do próprio Deus, como pretende a Igreja, deve também ser Deus que instituiu a pena de morte contra os delinquentes. Esta pena passa a ter uma origem tão sagrada quanto a interdição; neste caso, por que não a conservam também? Todas as leis de Moisés são promulgadas em nome e por ordem de Deus; se creem que Deus seja o autor delas, por que não as observam mais? Se a lei de Moisés é para a Igreja um artigo de fé sobre um ponto, por que não o é sobre os demais? Por que recorrem a ela naquilo que lhes convém, e a rejeitam quando não lhes interessa? Por que não lhe seguem todas as prescrições, entre outras a da circuncisão, que Jesus sofreu e não aboliu?

Havia na lei mosaica duas partes: 1^a a Lei de Deus, resumida nas tábuas do Sinai; esta lei foi conservada porque é divina, e o Cristo não fez mais que desenvolvê-la; 2^a a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes do tempo e que o Cristo aboliu. Hoje, as circunstâncias já não são as mesmas, de modo que a proibição de Moisés perdeu a sua razão de ser. Além disso, se a Igreja proíbe a evocação dos Espíritos, acaso poderá impedir que eles venham sem ser chamados? Não estamos vendo diariamente manifestações de todos os gêneros entre pessoas que nunca se ocuparam com o Espiritismo, e antes mesmo que se cogitasse da sua divulgação?

Outra contradição: Se Moisés proibiu evocar os Espíritos dos mortos, é porque eles podiam vir; do contrário essa interdição seria inútil. Se podiam vir naquele tempo, por que não o poderiam hoje?

E se são Espíritos de mortos, não são exclusivamente demônios. Antes de tudo, devemos ser lógicos.

Padre – A Igreja não nega que os Espíritos bons possam comunicar-se, pois reconhece que os santos também se têm manifestado; mas não pode considerar *bons* aqueles que vêm contradizer seus princípios imutáveis. Os Espíritos ensinam, é verdade, que há penas e recompensas futuras, porém de modo diverso do que ela ensina; só ela pode julgar o que eles pregam e, portanto, distinguir os bons dos maus.

A. K. – Eis a grande questão. Galileu foi acusado de heresia e de ser inspirado pelo demônio, porque vinha revelar uma Lei da Natureza, provando o erro de uma crença julgada inatacável; foi condenado e excomungado. Se os Espíritos tivessem, sobre todos os pontos, concordado com o ensino exclusivo da Igreja; se eles não proclamassem a liberdade de consciência e não condenassem certos abusos, teriam sido todos bem-vindos e não os qualificariam de demônios. Tal é também a razão pela qual todas as religiões, os muçulmanos como os católicos, por se julgarem na posse exclusiva da verdade absoluta, olham como obra do demônio toda doutrina que, do seu ponto de vista, não seja inteiramente ortodoxa. Ora, os Espíritos não vêm derrubar a religião, mas, como Galileu, revelar-nos novas Leis da Natureza. Se alguns pontos de fé sofrem com isto, é porque, como na velha crença de girar o Sol ao redor da Terra, estão em contradição com essas leis. A questão está em saber se um artigo de fé pode anular uma lei natural, que é obra de Deus, e se, uma vez reconhecida essa lei, não será mais racional interpretar o dogma sem ferir a lei, em vez de atribuí-la ao demônio.

Padre – Deixemos a questão dos demônios; bem sei que ela é diversamente interpretada pelos teólogos. O sistema da reencarnação, contudo, parece-me mais difícil de conciliar com os dogmas, pois apenas ressuscita a metempsicose de Pitágoras.

A. K. – Não é este o momento próprio de discutir uma questão que demandaria longos desenvolvimentos; vós a encontrareis em *O Livro dos Espíritos* (questões 166 e seg., 222 e seg. e 1.010) e em *O*

Evangelho segundo o Espiritismo (capítulos IV e V). Apenas acrescentarei algumas palavras.

A metempsicose dos Antigos consistia na transmigração da alma do homem nos animais, o que implica uma degradação. Aliás, convém lembrar que essa doutrina não era o que vulgarmente se crê. A transmigração pelos corpos dos animais não era considerada como condição inerente à natureza da alma humana, mas como castigo temporário; admitia-se, assim, que as almas dos assassinos iam habitar os corpos dos animais ferozes, para neles receberem a sua punição; as dos sensuais passavam pelos corpos dos porcos e javalis; as dos inconstantes e estouvados migravam para os corpos das aves; as dos preguiçosos e ignorantes, para os corpos dos animais aquáticos. Depois de alguns milhares de anos, mais ou menos, conforme a culpabilidade, a alma, saindo dessa espécie de prisão, voltava à Humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta; como se vê, ela se aliava à reencarnação humana, e a prova disso é que a punição dos homens tímidos consistia em passar a corpos de mulheres, expostas ao desprezo e às injúrias. (Veja-se a obra: *Pluralidade das existências da alma*, de Pezzani.) Era mais uma espécie de espantalho para os simples do que um artigo de fé para os filósofos. Assim como dizemos às crianças: “Não vos torneis más, senão o lobo vos comerá”, os Antigos diziam aos criminosos: “Sereis transformados em lobos”, e hoje se diz: “O diabo vos agarrará e levará para o inferno”.

Segundo o Espiritismo, a pluralidade das existências difere essencialmente da metempsicose, por não admitir a encarnação da alma humana nos corpos de animais, mesmo como punição. Os Espíritos ensinam que a alma não retrograda, mas progride sempre. Suas diferentes existências corpóreas se cumprem na humanidade, sendo cada uma um passo que a alma dá na senda do progresso intelectual e moral, o que é bem diferente da metempsicose. Não podendo adquirir um desenvolvimento completo em uma só existência, muitas vezes abreviada por causas acidentais, Deus lhe permite continuar, em nova encarnação, a tarefa que ela não pôde

acabar em outra, ou recomeçar o que fez errado. A expiação na vida corpórea consiste nas tribulações que nela sofremos.

Quanto à questão de saber se a pluralidade das existências da alma é ou não contrária a certos dogmas da Igreja, limito-me a dizer o seguinte: ou a reencarnação existe, ou não; se existe, é que está nas Leis da Natureza. Para provar que ela não existe, seria necessário demonstrar que ela é contrária, não aos dogmas, mas a essas leis, e que há outra mais clara e logicamente melhor que ela, explicando as questões que só ela pode resolver.

Além disso, é fácil demonstrar que certos dogmas encontram na reencarnação uma sanção racional, hoje aceitos por aqueles que outrora os repeliam, por falta de compreensão. Não se trata, pois, de destruir, mas de interpretar; é o que se dará mais tarde, pela força das coisas. Aqueles que não quiserem aceitar a interpretação ficam inteiramente livres, como ainda hoje o são, de crer que é o Sol que gira ao redor da Terra. A ideia da pluralidade das existências se vulgariza com espantosa rapidez, em razão de sua extrema lógica e conformidade com a Justiça de Deus. Que fará a Igreja quando a reencarnação for reconhecida como verdade natural e aceita por todos?

Em resumo: a reencarnação não é um sistema concebido para satisfazer as necessidades de uma causa nem uma opinião pessoal; é ou não é um fato. *Se está provado que certos efeitos existentes são materialmente impossíveis sem a reencarnação, é preciso admitirmos que eles decorrem da reencarnação*; logo, se essa lei está na Natureza, não pode ser anulada por uma opinião contrária.

Padre – Segundo os Espíritos, quem não crê neles nem nas suas manifestações será menos favorecido na vida futura?

A. K. – Se esta crença fosse indispensável à salvação dos homens, que seria daqueles que, desde o começo do mundo, não tiveram a chance de possuí-la, bem como daqueles que, durante muito tempo, morrerão sem tê-la? Poderá Deus fechar-lhes as portas do futuro? Não; os Espíritos que nos instruem são muito

mais lógicos; eles nos dizem: Deus é soberanamente justo e bom e não subordina a sorte futura do homem a condições alheias à sua vontade; eles não nos dizem que fora do Espiritismo não possa haver salvação, mas sim, como o Cristo, que *fora da caridade não há salvação*.

Padre – Permitti, então, dizer-vos que, desde que os Espíritos só ensinam os princípios de moral encontrados no Evangelho, não vejo qual possa ser a utilidade do Espiritismo, uma vez que, antes dele e sem ser por ele, podíamos e podemos alcançar a salvação. Outro tanto não sucederia se os Espíritos viessem ensinar algumas grandes verdades novas, alguns desses princípios que mudam a face do mundo, como fez o Cristo. Ao menos o Cristo era só, sua doutrina era única, ao passo que os Espíritos se contam por milhares e se contradizem, uns dizendo que é branco o que outros afirmam ser negro, dando origem, assim, desde o começo, a muitas seitas. Não seria melhor deixarmos os Espíritos em paz e nos contentarmos com o que já temos?

A. K. – Laborais em erro, senhor, em não sair do vosso ponto de vista e em considerar sempre a Igreja como o único critério dos conhecimentos humanos. Se o Cristo disse a verdade, o Espiritismo não podia dizer outra coisa, e em vez de apedrejá-lo por isso, deve-se acolhê-lo como poderoso auxiliar, que vem confirmar, por todas as vozes de além-túmulo, as verdades fundamentais da religião, combatidas pela incredulidade. Que o materialismo o combata, compreende-se facilmente; mas que a Igreja se associe ao materialismo para combatê-lo, é o que não se pode conceber. Ela também se contradiz quando qualifica de demoníaco um ensino que se apoia na autoridade de Jesus, e, ao mesmo tempo, proclama a missão divina do fundador do Cristianismo.

O Cristo teria dito tudo? revelado tudo? Não, porque Ele próprio disse: “Muitas coisas Eu teria ainda a dizer-vos, mas não podeis compreendê-las; é por isso que vos falo em parábolas”. Hoje, que o homem está maduro para compreender, o Espiritismo vem completar e explicar o que o Cristo não fez senão tocar, ou só disse

sob a forma alegórica. Direis, sem dúvida, que competia à Igreja dar essa explicação. Mas qual delas? a romana, a grega ou a protestante? Como não estão de acordo, cada uma delas explicaria a seu modo e reivindicaria o privilégio de dar essa explicação. Qual delas conseguiria reunir todos os dissidentes? Deus, que é sábio, prevendo que os homens iriam contaminá-la com suas paixões e prejuízos, não quis confiar-lhes o cuidado desta nova revelação: entregou-a aos Espíritos, seus mensageiros, que a proclamam por todos os pontos do globo, fora dos limites particulares de qualquer culto, a fim de que ela possa aplicar-se a todos, e nenhum a transforme em objeto de exploração.

Por outro lado, os diversos cultos cristãos não se terão, em coisa alguma, afastado do caminho traçado pelo Cristo? Seus preceitos de moral serão escrupulosamente observados? Não lhe desnaturaram as palavras, a fim de servirem de apoio à ambição e às paixões humanas, quando elas são a sua própria condenação? Ora, o Espiritismo, pela voz dos Espíritos enviados por Deus, vem chamar à estrita observância de seus preceitos aqueles que dela se afastam; será por isso que o qualificam de obra satânica?

Vós vos iludis dando o nome de *seitas* a algumas divergências de opiniões relativas aos fenômenos espíritas. Não é de admirar que no começo de uma ciência, quando para muitos as observações ainda eram incompletas, tenham surgido teorias contraditórias; essas teorias, porém, repousam sobre detalhes e não sobre o princípio fundamental. Podem constituir *escolas* que expliquem certos fatos a seu modo, mas não são seitas, como não o são os diferentes sistemas que dividem os nossos sábios sobre as ciências exatas: em Medicina, Física etc. Riscai, pois, a palavra *seita*, que é imprópria ao nosso caso.

A quantas seitas o Cristianismo não tem dado origem desde que surgiu? Por que a palavra do Cristo não teve bastante poder para impor silêncio a todas as controvérsias? Por que é suscetível de interpretações que ainda hoje dividem os cristãos em diferentes igrejas, pretendendo todas elas possuir exclusivamente a verdade

necessária à salvação, detestando-se intimamente e se anatematizando em nome do seu Divino Mestre, que não pregou senão o amor e a caridade? – Devido à fraqueza dos homens – direis vós. Seja; como, então, quereis que o Espiritismo triunfe subitamente dessa fraqueza e transforme a Humanidade como por encanto?

Passemos à questão da utilidade. Dizeis que o Espiritismo não nos ensina nada de novo. É um erro: ele ensina, ao contrário, bastante àqueles que não se detêm na superfície. Ainda que ele não fizesse mais que substituir a máxima: *Fora da caridade não há salvação*, que congrega os homens, àquela: *Fora da Igreja não há salvação*, que os divide, e já teria marcado uma nova era à Humanidade.

Dissestes que se podia passar sem o Espiritismo; concordo, como também se podia passar sem uma porção de descobertas científicas. Os homens certamente viviam bem, antes da descoberta de todos os novos planetas, antes que se tivesse calculado os eclipses, antes que se conhecesse o mundo microscópico e cem outras coisas; o camponês, para viver e fazer germinar o trigo, não precisa saber o que é um cometa, e, contudo, ninguém nega que todas essas coisas alargam o círculo das ideias e nos fazem compreender melhor as Leis da Natureza. Ora, o mundo dos Espíritos é uma dessas leis que o Espiritismo nos faz conhecer; ele nos ensina a influência que esse mundo exerce sobre o corpóreo. Mesmo supondo que a isso se limitasse a sua utilidade, já não seria muito a revelação de tal potência?

Vejamos, agora, a sua influência moral. Admitamos que ele nada ensine sob esse ponto de vista; qual o maior inimigo da religião? O materialismo, porque o materialismo não crê em coisa alguma; ora, o Espiritismo é a negação do materialismo, que já não tem razão de ser. Assim, não é mais pelo raciocínio nem pela fé cega que se diz ao materialista que nem tudo se acaba com o corpo, mas pelos fatos, fazendo-o, por assim dizer, tocar com os dedos e enxergar. Não será isso um pequeno serviço prestado à Humanidade

e à religião? Isto, porém, não é tudo: a certeza da vida futura e o quadro vivo daqueles que nos precederam nessa vida mostram a necessidade do bem e as consequências inevitáveis do mal. Eis por que, sem ser uma religião,[6] o Espiritismo se prende essencialmente às ideias religiosas, desenvolve-as naqueles que não as possuem e fortifica-as nos que vacilam. A religião encontra, pois, um apoio nele, não para as pessoas de visão estreita, que veem a vida futura integralmente na doutrina do fogo eterno, mais na letra que no espírito, e sim para aqueles que a veem segundo a grandeza e a majestade de Deus.

Em síntese, o Espiritismo engrandece e eleva as ideias; combate os abusos gerados pelo egoísmo, a cupidez, a ambição; quem, porém, terá a coragem de defendê-los e se declararem seus campeões? Se ele não é indispensável à salvação, facilita-a, firmando-nos no caminho do bem. Além disso, que homem sensato ousará avançar que a falta de ortodoxia é mais repreensível, aos olhos de Deus, do que o ateísmo e o materialismo?

Submeto as seguintes questões a todas as pessoas que combatem o Espiritismo, sob o ponto de vista de suas consequências religiosas:

1º Quem será menos favorecido na vida futura: aquele que não crê em coisa alguma, ou quem, acreditando nas verdades gerais, não admite certas partes do dogma?

2º O protestante e o cismático serão confundidos na mesma reprovação que o ateu e o materialista?

3º Aquele que, no rigor da palavra, não é ortodoxo, mas faz todo o bem que pode, que é bom e indulgente para com o próximo, leal em suas relações sociais, terá menos garantia de salvação do que aquele que crê em tudo, mas que é duro, egoísta e falta com a caridade?

4º O que vale mais aos olhos de Deus: a prática das virtudes cristãs sem a dos deveres da ortodoxia ou a destes últimos sem a da moral?

Respondi, senhor abade, às questões e objeções que me dirigistes, mas, como vo-lo disse no começo, sem intenção alguma preconcebida de vos conduzir às nossas ideias e de mudar as vossas convicções, limitando-me a fazer-vos encarar o Espiritismo sob o seu verdadeiro aspecto. Se não tivésseis vindo, eu não vos teria ido procurar, o que não quer dizer que desprezásemos a vossa adesão aos nossos princípios, caso ela se verificasse, longe disso, julgamo-nos sempre felizes pelas aquisições que fazemos, as quais têm para nós tanto maior valor quanto mais livres e voluntárias são. Não só não temos o direito de exercer constrangimento sobre quem quer que seja, como também sentiríamos escrúpulo em ir perturbar a consciência dos que, tendo crenças que os satisfazem, não venham espontaneamente ao nosso encontro.

* * *

Dissemos que o melhor meio de se esclarecerem sobre o Espiritismo é estudarem previamente a teoria; os fatos virão depois, naturalmente, e serão compreendidos facilmente, qualquer que seja a ordem em que as circunstâncias os façam vir. As nossas publicações são feitas no intuito de favorecer esse estudo.

A primeira leitura a fazer-se é a deste resumo, que apresenta o conjunto e os pontos mais salientes da ciência; com isso, já se pode fazer uma ideia do Espiritismo e ficar-se convencido de que, no fundo, existe algo de sério. Nesta rápida exposição nós nos empenhamos em indicar os pontos sobre os quais o observador deve fixar particularmente a atenção. A ignorância dos princípios fundamentais é a causa das falsas apreciações da maioria daqueles que querem julgar o que não compreendem, ou que se baseiam em ideias preconcebidas.

Se da leitura deste primeiro resumo surgir o desejo de saber mais sobre o assunto, deve-se ler *O Livro dos Espíritos*, onde os princípios da Doutrina estão completamente desenvolvidos; depois, *O Livro dos Médiuns*, para a parte experimental, destinado a servir de guia para os que desejarem operar por si mesmos, bem como aos que quiserem compreender melhor os fenômenos. Vêm depois as

diversas obras onde são desenvolvidas as aplicações e as consequências da Doutrina, tais como: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* etc.

A *Revista Espírita* é, de certo modo, um curso de aplicações, em virtude dos numerosos exemplos e desenvolvimentos que ela encerra, tanto sobre a parte prática como sobre a parte experimental.

Às pessoas sérias, que já fizeram um estudo prévio da Doutrina, teremos prazer em dar verbalmente as explicações que se tornarem necessárias, sobre os pontos que porventura não tiverem compreendido suficientemente.

[1] **N. de A. K.:** Desde esta entrevista, escrita em 1859, a experiência veio demonstrar o pleno acerto desta proposição.

[2] **N. de A. K.:** Essas palavras já têm, aliás, direito de cidadania; estão no suplemento do *Pequeno dicionário dos dicionários franceses*, extraído de Napoléon Landais, obra cuja tiragem alcança 20 mil exemplares. Aí encontramos a definição e a etimologia das palavras: *erraticidade, medianímico, médium, mediunidade, perispírito, pneumatografia, pneumatofonia, psicógrafo, psicografia, psicofonia, reencarnação, sematologia, espírita, espiritismo, espiritista, estereotita, tiptologia*. Elas também se encontram na nova edição do *Dicionário Universal*, de Maurice Lachâtre, com todos os desenvolvimentos que comportam.

[3] **N. do T.:** "Benevolência para com todos, indulgência para a imperfeição dos outros, perdão das ofensas." (*O Livro dos Espíritos*, Livro III, capítulo 11, questão 886.)

[4] **N. do T.:** A 1ª edição desta obra foi publicada em 1859. Quase dez anos depois, Allan Kardec tornou mais claro o seu pensamento sobre o caráter religioso do Espiritismo, conforme se pode constatar no artigo que ele redigiu para a *Revista Espírita* de dezembro de 1868, intitulado: "O Espiritismo é uma religião?".

[5] **N. do T.:** Não se deve levar esta afirmação muito ao pé da letra. Em recentes declarações [2008], o papa Bento XVI defendeu com bastante clareza a existência de um inferno e de um fogo materiais, que queima os condenados sem os consumir, ressuscitando, quanto a este ponto, antigos conceitos da teologia medieval. Nos mesmos termos se pronunciou um graduado ministro da Igreja Anglicana e é assim também que ensinam as chamadas igrejas evangélicas ou neopentecostais.

[6]**N. do T.:** Veja-se a nota de rodapé nº 4, à página 112.

Noções Elementares de Espiritismo

Observações preliminares

Espíritos

Comunicação com o mundo invisível

Fim providencial das manifestações espíritas

Médiuns

Escolhos da mediunidade

Qualidades dos médiuns

Charlatanismo

Identidade dos Espíritos

Contradições

Consequências do Espiritismo

CAPÍTULO II

Noções Elementares de Espiritismo

- Observações preliminares
 - Espíritos
- Comunicação com o mundo invisível
- Fim providencial das manifestações espíritas
 - Médiuns
 - Escolhos da mediunidade
 - Qualidades dos médiuns
 - Charlatanismo
 - Identidade dos Espíritos
 - Contradições
- Consequências do Espiritismo

Observações preliminares

1. É um erro acreditar-se que basta a certos incrédulos testemunharem fenômenos extraordinários, para que se tornem convictos. Quem não admite no homem a existência da alma ou Espírito também não pode aceitá-la fora dele; por conseguinte, negando a causa, nega o efeito. Os contraditores se apresentam, quase sempre, com uma ideia preconcebida de negação, o que os impede de observar com seriedade e imparcialidade; levantam questões e objeções que não podem ser respondidas de pronto, de modo completo, porque seria preciso fazer-se, para cada um, uma espécie de curso e retomar as coisas desde o princípio. Só o estudo

prévio pode evitar essas objeções que, na maioria, se originam da ignorância das causas dos fenômenos e das condições em que estes se produzem.

2. Quem não conhece o Espiritismo supõe que se podem produzir fenômenos espíritas como se faz experiências de Física e de Química. Daí a pretensão de sujeitá-los à sua vontade e a recusa de se colocar nas condições necessárias para os poder observar. Não admitindo, como princípio, a existência e a intervenção dos Espíritos, ou, pelo menos, não conhecendo a sua natureza nem o seu modo de ação, esses indivíduos agem como se operassem sobre a matéria bruta; e, desde que não obtêm o que pedem, concluem que não há Espíritos.

Colocando-se em um ponto de vista diferente, compreender-se-á que, não sendo os Espíritos mais que as almas dos homens, todos nós, depois da morte, seremos Espíritos, e que, nestas condições, também estaríamos pouco dispostos a servir de juguete para satisfação das fantasias dos curiosos.

3. Ainda que certos fenômenos possam ser provocados, eles, pelo fato de provirem de inteligências livres, não se acham absolutamente à disposição de quem quer que seja, de modo que quem se disser capaz de obtê-los à vontade provará, só por isso, ignorância ou má-fé. Precisamos aguardá-los, apanhá-los em sua passagem, pois muitas vezes é quando menos esperamos que se apresentam os fatos mais interessantes e concludentes. Aquele que deseja seriamente instruir-se deve, pois, nisto como em tudo, ter paciência, perseverança e colocar-se nas condições indispensáveis, sem o que será inútil ocupar-se com a fenomenologia espírita.

4. Nem sempre as reuniões que têm por fim tratar de manifestações espíritas se realizam em boas condições, seja para obter resultados satisfatórios, seja para convencer as pessoas presentes. Não há como negar que, de algumas delas, os incrédulos saem menos convencidos do que estavam ao entrar, levando-os a reclamar do caráter pouco sério do Espiritismo, tendo em vista as coisas muitas vezes ridículas que testemunharam. Neste ponto, eles

não são mais lógicos do que aqueles que pretendessem julgar uma arte pelas primeiras provas de um aprendiz, de uma pessoa pela sua caricatura ou de uma tragédia pela sua paródia. O Espiritismo também tem aprendizes, de sorte que quem quiser esclarecer-se não deve colher ensinamentos de uma só fonte. Só pelo exame e pela comparação se pode firmar um juízo.

5. As reuniões frívolas têm o grave inconveniente de dar aos noviços, que a elas assistem, uma ideia falsa do caráter do Espiritismo. Os que só têm frequentado reuniões desse gênero não podem tomar a sério uma coisa que eles veem tratada com levandade por aqueles mesmos que se dizem adeptos. Um estudo prévio lhes ensinará a julgar do alcance do que veem, a separar o bom do mau.

6. O mesmo raciocínio se aplica aos que julgam o Espiritismo pelo que dizem certas obras excêntricas, que dele apenas dão uma ideia incompleta e ridícula. O Espiritismo sério é tão pouco responsável por aqueles que o compreendem mal ou o praticam de forma inadequada, quanto a poesia por aqueles que produzem maus versos. É deplorável, dizem, que existam tais obras prejudicando a verdadeira ciência. Sem dúvida, seria preferível que só existissem as boas; o maior mal, porém, consiste em não se darem ao trabalho de estudá-las todas. Todas as artes, todas as ciências estão no mesmo caso. Não temos visto, sobre as coisas mais sérias, aparecerem tratados absurdos e cheios de erros? Por que o Espiritismo seria privilegiado nesse sentido, principalmente em seu começo? Se os que o criticam não o julgassem pelas aparências, saberiam o que ele admite e o que rejeita, e não lhe atribuiriam o que ele repele em nome da razão e da experiência.

Espíritos

7. Os Espíritos não são, como muitas vezes se imagina, seres à parte na Criação; são as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos, despidas do seu envoltório corporal. Aquele que

admite a sobrevivência da alma ao corpo admite, pelo mesmo motivo, a existência dos Espíritos; negar os Espíritos seria negar a alma.

8. Faz-se geralmente uma ideia muito errônea do estado dos Espíritos; eles não são, como alguns acreditam, seres vagos e indefinidos, nem chamados semelhantes a fogos-fátuos, nem fantasmas como os pintam nos contos das almas do outro mundo. São seres semelhantes a nós, tendo como nós um corpo, mas fluídico e invisível no estado normal.

9. Quando a alma está unida ao corpo, durante a vida, ela tem um duplo envoltório: um pesado, grosseiro e destrutível – o corpo; o outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispírito*.

10. Há, pois, no homem três elementos essenciais: 1º a *alma* ou *Espírito*, princípio inteligente em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral; 2º o *corpo*, envoltório material que põe o Espírito em relação com o mundo exterior; 3º o *perispírito*, envoltório fluídico, leve, imponderável, que serve de laço e de intermediário entre o Espírito e o corpo.

11. Quando o invólucro exterior está gasto e não pode mais funcionar, tomba e o Espírito o abandona, como o fruto se despoja da sua semente, a árvore da casca, a serpente da pele, em suma, como se deixa uma roupa velha; é o que se chama *morte*.

12. A morte é apenas a destruição do envoltório material, que a alma abandona, como faz a borboleta com a crisálida, conservando, porém, seu corpo fluídico ou perispírito.

13. A morte do corpo desembaraça o Espírito do laço que o prendia à Terra e o fazia sofrer; uma vez libertado desse fardo, não lhe resta mais que o seu corpo etéreo, que lhe permite percorrer o espaço e transpor as distâncias com a rapidez do pensamento.

14. A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o *homem*; a alma e o perispírito, separados do corpo, constituem o ser chamado *Espírito*.

Observação – A *alma* é assim um ser simples; o *Espírito* um ser duplo e o *homem* um ser triplo. Seria, pois, mais exato reservar a palavra *alma* para designar o princípio inteligente, e o termo *Espírito* para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico. Como, porém, não se pode conceber o princípio inteligente totalmente isolado da matéria nem o perispírito sem ser animado pelo princípio inteligente, as palavras *alma* e *Espírito* são, quanto ao uso, indiferentemente empregadas uma pela outra; é a figura que consiste em tomar a parte pelo todo, do mesmo modo por que se diz que uma cidade é povoada de tantas almas, uma vila composta de tantas famílias; todavia, é indispensável fazer-se a diferença.

15. Revestidos de seus corpos materiais, os Espíritos constituem a Humanidade ou mundo corpóreo visível; despojados desses corpos, constituem o mundo espiritual ou invisível que povoa o espaço e no meio do qual vivemos, sem disso desconfiar, como vivemos no meio dos infinitamente pequenos, de que não suspeitávamos antes da invenção do microscópio.

16. Os Espíritos não são, portanto, seres abstratos, vagos e indefinidos, mas seres concretos e circunscritos, aos quais só falta serem visíveis para se assemelharem aos humanos. Se, em dado momento, pudséssemos levantar o véu que no-los esconde, eles formariam uma população, cercando-nos por toda parte.

17. Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais alto, porque as suas faculdades não estão amortecidas pela matéria; têm sensações que nos são desconhecidas, veem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados não nos permitem ver nem ouvir. Para eles não há obscuridade, excetuando-se aqueles que, por punição, se acham temporariamente nas trevas. Todos os nossos pensamentos se repercutem neles, e eles os leem como num livro aberto, de sorte que o que podíamos esconder a alguém, durante a vida terrena, não mais o podemos depois da sua desencarnação. (*O Livro dos Espíritos*, nº 237.)

18. Os Espíritos estão em toda parte, ao nosso lado, acotovelando-nos e observando-nos sem cessar. Por sua presença incessante entre nós, os Espíritos são os agentes de diversos fenômenos; desempenham importante papel no mundo moral e, até

certo ponto, no físico, constituindo, assim, uma das forças da Natureza.

19. Desde que se admita a sobrevivência da alma ou do Espírito, é racional que também se admita a sobrevivência das afeições, sem o que as almas dos nossos parentes e amigos estariam, pela morte, totalmente perdidas para nós.

Já que os Espíritos podem ir a toda parte, é igualmente racional admitir-se que aqueles que nos amaram, durante a vida terrena, ainda nos amem depois da morte, que venham para junto de nós, que desejem comunicar-se conosco, servindo-se, para tanto, dos meios que encontrem à sua disposição; é o que confirma a experiência.

Com efeito, a experiência comprova que os Espíritos conservam as afeições sérias que tinham na Terra, que sentem prazer em se juntarem àqueles a quem amaram, sobretudo quando são por estes atraídos pelo pensamento e pelos sentimentos afetuosos que lhes dedicam, mostrando-se, ao contrário, indiferentes para quem só lhes vota indiferença.

20. O Espiritismo tem por fim demonstrar e estudar a manifestação dos Espíritos, suas faculdades, sua situação feliz ou infeliz, seu futuro; em suma, o conhecimento do mundo espiritual. Uma vez comprovadas, essas manifestações conduzem à prova incontestável da existência da alma, de sua sobrevivência ao corpo, de sua individualidade depois da morte, isto é, de sua vida futura; por isso mesmo ele é a negação das doutrinas materialistas, não mais por meio de raciocínios, mas de fatos.

21. Uma ideia quase geral entre os que não conhecem o Espiritismo é a de crer que os Espíritos, só porque se desprenderam da matéria, devem saber tudo e estar de posse da sabedoria suprema. É um grave erro. Não sendo mais que as almas dos homens, os Espíritos não adquirem a perfeição logo que deixam o envoltório terreno. Seu progresso só se realiza com o tempo e não é senão paulatinamente que se despojam das suas imperfeições, que

adquirem os conhecimentos que lhes faltam. Seria tão ilógico admitir-se que o Espírito de um selvagem ou de um criminoso se torne de repente sábio e virtuoso, como seria contrário à Justiça de Deus supor que ele continue perpetuamente em inferioridade.

Assim como há homens de todos os graus de saber e ignorância, de bondade e malvadez, assim também se verifica entre os Espíritos. Alguns destes são apenas levianos e travessos; outros são mentirosos, traiçoeiros, hipócritas, maus e vingativos; outros, ao contrário, possuem as mais sublimes virtudes e o saber em grau desconhecido na Terra. Essa diversidade nas qualidades dos Espíritos é um dos pontos mais importantes a considerar, porque explica a qualidade boa ou má das comunicações que se recebem; é em distingui-las que devemos empregar todo o nosso cuidado. (*O Livro dos Espíritos*, nº 100 – “Escala Espírita”; *O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV.)

Comunicação com o mundo invisível

22. Sendo admitidas a sobrevivência e a individualidade da alma, o Espiritismo se reduz a uma só questão principal: *Serão possíveis as comunicações entre as almas e os vivos?* Essa possibilidade foi demonstrada pela experiência, e, uma vez estabelecido o fato das relações entre os mundos visível e invisível, bem como conhecidos a natureza, o princípio e o modo dessas relações, abriu-se um novo campo à observação e encontrou-se a chave de grande número de problemas. Fazendo cessar a dúvida sobre o futuro, o Espiritismo é, ao mesmo tempo, poderoso elemento de moralização.

23. O que gera dúvida na mente de muitas pessoas sobre a possibilidade das comunicações de além-túmulo é a ideia falsa que elas fazem do estado da alma depois da morte. Imaginam que a alma é um sopro, uma fumaça, uma coisa vaga, apenas acessível ao pensamento, que se evapora e vai não se sabe para onde, mas para lugar tão distante que se custa a compreender que ela possa voltar à

Terra. Se, ao contrário, a considerarmos ainda unida a um corpo fluídico, semimaterial, formando com ele um ser concreto e individual, as suas relações com os viventes nada terão de incompatível com a razão.

24. Estando em perpétuo contato, os mundos visível e invisível reagem incessantemente um sobre o outro, porquanto, desde que houve homens, houve também Espíritos; e, já que estes têm o poder de manifestar-se, deviam tê-lo igualmente em todas as épocas e entre todos os povos. Entretanto, nestes últimos tempos, as manifestações dos Espíritos tomaram grande desenvolvimento e adquiriram maior caráter de autenticidade, porque era intenção da Providência pôr termo à praga da incredulidade e do materialismo, por meio de provas evidentes, permitindo, aos que deixaram a Terra, vir atestar sua existência e revelar-nos sua situação, feliz ou infeliz.

25. As relações entre os mundos visível e invisível podem ser ocultas ou patentes, espontâneas ou provocadas.

Os Espíritos atuam sobre os homens ocultamente, sugerindo-lhes pensamentos e influenciando-os, de modo perceptível, por meio de efeitos apreciáveis aos sentidos.

As manifestações espontâneas ocorrem inopinadamente e de improviso; produzem-se, muitas vezes, entre as pessoas mais estranhas às ideias espíritas, as quais, por isso mesmo, não tendo meios de explicá-las, as atribuem a causas sobrenaturais. As que são provocadas dão-se por intermédio de certos indivíduos dotados para isso de faculdades especiais, e designados pelo nome de *médiuns*.

26. Os Espíritos podem manifestar-se de muitas maneiras diferentes: pela vista, pela audição, pelo tato, produzindo ruídos e movimentos de corpos, pela escrita, desenho, música etc.

27. Às vezes, os Espíritos se manifestam espontaneamente por pancadas e ruídos; é, muitas vezes, um meio que empregam para atestar sua presença e chamar sobre si a atenção, tal como nós, quando batemos para avisar que alguém está à porta. Alguns não se limitam a ruídos moderados, chegando mesmo a produzir estrondos

semelhantes aos de louças que se quebram, portas que se abrem e fecham com fragor, móveis lançados ao chão, chegando alguns a causar uma perturbação real e verdadeiros estragos. (*Revista Espírita*, maio, junho e julho de 1858: “O Espírito batedor de Bergzabern”; *Idem*, agosto de 1858: “O Espírito batedor de Dibbelsdorf”; *Idem*, março de 1860: “O padeiro de Dieppe”; *Idem*, abril de 1860: “O fabricante de São Petersburgo”; *Idem*, agosto de 1860: “O trapeiro da rua de Noyers”.)

28. O perispírito é matéria etérea, embora invisível para nós no estado normal. Em certos casos, o Espírito pode fazê-lo sofrer uma espécie de modificação molecular que o torna visível e mesmo tangível; é assim que se produzem as aparições. Esse fenômeno não é mais extraordinário que o do vapor que, invisível quando muito rarefeito, se torna visível por condensação.

Os Espíritos que se tornam visíveis apresentam-se, quase sempre, com as aparências que tinham em vida e que os podem tornar reconhecidos.

29. A visão permanente e geral é muito rara, mas, em compensação, as aparições isoladas são bastante frequentes, sobretudo no momento da morte; parece que o Espírito tem pressa, quando deixa o corpo, de ir rever seus parentes e amigos, como se quisesse adverti-los de que já não se encontra na Terra, e dizer-lhes que ainda vive. Se passarmos em revista as nossas reminiscências, veremos quantos fatos autênticos dessa ordem se passaram conosco, sem que os percebêssemos, não só à noite, durante o sono, como também em pleno dia e em completo estado de vigília. Outrora consideravam tais fatos como sobrenaturais e maravilhosos e os atribuía à magia e à feitiçaria; hoje, os incrédulos os lançam à custa da imaginação; desde, porém, que a ciência espírita nos deu a chave para explicá-los, ficou-se sabendo como eles se produzem e que pertencem à classe dos fenômenos naturais.

30. Era por meio do perispírito que o Espírito agia sobre o seu corpo quando vivo, e é ainda com esse mesmo fluido que ele se manifesta, agindo sobre a matéria inerte, produzindo ruídos,

movimentos de mesas e outros objetos, que ele levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente, se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se alimentam dos fluidos mais rarefeitos e, mesmo, imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.

É igualmente com o auxílio do seu perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem. Não possuindo corpo tangível para atuar ostensivamente, quando quer manifestar-se, o Espírito se serve do corpo do médium, de cujos órgãos se apossa, fazendo-os agir como se fossem seus, por um eflúvio com que ele os envolve e penetra.

31. No fenômeno designado pelo nome de *mesas girantes e falantes*, é ainda pelo mesmo meio que o Espírito age sobre o móvel, seja fazendo-o mover-se sem significação determinada, seja produzindo golpes inteligentes, indicando as letras do alfabeto para formar palavras e frases, fenômeno designado pelo nome de *tiptologia*. A mesa não passa de um instrumento, de que o Espírito se serve, como o faz com o lápis para escrever; ele lhe dá uma vitalidade momentânea pelo fluido com que a penetra, mas *não se identifica com ela*. Logo, as pessoas que, presas de emoção, abraçam a mesa quando veem a manifestação de um ser querido praticam um ato ridículo, porque é exatamente como se abraçassem a bengala de que se serve um indivíduo para bater. O mesmo podemos dizer relativamente àquelas que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito se achasse encerrado na madeira ou como se a madeira se tivesse tornado Espírito.

Quando se produzem comunicações por esse meio, deve-se ter em mente que o Espírito não se acha na mesa, mas ao lado do móvel, *como o faria se fosse vivo*, e tal como o veríamos se nesse momento ele pudesse tornar-se visível. Dá-se o mesmo com as comunicações por escrito; o Espírito coloca-se ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou transmitindo-lhe o seu pensamento por uma corrente fluídica.

Quando a mesa se levanta do solo e flutua no espaço, sem ponto de apoio, o Espírito não a suspende com a força do braço, mas a envolve e penetra com uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravitação, como faz o ar com os balões e papagaios de papel. Penetrando a mesa, esse fluido lhe dá momentaneamente maior leveza específica. Quando a mesa descansa no solo, acha-se em caso análogo ao da campânula pneumática sob a qual se fez o vácuo. São simples comparações, para mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas.

Quando a mesa persegue alguém, não é o Espírito que corre, porque ele pode ficar tranquilamente em seu lugar e somente lhe dar, por uma corrente fluídica, o impulso preciso para que ela se mova, segundo a sua vontade. Nas pancadas que são ouvidas na mesa, ou em outra parte qualquer, não é o Espírito quem bate com a mão ou algum objeto; ele lança, sobre o ponto de onde parte o ruído, um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico e modifica os sons, como se pode modificar os que são produzidos pelo ar.

Assim, facilmente se compreende não ser mais difícil ao Espírito *erguer uma pessoa* do que levantar um móvel, transportar um objeto de um para outro lugar ou atirá-lo a qualquer parte. Esses fenômenos são produzidos pela mesma lei.

32. Pelo pouco que dissemos, pode-se ver que as manifestações espíritas, de qualquer natureza, nada têm de maravilhoso e sobrenatural; são fenômenos que se produzem em virtude da lei que rege as relações do mundo visível com o invisível, lei tão natural quanto as da eletricidade, da gravitação etc.

O Espiritismo é a ciência que nos faz conhecer essa lei, como a Mecânica nos ensina as do movimento, a Óptica as da luz etc. Pertencendo à Natureza, as manifestações espíritas se deram em todos os tempos. Uma vez conhecida, a lei que as dirige vem explicar-nos grande número de problemas considerados insolúveis;

ela é a chave de uma multidão de fenômenos explorados e amplificados pela superstição.

33. Afastado por completo o maravilhoso, nada mais apresentam esses fatos que repugne à razão, porque vêm ocupar o seu lugar ao lado dos outros fenômenos naturais. Nos tempos de ignorância, eram reputados sobrenaturais todos os efeitos cuja causa não se conhecia; as descobertas da Ciência, porém, foram restringindo sucessivamente o círculo do maravilhoso, que o conhecimento da nova lei veio aniquilar. Aqueles, pois, que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso provam, só por isso, que falam do que não conhecem.

34. As manifestações dos Espíritos são de duas naturezas: os *efeitos físicos* e as *comunicações inteligentes*. Os primeiros são os fenômenos materiais ostensivos, tais como os movimentos, ruídos, transportes de objetos etc.; os outros consistem na troca regular de pensamentos por meio de sinais, da palavra e, principalmente, da escrita.

35. As comunicações que recebemos dos Espíritos podem ser boas ou más, justas ou falsas, profundas ou levianas, conforme a natureza dos seres que se manifestam. Os que dão provas de sabedoria e erudição são Espíritos adiantados que já progrediram; os que se mostram ignorantes e maus são Espíritos ainda atrasados, mas que haverão de progredir com o passar do tempo.

Os Espíritos só podem responder sobre aquilo que sabem, segundo o seu estado de adiantamento, e, mesmo assim, dentro dos limites do que lhes é permitido dizer-nos, porque há coisas que eles não podem revelar, por não ser ainda dado ao homem conhecer todas as coisas.

36. Da diversidade de qualidades e aptidões dos Espíritos, resulta que não basta nos dirigirmos a um Espírito qualquer para obtermos uma resposta segura a toda questão, porque, acerca de muitas coisas, ele não nos pode dar mais que a sua opinião pessoal, que pode ser justa ou errônea. Se ele é prudente, não deixará de

confessar sua ignorância sobre o que não conhece; se é leviano ou mentiroso, responderá sobre qualquer coisa, sem se importar com a verdade; se é orgulhoso, apresentará suas ideias como verdades absolutas. É por isso que São João, o evangelista, diz: *Não creiais em todos os Espíritos, mas examinai se os Espíritos são de Deus.* A experiência demonstra a sabedoria desse conselho. Há imprudência e leviandade em aceitar sem exame tudo o que vem dos Espíritos; por isso, é absolutamente necessário conhecermos o caráter daqueles que estão em relação conosco. (*O Livro dos Médiuns*, nº 267.)

37. Reconhece-se a qualidade dos Espíritos por sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradição; nela se respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a mais pura moral; ela é concisa e sem palavras inúteis. Na dos Espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, o vácuo das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda manifestação de malevolência, de presunção ou de arrogância são sinais incontestáveis da inferioridade de um Espírito.

38. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes; seu horizonte moral é limitado, sua perspicácia é restrita e das coisas não têm senão uma ideia falsa e incompleta; além disso, eles ainda estão sob o império dos prejuízos terrestres, que tomam, às vezes, por verdades; por isso, são incapazes de resolver certas questões. Podem induzir-nos em erro, voluntária ou involuntariamente, sobre aquilo que nem eles mesmos compreendem.

39. Nem todos os Espíritos inferiores são essencialmente maus; alguns deles são apenas ignorantes e levianos; outros são brincalhões, espirituosos e divertidos, sabendo manejar a sátira fina e mordaz. Ao lado desses encontram-se, no mundo espiritual como na Terra, todos os gêneros de perversidade e todos os graus de superioridade intelectual e moral.

40. Os Espíritos superiores só se ocupam de comunicações inteligentes, com vistas à nossa instrução; as manifestações físicas ou puramente materiais são, mais especialmente, obra dos Espíritos inferiores, vulgarmente designados sob o nome de *Espíritos batedores*, como, entre nós, as demonstrações de força são executadas por saltimbancos e não por sábios.

41. As comunicações com os Espíritos devem sempre ser feitas com calma e recolhimento; nunca se deve perder de vista que os Espíritos são as almas dos homens e que não é lícito fazer do seu trabalho um passatempo ou pretexto de divertimento. Se lhes respeitamos os despojos mortais, maior respeito ainda nos devem merecer como Espíritos. As reuniões frívolas, sem objetivo sério, faltam, pois, a um dever; os que as compõem esquecem-se de que, de um momento para outro, podem entrar no mundo dos Espíritos, e não ficarão satisfeitos se os tratarem com tão pouca atenção.

42. Outro ponto igualmente essencial a considerar é que os Espíritos são livres; comunicam-se quando querem, com quem lhes convém e quando as suas ocupações o permitem; não estão às ordens nem ao capricho de pessoa alguma, e ninguém pode obrigá-los a manifestar-se quando não o queiram nem dizerem o que desejam calar. Esta a razão por que não se pode afirmar que tal Espírito responderá ou não ao apelo de alguém, em dado momento, ou será obrigado a responder a tal ou tal pergunta que lhe for dirigida. Dizer o contrário é provar absoluta ignorância dos princípios mais elementares do Espiritismo. *Só o charlatanismo tem fontes infalíveis.*

43. Os Espíritos são atraídos pela simpatia, semelhança de gostos, caracteres e intenção dos que desejam a sua presença. Os Espíritos superiores não vão às reuniões fúteis, como um sábio da Terra não vai a uma assembleia de rapazes levianos. O simples bom-senso nos diz que isso não pode ser de outro modo; se acaso eles aí se mostram algumas vezes é para dar um conselho salutar, combater os vícios, reconduzir ao bom caminho os que dele se iam afastando; se, porém, não forem ouvidos, retiram-se. Forma ideia

completamente falsa aquele que crê que Espíritos sérios se prestem a responder a futilidades, a questões ociosas, que não provam afeição nem respeito por eles, nem desejo de instruir-se, e ainda menos que eles venham dar-se em espetáculo para diversão dos curiosos. Se quando vivos eles não o fariam, não será depois de mortos que o farão.

44. A frivolidade das reuniões dá como resultado atrair os Espíritos levianos que só procuram ocasião de enganar e mistificar. Assim como os homens graves e sérios não comparecem às assembleias levianas, os Espíritos sérios só comparecem às reuniões sérias, cujo objetivo é a instrução e não a curiosidade. É nessas assembleias que os Espíritos superiores dão os seus ensinamentos.

45. Do que precede, resulta que toda reunião espírita, para ser proveitosa, deve, como condição essencial, ser séria e realizada com recolhimento, devendo aí se proceder com respeito, religiosidade e dignamente, caso se queira obter o concurso habitual dos Espíritos bons. Convém não esquecer que se esses mesmos Espíritos se houvessem apresentado nessas reuniões, quando encarnados, teriam recebido todas as atenções a que fariam jus, atenções essas que devem ser ainda maiores depois que desencarnaram.

46. Em vão se alega a utilidade de certas experiências curiosas, frívolas e divertidas, para convencer os incrédulos; chega-se a um resultado totalmente contrário. O incrédulo, já propenso a escarnecer das mais sagradas crenças, não pode ver uma coisa séria naquilo de que se zomba nem pode respeitar o que não lhe é apresentado de modo respeitável; por isso, retira-se sempre com má impressão das reuniões fúteis e levianas, onde não encontra ordem, gravidade, nem recolhimento. O que, sobretudo, pode convencê-lo, é a prova da presença de seres cuja memória lhe é cara; é diante de suas palavras graves e solenes, de suas revelações íntimas, que o vemos comover-se e empalidecer. Mas, pelo fato mesmo de ele ter respeito, veneração e amor à pessoa cuja alma se lhe apresenta, fica chocado, escandalizado ao vê-la mostrar-se em uma assembleia irreverente, no meio de mesas que dançam e das graçolas dos

Espíritos brincalhões; incrédulo como é, sua consciência repele essa aliança do sério com o volúvel, do religioso com o profano; por isso tacha tudo de charlatanismo e, muitas vezes, sai das reuniões menos convicto do que estava ao entrar.

As reuniões dessa natureza fazem sempre mais mal do que bem, porque afastam da Doutrina maior número de pessoas do que atraem, sem contar que se prestam à crítica dos detratores, que nelas encontram fundados motivos para zombarias.

47. É um erro considerar-se brinquedo as manifestações físicas; se não têm a importância do ensino filosófico, têm sua utilidade do ponto de vista dos fenômenos, pois são o alfabeto da ciência espírita, da qual deram a chave. Apesar de menos necessárias hoje, elas ainda concorrem para a convicção de algumas pessoas. De nenhum modo, porém, elas são incompatíveis com a ordem e a decência que devem reinar nessas reuniões experimentais; se fossem sempre praticadas convenientemente, convenceriam com mais facilidade e produziriam, sob todos os aspectos, muito melhores resultados.

48. Certas pessoas fazem uma ideia muito falsa das evocações; algumas creem que elas consistem em fazer que os mortos saiam do túmulo com todo o seu aparato lúgubre. O pouco que temos dito a respeito deverá dissipar tal dúvida. É só nos romances, nos contos fantásticos de fantasmas e no teatro que aparecem mortos desencarnados, saindo do sepulcro, envoltos em mortalhas e fazendo chocalhar os ossos. O Espiritismo, que nunca fez milagres, não produz este e jamais pretendeu fazer reviver um corpo morto. Quando o corpo está na tumba, não sairá mais dela; mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, aí não se acha com seu envoltório grosseiro, do qual se separou no momento da morte; uma vez operada essa separação, nada mais há de comum entre eles.

49. A crítica malévola deleitou-se em representar as comunicações espíritas como eivadas das práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia. Se aqueles que falam do Espiritismo, sem conhecê-lo, se dessem ao trabalho de estudá-lo,

teriam evitado esses arroubos da imaginação, que só servem para provar sua ignorância e má vontade. Para o esclarecimento das pessoas estranhas à ciência cumpre-nos dizer que, para nos comunicarmos com os Espíritos, não há dias, horas e lugares mais propícios uns que os outros; que, para evocá-los, não existem fórmulas nem palavras sacramentais ou cabalísticas; que não se precisa para isso de preparação alguma, nem de iniciação; que o emprego de qualquer sinal ou objeto material, seja para atraí-los, seja para repeli-los, não exerce efeito algum, bastando só o pensamento; e, finalmente, que os médiuns recebem as comunicações, tão simples e naturalmente como se fossem ditadas por uma pessoa viva, sem que saiam do estado normal. Só o charlatanismo pode simular o emprego de modos excêntricos e acessórios ridículos.

O apelo aos Espíritos é feito em nome de Deus, com respeito e recolhimento; é a única coisa que se recomenda às pessoas sérias que desejem entrar em relação com Espíritos sérios.

Fim providencial das manifestações espíritas

50. O fim providencial das manifestações espíritas é convencer os incrédulos de que nem tudo se acaba para o homem com a extinção da vida terrestre, e dar aos crentes ideias mais justas do futuro. Os Espíritos bons nos vêm instruir para nosso melhoramento e avanço e não para revelar-nos o que não devemos saber ainda, ou que só devemos conseguir pelo nosso trabalho. Se bastasse interrogar os Espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para fazer descobertas e invenções lucrativas, qualquer ignorante podia tornar-se sábio sem estudar, todo preguiçoso ficar rico sem trabalhar; é o que Deus não quer. Os Espíritos ajudam os homens de gênio pela inspiração oculta, mas não os dispensam do trabalho nem das pesquisas, a fim de lhes deixar o mérito.

51. Faria ideia bem falsa dos Espíritos quem neles quisesse ver auxiliares dos leitores da buena-dicha. Os Espíritos sérios recusam ocupar-se de coisas fúteis; os Espíritos levianos e zombeteiros tratam de tudo, respondem a tudo, predizem tudo o que se quer, sem se importarem com a verdade, e encontram maligno prazer em mistificar as pessoas demasiado crédulas. Eis por que é essencial conhecer-se perfeitamente a natureza das perguntas que se podem dirigir aos Espíritos. (*O Livro dos Médiuns*, nº 286: “Perguntas que se podem fazer aos Espíritos”.)

52. Fora daquilo que possa ajudar o nosso progresso moral, só há incerteza nas revelações que se podem obter dos Espíritos. A primeira consequência má, para aquele que desvia sua faculdade do fim providencial, é ser mistificado pelos Espíritos enganadores que pululam ao redor dos homens; a segunda é cair sob o domínio desses mesmos Espíritos, que podem, por meio de pérfidos conselhos, conduzi-lo a desgraças reais e materiais na Terra; a terceira é perder, depois da vida terrestre, o fruto do conhecimento do Espiritismo.

53. As manifestações não se destinam, pois, a servir aos interesses materiais; sua utilidade está nas consequências morais que delas decorrem; contudo, ainda mesmo que só tivessem como resultado tornar conhecida uma nova Lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma, já seria muito, porque era novo e vasto caminho aberto à Filosofia.

Médiuns

54. Os médiuns apresentam inúmeras variedades em suas aptidões, o que os torna mais ou menos capazes para a obtenção de tal ou tal fenômeno, de tal ou tal gênero de comunicação. Segundo essas aptidões, podemos distingui-los em médiuns *de efeitos físicos, de comunicações inteligentes, videntes, falantes, audientes, sensitivos, desenhistas, políglotas, poetas, músicos, escreventes* etc. Não se pode esperar do médium aquilo que está fora dos limites da

sua faculdade. Sem o conhecimento das aptidões mediúnicas, o observador é incapaz de achar a explicação de certas dificuldades ou de certas impossibilidades que se encontram na prática. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVI, nº 185.)

55. Os médiuns de efeitos físicos são mais particularmente aptos para provocar fenômenos materiais, como movimentos, pancadas etc., com o auxílio de mesas e outros objetos; quando esses fenômenos revelam um pensamento ou obedecem a uma vontade, são efeitos inteligentes que, por isso mesmo, denotam uma causa inteligente: é um dos modos pelos quais os Espíritos se manifestam. Por meio de um número de pancadas convencionadas, obtêm-se as respostas *sim* ou *não*, ou, então, a designação das letras do alfabeto que servem para formar palavras ou frases. Esse meio primitivo é muito demorado e não se presta a grandes desenvolvimentos. As mesas falantes foram a aurora da ciência; hoje, porém, que se possuem meios de comunicação tão rápidos e completos como entre os viventes, quase ninguém mais recorre àqueles, a não ser acidentalmente e como experimentação.

56. De todos os meios de comunicação, a escrita é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais rápido, o mais cômodo, o que permite mais desenvolvimento; é também a faculdade mediúnica que se encontra com mais frequência.

57. Para obter a escrita serviram-se, no princípio, de intermediários materiais, como cestinhas, pranchetas etc., munidas de um lápis. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XIII, nos 152 e seguintes.) Mais tarde, reconheceu-se a inutilidade desses acessórios e a possibilidade, para os médiuns, de escrever diretamente com a mão, como nas circunstâncias ordinárias.

58. O médium escreve sob a influência dos Espíritos, que se servem dele como de um instrumento; sua mão é acionada por um movimento involuntário que, na maior parte das vezes, ele não consegue dominar. Certos médiuns não têm consciência alguma do que escrevem, outros a têm mais ou menos vaga, embora o pensamento lhes seja estranho; é o que distingue os *médiuns*

mecânicos dos médiuns intuitivos ou semimecânicos. A ciência espírita explica o modo de transmissão do pensamento do Espírito ao médium, bem como o papel deste último nas comunicações. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XV, nos 179 e seguintes; cap. XIX, nos 223 e seguintes.)

59. O médium não tem senão a faculdade de poder comunicar-se, pois a comunicação efetiva depende da vontade dos Espíritos. Se estes não quiserem manifestar-se, aquele nada obterá, tal como um instrumento sem músico que o toque.

Como os Espíritos só se comunicam quando querem ou podem, não estão sujeitos ao capricho de ninguém; *nenhum médium tem o poder de forçá-los a se apresentarem.* Isto explica a intermitência da faculdade nos melhores médiuns, as interrupções que sofrem, às vezes, durante muitos meses. Seria, pois, um erro equiparar a mediunidade a um *talento*. O talento adquire-se pelo trabalho; quem o possui é sempre dele senhor, ao passo que o médium nunca o é da sua faculdade, pois que ela depende de uma vontade estranha.

60. Os médiuns de efeitos físicos que, regularmente e à vontade, obtêm a produção de certos fenômenos, admitindo que não haja embuste, estão em relação com Espíritos de baixa categoria que se comprazem nesse gênero de exibições, e que talvez foram prestidigitadores quando na Terra; mas seria absurdo pensar que Espíritos, mesmo de pouca elevação, se divirtam em encenar farsas teatrais.

61. A obscuridade necessária à produção de certos *efeitos físicos* presta-se, sem dúvida, à suspeita, mas nada prova contra a realidade deles. Sabe-se que em Química algumas combinações não podem ser operadas à luz; que muitas composições e decomposições se produzem sob a ação do fluido luminoso; ora, todos os fenômenos espíritas são resultantes de uma combinação dos fluidos próprios do Espírito com os do médium; desde que esses fluidos são matéria, não admira que, em certas circunstâncias, essa combinação seja contrariada pela presença da luz.

62. As comunicações inteligentes realizam-se igualmente pela ação fluídica do Espírito sobre o médium, sendo preciso que o fluido deste último se identifique com o do Espírito. A facilidade das comunicações depende do grau de *afinidade* existente entre os dois fluidos. Cada médium é assim mais ou menos apto a receber a *impressão* ou a *impulsão* do pensamento de tal ou qual Espírito; pode ser bom instrumento para um e péssimo para outro. Resulta daí que se achando juntos dois médiuns, igualmente bem dotados, o Espírito poderá manifestar-se por um e não por outro.

63. É, pois, um erro acreditar-se que basta ser médium para receber, com igual facilidade, comunicações de qualquer Espírito. Não existem médiuns universais para as evocações nem com aptidão para produzir todos os fenômenos. Os Espíritos buscam, de preferência, os instrumentos que lhes sejam mais apropriados; impor-lhes o primeiro médium que tenhamos à mão, seria o mesmo que obrigar uma pianista a tocar violino, supondo que, por saber música, ela pode tocar qualquer instrumento.

64. Sem a harmonia, que só pode nascer da assimilação fluídica, as comunicações são impossíveis, incompletas ou falsas. Podem ser falsas, porque, em vez do Espírito que se deseja, não faltam outros sempre prontos a se manifestarem e que pouco se importam com a verdade.

65. A assimilação fluídica é, algumas vezes, totalmente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes, e é o caso mais comum, ela não se estabelece senão gradualmente com o tempo; é o que explica a maior facilidade com que os Espíritos se manifestam pelo médium com que estão mais habituados e, também, porque as primeiras comunicações atestam quase sempre um certo constrangimento e são menos explícitas.

66. A assimilação fluídica é tão necessária nas comunicações pela *tipologia* como pela escrita, visto que, tanto num como noutro caso, se trata da transmissão do pensamento do Espírito, qualquer que seja o meio material empregado.

67. Não se pode impor um médium ao Espírito que se quer evocar, convindo deixar-lhe a escolha do instrumento. Em todo caso, é necessário que o médium se identifique previamente com o Espírito, pelo recolhimento e pela prece, ao menos durante alguns minutos, e mesmo muitos dias antes se for possível, de modo a provocar e ativar a assimilação fluídica. É um meio de se atenuar a dificuldade.

68. Quando as condições fluídicas não são propícias à comunicação direta do Espírito ao médium, ela pode fazer-se por intermédio do guia espiritual deste último; neste caso, o pensamento chega em “segunda mão”, isto é, depois de ter atravessado dois meios. Compreende-se, então, quão importante é o médium ser bem assistido, porque, se ele o for por um Espírito obsessor, ignorante ou orgulhoso, a comunicação será necessariamente adulterada.

Aqui as qualidades pessoais do médium desempenham forçosamente importante papel, pela natureza dos Espíritos que ele atrai a si. Os mais indignos médiuns podem possuir poderosas faculdades, porém, os mais seguros são os que reúnem a esse poder as melhores simpatias no mundo espiritual. Ora, essas simpatias não ficam, *de forma alguma*, demonstradas pelos nomes, mais ou menos imponentes, com que se apresentam os Espíritos que assinam as comunicações, mas sim pelo fundo *constantemente bom* das comunicações que recebem.

69. Qualquer que seja o modo de comunicação, a prática do Espiritismo, do ponto de vista experimental, apresenta inúmeras dificuldades e não é isenta de inconvenientes para quem não tem a experiência necessária. Quer se experimente mesmo, quer se seja simples observador das experiências de outrem, é essencial saber distinguir as diferentes naturezas dos Espíritos que podem manifestar-se, conhecer a causa de todos os fenômenos, as condições em que se podem produzir, os obstáculos que lhe podem ser opostos, a fim de não se perder o tempo, pedindo o impossível. Não é menos necessário conhecer todas as condições e escolhos da

mediunidade, a influência do meio, das disposições morais etc. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª parte.)

Escolhos da mediunidade

70. Um dos maiores escolhos da mediunidade é a obsessão, isto é, o domínio que certos Espíritos podem exercer sobre os médiuns, impondo-se a eles sob nomes apócrifos e impedindo que se comuniquem com outros Espíritos. É também um obstáculo com que se depara todo observador novato e inexperiente que, não conhecendo as características desse fenômeno, pode ser iludido pelas aparências, como aquele que, desconhecendo a Medicina, pode enganar-se sobre a causa e a natureza de um mal. Se o estudo prévio, neste caso, é útil para o observador, para o médium ele é indispensável, por lhe fornecer os meios de prevenir um inconveniente que lhe poderia trazer consequências bem desagradáveis. É por isso que nunca nos cansamos de recomendar o estudo, antes que o médium se entregue à prática do Espiritismo. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIII.)

71. A obsessão apresenta três graus principais bem característicos: *a obsessão simples*, *a fascinação* e *a subjugação*. No primeiro, o médium tem perfeita consciência de não obter coisa alguma boa; ele não se ilude acerca da natureza do Espírito que se obstina em manifestar-se por seu intermédio, e do qual deseja desembaraçar-se. Este caso não oferece gravidade alguma: é um simples incômodo, do qual o médium se liberta, deixando momentaneamente de escrever; neste caso o Espírito, cansando-se de não ser ouvido, acaba por se retirar.

A *fascinação obsessiva* é muito mais grave, porque nela o médium é completamente iludido. O Espírito que o domina apodera-se de sua confiança, a ponto de impedi-lo de julgar as comunicações que recebe, fazendo-lhe achar sublimes os maiores absurdos. O caráter distintivo deste gênero de obsessão é provocar no médium uma excessiva suscetibilidade e levá-lo a não acreditar

bom, justo e verdadeiro senão o que ele escreve; a repelir, e mesmo considerar mau, todo conselho e toda observação crítica, preferindo romper com os amigos a convencer-se de que está sendo enganado; a encher-se de inveja contra os outros médiuns, cujas comunicações sejam julgadas melhores que as suas; a querer impor-se nas reuniões espíritas, das quais se afasta quando não pode dominá-las. O médium chega, assim, a sofrer uma dominação tal que o Espírito obsessor é capaz de impeli-lo a dar os passos mais ridículos e comprometedores.

72. Uma das características distintivas dos Espíritos maus é a imposição; eles dão ordens e querem ser obedecidos; os bons jamais se impõem; dão conselhos e, se não são atendidos, retiram-se. Resulta daí que a impressão que nos causa os Espíritos maus é sempre penosa, fatigante e muitas vezes desagradável; ela provoca uma agitação febril, movimentos bruscos e desordenados; a dos bons, pelo contrário, é calma, branda e proporciona um verdadeiro bem-estar.

73. A *subjugação obsessiva*, outrora designada sob o nome de *possessão*, é um constrangimento físico exercido sempre por Espíritos da pior espécie e que pode chegar a neutralizar o livre-arbítrio do paciente. Muitas vezes ela se limita a simples impressões desagradáveis. Algumas vezes, porém, provoca movimentos desordenados, atos insensatos, gritos, palavras injuriosas ou incoerentes, de que o subjugado, às vezes, compreende o ridículo, mas não pode abster-se. Este estado difere essencialmente da *loucura patológica*, com a qual erradamente a confundem, pois na *possessão* não há lesão orgânica; sendo diversa a causa, outros devem ser também os meios de curá-la. Não raro, a aplicação do processo ordinário das duchas e dos tratamentos corpóreos poderá determinar o aparecimento de uma verdadeira loucura, numa situação em que só havia uma causa moral.

74. Na loucura propriamente dita, a causa do mal é interna; há que se restituir o organismo ao seu estado normal; na *subjugação*, esta causa é externa, e precisa-se libertar o doente de um inimigo

invisível, não lhe opondo remédios materiais, mas *uma força material superior à dele*. A experiência prova que nunca, em tal caso, os exorcismos produziram resultado satisfatório, antes agravando do que melhorando a situação. Indicando a verdadeira causa do mal, só o Espiritismo pode dar os meios de combatê-lo, fazendo a educação moral do Espírito obsessivo. Por conselhos prudentemente dirigidos, chega-se a torná-lo melhor e a fazer que deixe voluntariamente de atormentar o enfermo, que então fica livre. (*O Livro dos Médiuns*, nº 279; *Revista Espírita*, fevereiro, março e junho de 1864: “A jovem obsedada de Marmande”.)

75. A subjugação obsessiva é ordinariamente individual; quando, porém, uma falange de Espíritos maus se lança sobre uma população, ela pode apresentar caráter epidêmico. Foi um fenômeno desse gênero que se verificou ao tempo do Cristo; só um poder moral superior podia então domar esses seres malfazejos, designados sob o nome de *demônios*, e restituir a calma às suas vítimas.[\[1\]](#)

76. Um fato importante a considerar-se é que a obsessão, seja qual for a sua natureza, é independente da mediunidade, e que ela se encontra em todos os graus, principalmente o último, em grande número de pessoas que nunca ouviram falar de Espiritismo, e isto por uma razão muito simples: como os Espíritos sempre existiram, em todos os tempos eles têm exercido a sua influência. A mediunidade não é uma causa, mas simples modo de manifestação dessa influência, pelo que podemos dizer, com certeza, que todo médium obsidiado sofre de um modo qualquer e, muitas vezes, nos atos mais comuns da sua vida os efeitos dessa influência que, sem a mediunidade, se manifestaria por outros efeitos, muitas vezes atribuídos a essas enfermidades misteriosas que escapam a todas as investigações da Medicina. Pela mediunidade o ser maléfico trai a sua presença; sem ela, é um inimigo oculto, de quem não se desconfia.

77. Os que nada admitem fora da matéria não podem aceitar essa causa oculta; quando, porém, a Ciência tiver saído da senda

materialista, reconhecerá, na ação do mundo invisível que nos cerca e no meio do qual vivemos, um poder que reage sobre as coisas físicas, assim como sobre as morais; será um novo caminho aberto ao progresso e a chave de grande número de fenômenos até hoje mal compreendidos.

78. Como a obsessão nunca pode proceder de um Espírito bom, é essencial saber reconhecer-se a natureza dos que se apresentam. O médium não esclarecido pode ser enganado pelas aparências, mas o prevenido descobre o menor sinal suspeito, acabando o Espírito por se retirar, quando percebe que nada pode fazer. O conhecimento prévio dos meios de distinguir os Espíritos bons dos maus é, pois, indispensável ao médium que não quer expor-se a cair numa cilada. Ele o é também ao simples observador, que pode, por esse meio, apreciar o justo valor do que vê e ouve. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXIV.)

Qualidades dos médiuns

79. A faculdade mediúnica é uma propriedade do organismo e não depende das qualidades morais do médium; ela se desenvolve tanto nos mais dignos como nos mais indignos. O mesmo, porém, não ocorre com a preferência que os Espíritos bons dão ao médium.

80. Os Espíritos bons se comunicam mais ou menos de boa vontade por esse ou aquele médium, segundo a simpatia que lhe votam. O que constitui a qualidade de um médium não é a facilidade com a qual ele obtém comunicações, mas a sua aptidão em só receber as boas e em não ser ludibriado pelos Espíritos levianos e enganadores.

81. Os médiuns que mais deixam a desejar do ponto de vista moral recebem também, algumas vezes, excelentes comunicações, que não podem vir senão de Espíritos bons, o que não deve ser motivo de espanto: é muitas vezes no interesse do médium e com o fim de dar-lhe sábios conselhos. Se eles os desprezam, maior será a sua culpa, porque são eles que lavram a própria condenação. Deus,

cuja bondade é infinita, não pode recusar assistência àqueles que mais necessitam dela. O virtuoso missionário que vai moralizar os criminosos não faz mais que os Espíritos bons com os médiuns imperfeitos.

Por outro lado, os Espíritos bons, querendo dar um ensino útil a todos, servem-se do instrumento que têm à mão, mas o deixam tão logo encontrem outro que lhes seja mais afim e que melhor aproveite as suas lições. Retirando-se os Espíritos bons, os inferiores, que pouco se importam com as más qualidades morais do médium, acham então o campo livre. Resulta daí que os médiuns imperfeitos, moralmente falando, os que não procuram emendar-se, cedo ou tarde são vítimas dos Espíritos maus, que, muitas vezes, os levam à ruína e às maiores desgraças, mesmo na vida terrena. Quanto à sua faculdade, tão bela no começo e que assim devia conservar-se, perverte-se pelo abandono dos Espíritos bons, acabando por desaparecer.

82. Os médiuns mais dignos não estão livres das mistificações dos Espíritos embusteiros; primeiro, porque não há pessoa bastante perfeita para não ter algum lado fraco, pelo qual dê acesso aos Espíritos maus; segundo, porque os Espíritos bons permitem mesmo, algumas vezes, que os maus venham, a fim de exercitarmos a nossa razão e aprendermos a distinguir a verdade do erro, não aceitando cegamente e sem exame tudo quanto nos venha dos Espíritos; o embuste nunca procede de um Espírito bom, e toda comunicação eivada de erros, por mais respeitável seja o nome com que se apresente, é necessariamente apócrifa. Essas mistificações ainda podem ser uma prova para a paciência e a perseverança do espírita, médium ou não; e aqueles que desanimam por causa de algumas decepções dão provas aos Espíritos bons de que não são instrumentos com os quais eles possam contar.

83. Não nos deve causar admiração ver Espíritos maus obsidiarem pessoas de mérito, quando vemos na Terra homens de bem perseguidos por criaturas indignas. É digno de nota que, depois da publicação de *O Livro dos Médiuns*, o número de médiuns

obsidiados diminuiu muito, porque, estando prevenidos, os médiuns se tornam vigilantes e espreitam os menores indícios que podem denunciar a presença de Espíritos enganadores. A maioria dos que se mostram ainda obsidiados não fizeram o estudo prévio recomendado, ou não deram importância aos conselhos que receberam.

84. O que constitui o médium propriamente dito é a faculdade; sob este aspecto, pode ser mais ou menos formado, mais ou menos desenvolvido. O médium *seguro*, aquele que pode realmente ser qualificado de *bom médium*, é o que aplica a sua faculdade, buscando tornar-se apto a servir de intérprete aos Espíritos bons. Pondo de lado a faculdade, o poder que tem o médium para atrair os Espíritos bons e repelir os maus está na razão de sua superioridade moral; essa superioridade é proporcional à soma das qualidades que faz o homem de bem, sendo por esses dotes que se concilia a simpatia dos bons e se adquire ascendência sobre os Espíritos maus.

85. Pelo mesmo motivo, as imperfeições morais do médium, aproximando-o da natureza dos Espíritos maus, lhe tiram a influência necessária para os afastar de si; *em vez de se impor, sofre a imposição deles*. Isto se aplica não só aos médiuns, como a todas as pessoas indistintamente, visto não haver ninguém que não esteja sujeito à influência dos Espíritos. (Veja-se mais atrás os números 74 e 75.)

86. Para impor-se ao médium, os Espíritos maus sabem explorar habilmente todas as suas fraquezas morais. Entre os nossos defeitos, o de que eles mais se aproveitam é o *orgulho*, sentimento que se encontra com mais predomínio na maioria dos médiuns obsidiados e, principalmente, nos *fascinados*. É o orgulho que os leva a se julgarem infalíveis e a repelirem todos os conselhos. Esse sentimento é, infelizmente, excitado pelos elogios de que são objeto; basta que um médium apresente faculdade um pouco transcendente para que o busquem, o adulem, acabando eles por se acreditarem importantes e a se julgarem indispensáveis, o que constitui a sua perda.

87. Enquanto o médium imperfeito se orgulha pelos nomes ilustres, quase sempre apócrifos, que trazem as comunicações que ele recebe e que o levam a considerar-se como intérprete privilegiado das potências celestes, o *bom médium* nunca se crê bastante digno de tal favor; ele tem sempre uma salutar desconfiança do merecimento do que recebe e não se fia no seu próprio juízo; não passando de simples instrumento passivo, compreende que o bom resultado que obtém não lhe confere mérito pessoal, como não lhe cabe qualquer responsabilidade pelo que recebe de mau, e que seria ridículo crer na identidade absoluta dos Espíritos que por ele se manifestam. Deixa que terceiros, desinteressados, julguem a questão, sem que o seu amor-próprio se ofenda por qualquer decisão desfavorável, do mesmo modo que um ator não se pode dar por ofendido com as censuras feitas à peça de que é intérprete.

O caráter distintivo do bom médium é a simplicidade e a modéstia; julga-se feliz com a faculdade que possui, não por vaidade, mas por lhe ser um meio de tornar-se útil, o que faz de boa vontade quando se lhe oferece ocasião; ele jamais se ofende, mesmo quando preterido por outros medianeiros. Como os médiuns não passam de intermediários, de intérpretes dos Espíritos, cabe ao evocador, e mesmo ao simples observador, apreciar o mérito do instrumento.

88. A faculdade mediúnica é um dom de Deus, como todas as outras faculdades, que se pode empregar tanto para o bem quanto para o mal, e da qual se pode abusar. Tem por objetivo pôr-nos em relação direta com as almas daqueles que viveram, a fim de recebermos ensinamentos e sermos iniciados na vida futura. Assim como a vista nos põe em relação com o mundo visível, a mediunidade nos põe em relação com o mundo invisível. Aquele que dela se utiliza para o seu adiantamento e o de seus semelhantes desempenha uma verdadeira missão e será recompensado. O que abusa da sua faculdade e a emprega em coisas fúteis ou para satisfazer interesses materiais desvia-a do seu fim providencial e,

mais cedo ou mais tarde, será punido, como todo homem que faça mau uso de uma faculdade qualquer.

Charlatanismo

89. Certas manifestações espíritas se prestam à imitação com muita facilidade; mas, pelo fato de terem sido exploradas, como tantos outros fenômenos, pelos prestidigitadores e charlatães, seria absurdo acreditar-se que elas não existam. Quem estudou e conhece as condições normais em que elas se dão distingue facilmente a imitação da realidade; além disso, a imitação nunca é completa e só ilude o ignorante, incapaz de captar os matizes característicos do fenômeno verdadeiro.

90. As manifestações que se imitam com mais facilidade são as de efeitos físicos e as de efeitos inteligentes vulgares, como movimentos, pancadas, transportes, escrita direta, respostas banais etc.; não se dá o mesmo, porém, com as comunicações inteligentes de grande valor; para imitar as primeiras, bastam destreza e habilidade, enquanto para simular as últimas se torna preciso, quase sempre, uma instrução pouco comum, uma superioridade intelectual excepcional e uma faculdade de improvisação a bem dizer universal.

91. Os que não conhecem o Espiritismo são geralmente induzidos a suspeitar da boa-fé dos médiuns; só o estudo e a experiência lhes poderão oferecer os meios de se certificarem da realidade dos fatos; fora disso, a melhor garantia que podem ter está no desinteresse absoluto e na honradez do médium; há pessoas que, por sua posição e caráter, estão acima de qualquer suspeita. Se a tentação do lucro pode estimular a fraude, o bom-senso diz que o charlatanismo não se mostra onde nada tem a ganhar. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVIII – “Charlatanismo e embuste”: *Médiuns interesseiros*, nº 304 e seguintes; *Fraudes espíritas*, nº 314 e seguintes; e *Revista Espírita*, fevereiro de 1862: “Novos médiuns americanos em Paris”.)

92. Entre os adeptos do Espiritismo, encontram-se entusiastas e exaltados, como em todas as coisas; são, em geral, os piores propagadores, porque a facilidade com que aceitam todas as coisas, sem um exame aprofundado, desperta desconfiança. O espírita esclarecido repele esse entusiasmo cego, observa com frieza e calma, evitando, desse modo, ser vítima de ilusões e mistificações. Posta de lado toda questão de boa-fé, o observador novato deve, antes de tudo, levar em conta a gravidade do caráter daqueles a quem se dirige.

Identidade dos Espíritos

93. Uma vez que entre os Espíritos se encontram todas as fraquezas da Humanidade, não podem deixar de existir entre eles os ardilosos e os mentirosos; alguns não têm o menor escrúpulo de se apresentar sob os mais respeitáveis nomes, com o fim de inspirarem mais confiança. Devemos, pois, abster-nos de crer de um modo absoluto na autenticidade de todas as assinaturas de Espíritos.

94. A identidade é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático, sendo muitas vezes impossível verificá-la, sobretudo quando se trata de Espíritos superiores, antigos relativamente à nossa época. Entre os que se manifestam, muitos não têm nomes para nós; então, para fixar as nossas ideias, eles podem tomar o de um Espírito conhecido, da mesma categoria da sua, de tal sorte que, se um Espírito se comunicar com o nome de São Pedro, por exemplo, nada nos prova que seja precisamente o apóstolo desse nome; tanto pode ser ele como outro da mesma ordem, como ainda um enviado seu. A questão da identidade é, neste caso, inteiramente secundária e seria pueril atribuir-lhe importância; o que importa é a natureza do ensino: é bom ou mau, digno ou indigno da personagem que o assina? Esta o subscreveria ou desaprovava? Eis a questão.

95. A identidade é mais fácil de ser averiguada quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujo caráter e hábitos sejam conhecidos, porque é por esses mesmos hábitos e particularidades

da vida privada que a identidade se revela mais seguramente e, muitas vezes, de modo incontestável. Quando se evoca um parente ou um amigo, é a personalidade que interessa; nesse caso, é muito natural que se busque a identidade; entretanto, os meios que geralmente emprega para isso quem não conhece o Espiritismo, senão imperfeitamente, são insuficientes e podem induzir ao erro.

96. O Espírito revela sua identidade por grande número de circunstâncias que chamam a atenção nas comunicações, nas quais se refletem seus hábitos, caráter, linguagem e até locuções familiares. Ela se revela ainda nos detalhes íntimos em que entra *espontaneamente*, com as pessoas a quem ama: são as melhores provas; é muito raro, porém, que ele satisfaça às perguntas diretas que lhe são feitas, sobretudo se o forem por pessoas que lhe são indiferentes, com intuito de curiosidade ou de prova. O Espírito demonstra a sua identidade como quer e pode, conforme o gênero de faculdade do seu intérprete e, muitas vezes, essas provas são abundantes; o erro está em querer que ele as dê como deseja o evocador; é então que o Espírito recusa sujeitar-se às exigências. (*Livro dos Médiuns*, cap. XXIV: “Identidade dos Espíritos”; *Revista Espírita*, março de 1862: “Carrière – Constatação de identidade”.)

Contradições

97. As contradições que frequentemente se notam na linguagem dos Espíritos só causam admiração àqueles que da ciência espírita só possuem um conhecimento incompleto; são conseqüentes à própria natureza dos Espíritos, que, como já dissemos, não sabem as coisas senão na razão do seu adiantamento, sendo que muitos podem saber menos que certos homens. Sobre grande número de pontos eles não emitem mais que a sua opinião pessoal, que pode ser mais ou menos acertada, e conservar ainda um reflexo dos prejuízos terrestres de que ainda não se despojaram; outros forjam sistemas seus, sobre aquilo que ainda não conhecem, particularmente no que diz respeito a questões científicas e à

origem das coisas. Nada, pois, há de surpreendente em que nem sempre estejam de acordo.

98. Muita gente se espanta de encontrar comunicações contraditórias assinadas por um mesmo nome. Somente os Espíritos inferiores mudam de linguagem com as circunstâncias, ao passo que os Espíritos superiores jamais se contradizem. Por pouco que se esteja iniciado nos mistérios do mundo espiritual, sabe-se com que facilidade certos Espíritos se apoderam de nomes diferentes, para dar mais crédito às suas palavras; disso se pode deduzir com segurança que se duas comunicações, radicalmente contraditórias *quanto ao fundo*, trazem o mesmo nome respeitável, uma delas é necessariamente apócrifa.

99. Dois meios podem servir para fixar as ideias sobre as questões duvidosas: o primeiro é submeter todas as comunicações ao controle severo da razão, do bom-senso e da lógica; é uma recomendação que fazem todos os Espíritos bons, de que se abstêm os maus, pois sabem que só têm a perder com esse exame sério; por isso, eles evitam a discussão e querem ser acreditados sob palavra. O segundo critério da verdade está na concordância do ensino. Quando o mesmo princípio é ensinado em muitos pontos por diferentes Espíritos e médiuns estranhos uns aos outros, que não se acham sob as mesmas influências, pode-se concluir que ele está mais próximo da verdade do que aquele que emana de uma só fonte e é contestado pela maioria. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVII: “Contradições e mistificações”; *Revista Espírita*, abril de 1864: “Autoridade da Doutrina Espírita”; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, “Introdução”.)

Consequências do Espiritismo

100. Diante da incerteza das revelações feitas pelos Espíritos, muita gente pergunta: para que serve, então, o estudo do Espiritismo?

Para provar materialmente a existência do mundo espiritual. Sendo o mundo espiritual formado pelas almas daqueles que viveram, resulta de sua admissão a prova da existência da alma e sua sobrevivência ao corpo.

As almas que se manifestam revelam suas alegrias ou seus sofrimentos, segundo o modo pelo qual empregaram o tempo de vida terrena; nisto temos a prova das penas e recompensas futuras.

Ao nos descreverem seu estado e situação, as almas ou Espíritos retificam as ideias falsas que faziam da vida futura e, principalmente, quanto à natureza e duração das penas. Passando assim a vida futura do estado de teoria vaga e incerta ao de fato conhecido e positivo, surge a necessidade de trabalhar o mais possível durante a vida presente, que é tão curta, em proveito da vida futura, que é indefinida.

Suponhamos que um homem de vinte anos tenha a certeza de morrer aos vinte e cinco anos; que fará ele nesses cinco anos que lhe restam? trabalhará para o futuro? certamente que não; procurará gozar o mais possível, acreditando ser uma tolice submeter-se a fadigas e privações sem proveito. Se, porém, ele tiver a certeza de viver até aos oitenta anos, agirá de modo completamente diverso, porque então compreenderá a necessidade de sacrificar alguns instantes do repouso atual para assegurar o repouso futuro, durante longos anos. O mesmo se dá com aquele que tem a certeza da vida futura.

A dúvida sobre a vida futura leva naturalmente as pessoas a sacrificar tudo em benefício dos gozos do presente; daí ligar-se excessiva importância aos bens materiais. O valor que se dá a esses bens excita a cobiça, a inveja e o ciúme do que tem pouco com aquele que tem muito. Da cobiça ao desejo de adquirir, por qualquer preço, o que o vizinho possui, não há senão um passo, resultando ódios, querelas, processos, guerras e todos os males engendrados pelo egoísmo.

Com a dúvida sobre o futuro, o homem, acabrunhado nesta vida pelo desgosto e pelo infortúnio, só vê na morte o termo dos seus sofrimentos; nada mais esperando, acha normal abreviar os seus dias pelo suicídio. Sem esperança de futuro é natural que o homem se aflija e se desespera com as decepções por que passa. Os abalos violentos que experimenta repercutem-lhe no cérebro e são a fonte da maioria dos casos de loucura.

Sem a vida futura, a atual se torna para o homem a coisa capital, o único objeto de suas preocupações, ao qual ele tudo subordina; por isso, quer gozar a todo custo, não só os bens materiais como as honrarias; aspira a brilhar, a elevar-se acima dos outros, a eclipsar os vizinhos por seu fausto e posição; daí a ambição desordenada e a importância que atribui aos títulos e a todas as futilidades, pelos quais ele é capaz de sacrificar a própria honra, porque nada mais vê além. A certeza da vida futura e de suas consequências muda-lhe totalmente a ordem das ideias e lhe faz ver as coisas por outro prisma; é um véu que se levanta descobrindo imenso e esplêndido horizonte.

Diante da infinidade e grandeza da vida de além-túmulo, a vida terrena se apaga, como um segundo na contagem dos séculos, como o grão de areia ao lado de uma montanha. Tudo se torna pequeno, mesquinho, e ficamos admirados de haver dado importância a coisas tão efêmeras e pueris. Daí, no meio dos acontecimentos da vida, uma calma, uma tranquilidade que já constituem uma felicidade, comparadas às fadigas e aos tormentos a que nos sujeitamos, a fim de nos elevarmos acima dos outros; daí, também, para as vicissitudes e decepções, uma indiferença que, tirando todo motivo de desespero, afasta numerosos casos de loucura e desvia forçosamente o pensamento do suicídio. Com a certeza do futuro, o homem espera e se resigna; com a dúvida perde a paciência, porque nada espera do presente.

O exemplo daqueles que já viveram, provando que a soma da felicidade futura guarda relação direta com o progresso moral efetuado e com o bem que se praticou na Terra; que a soma das

infelicidades é diretamente proporcional à soma dos vícios e das más ações, infunde, em quantos estão bem convencidos dessa verdade, uma tendência natural para fazer o bem e evitar o mal.

Quando a maioria dos homens estiver convencida dessa ideia e professar esses princípios, praticando o bem, este, inevitavelmente, triunfará do mal aqui na Terra; então os homens não mais se prejudicarão uns aos outros e regularão suas instituições sociais tendo em vista o bem de todos e não o proveito de alguns; em suma, compreenderão que a lei de caridade ensinada pelo Cristo é a fonte da felicidade, mesmo neste mundo, e basearão as leis civis sobre a lei de caridade.

A demonstração da existência do mundo espiritual que nos cerca e de sua ação sobre o mundo corpóreo é a revelação de uma das forças da Natureza e, por conseguinte, a chave de grande número de fenômenos incompreendidos, tanto na ordem física quanto na moral. Quando a Ciência levar em conta essa nova força até hoje desconhecida, retificará uma porção de erros oriundos do fato de ela atribuir tudo a uma única causa: a matéria. O conhecimento dessa nova causa, nos fenômenos da Natureza, será uma alavanca para o progresso e produzirá o efeito da descoberta de um agente inteiramente novo. Com o auxílio da lei espírita, o horizonte da Ciência se alargará, como se alargou com a ajuda da lei da gravitação.

Quando os sábios proclamarem, do alto de suas cátedras, a existência do mundo espiritual e sua participação nos fenômenos da vida, eles infiltrarão na mocidade o contraveneno das ideias materialistas, em vez de dispô-la à negação do futuro.

Nas lições de Filosofia clássica, os professores ensinam a existência da alma e seus atributos, segundo as diversas escolas, mas sem apresentar provas materiais. Não parece estranho que, quando chegam essas provas, eles as repilam e classifiquem de superstições? Não será isso o mesmo que confessar a seus discípulos que eles lhes ensinam a existência da alma, mas que de tal fato não têm prova alguma?

Quando um sábio emite uma hipótese sobre um ponto de Ciência, procura com empenho e acolhe com alegria tudo o que possa demonstrar a veracidade dessa hipótese. Como, pois, um professor de Filosofia, cujo dever é provar a seus discípulos que eles têm uma alma, trate com tanto desprezo os meios de lhes fornecer uma patente demonstração?

101. Suponhamos que os Espíritos sejam incapazes de ensinar-nos alguma coisa além do que já sabemos, ou que não possamos saber por nós mesmos; vê-se que só a demonstração da existência do mundo espiritual conduz forçosamente a uma revolução nas ideias. Ora, uma revolução nas ideias leva forçosamente a uma revolução na ordem das coisas. É essa revolução que o Espiritismo prepara.

102. Os Espíritos, porém, fazem mais que isso; se suas revelações são cercadas de certas dificuldades, se elas exigem minuciosas precauções para que se comprove a sua exatidão, não é menos verdadeiro que os Espíritos esclarecidos, quando sabemos interrogá-los e quando lhes é permitido, podem revelar-nos fatos ignorados, dar-nos a explicação do que não compreendemos e encaminhar-nos para um progresso mais rápido. É nisto, sobretudo, que o estudo completo e atento da ciência espírita é indispensável, a fim de só lhe pedir o que ela pode dar e do modo por que o pode fazer; quando ultrapassamos esses limites, nós nos expomos a ser enganados.

103. As menores causas podem produzir grandes efeitos. Assim como de um grãozinho pode brotar uma árvore imensa; assim como a queda de uma maçã levou à descoberta da lei que rege os mundos, e assim como as rãs, saltando num prato, revelaram a força galvânica, também do fenômeno vulgar das mesas girantes saiu a prova da existência do mundo invisível, e desta, uma doutrina que, em alguns anos, fez a volta do mundo e pode regenerá-lo tão só pela constatação da realidade da vida futura.

104. O Espiritismo ensina poucas verdades absolutamente novas, ou mesmo nenhuma, em virtude do axioma de que nada há

de novo debaixo do Sol. Só as verdades eternas são absolutas; as que o Espiritismo ensina, sendo fundadas sobre leis naturais, existiram de todos os tempos, razão pela qual encontraremos, em todas as épocas, os germens que um estudo mais completo e observações mais atentas conseguiram desenvolver. Assim, as verdades ensinadas pelo Espiritismo são antes consequências do que descobertas.

O Espiritismo não descobriu nem inventou os Espíritos, como não descobriu o mundo espiritual, no qual se acreditou em todos os tempos; apenas ele o prova por fatos materiais e o apresenta em sua verdadeira luz, desembaraçando-o dos preconceitos e ideias supersticiosas, que geram a dúvida e a incredulidade.

Observação – Por mais incompletas que sejam, bastam estas explicações para mostrar a base em que se assenta o Espiritismo, o caráter das manifestações e o grau de confiança que podem inspirar, segundo as circunstâncias.

[1] **N. de A. K.:** Durante vários anos, uma epidemia semelhante tomou conta de um vilarejo localizado na Haute-Savoie. (Veja-se a *Revista Espírita*, abril e dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863: “Os possessos de Morzine”.)

Solução de alguns problemas pela Doutrina Espírita

Pluralidade dos mundos

A alma

O homem durante a vida terrena

O homem depois da morte

CAPÍTULO III

Solução de Alguns Problemas pela Doutrina Espírita

- Pluralidade dos mundos
 - A alma
- O homem durante a vida terrena
 - O homem depois da morte

Pluralidade dos mundos

105. *Os diferentes mundos que circulam no espaço serão habitados como a Terra?*

Todos os Espíritos o afirmam e a razão diz que assim deve ser. A Terra não ocupa no Universo nenhum lugar especial, nem por sua posição nem por seu volume, e nada justificaria o privilégio exclusivo de ser habitada. Além disso, Deus não teria criado milhares de globos com o fim único de recrear-nos a vista, tanto mais que o maior número deles se acha fora do nosso alcance. (*O Livro dos Espíritos*, nº 55; *Revista Espírita*, março de 1858: “Pluralidade dos mundos”, por Flammarion.)

106. *Se os mundos são povoados, serão seus habitantes, em tudo, semelhantes aos da Terra? Em uma palavra, poderiam eles viver entre nós, e nós entre eles?*

A forma geral poderia ser mais ou menos a mesma, mas o organismo deve ser adaptado ao meio em que eles têm de viver, como os peixes são feitos para viver na água e as aves no ar. Se o meio for diverso, como tudo leva a crer e como parece demonstrá-lo as observações astronômicas, a organização física deles também deve ser diferente; não é, pois, provável que, em seu estado normal,

eles possam viver em tais mundos com os mesmos corpos, o que é confirmado por todos os Espíritos.

107. *Admitindo que esses mundos sejam povoados, estarão na mesma posição da Terra, sob o ponto de vista intelectual e moral?*

Segundo o ensino dos Espíritos, os mundos se acham em graus de adiantamento muito diferentes; alguns estão no mesmo ponto que o nosso; outros são mais atrasados, sendo sua humanidade mais bruta, mais material e mais propensa ao mal. Outros, pelo contrário, são muito mais adiantados, moral, intelectual e fisicamente; neles o mal moral é desconhecido, as artes e as ciências já atingiram um grau de perfeição que escapa à nossa compreensão; a organização física, menos material, não está sujeita aos sofrimentos, moléstias e enfermidades; aí os homens vivem em paz, sem buscar o prejuízo uns dos outros, isentos dos desgostos, cuidados, aflições e necessidades que os assediam na Terra. Há, finalmente, outros ainda mais adiantados, onde o envoltório corporal, quase fluídico, se aproxima cada vez mais da natureza dos anjos. Na série progressiva dos mundos, a Terra não ocupa o primeiro nem o último lugar, embora seja um dos mais materiais e atrasados. (*Revista Espírita*, março de 1858: “Júpiter e alguns outros mundos”; *Idem*, abril de 1858: “Descrição de Júpiter”; *Idem*, agosto de 1858: “Habitações do planeta Júpiter”; *Idem*, outubro de 1860: “Júpiter”; *O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. III.)

A alma

108. *Qual a sede da alma?*

A alma não está, como geralmente se crê, localizada num ponto particular do corpo; ela forma com o perispírito um todo fluídico, penetrável, assimilando-se ao corpo inteiro, com o qual ela constitui um ser complexo, do qual a morte não é, de certo modo, mais que um *desdobramento*. Podemos figuradamente imaginar dois corpos semelhantes na forma, um encaixado no outro, confundidos

durante a vida e separados depois da morte. Nessa ocasião um deles é destruído, enquanto o outro subsiste.

Durante a vida, a alma age mais especialmente sobre os órgãos do pensamento e do sentimento. Ela é, ao mesmo tempo, interna e externa, isto é, irradia exteriormente, podendo mesmo isolar-se do corpo, transportar-se ao longe e aí manifestar sua presença, como o provam a observação e os fenômenos sonambúlicos.

109. *A alma é criada ao mesmo tempo que o corpo, ou anteriormente a ele?*

Depois da questão da existência da alma, esta é uma das questões principais, porque de sua solução resultam as mais importantes consequências; ela é a única chave capaz de explicar uma multidão de problemas até hoje insolúveis, por não se ter nela acreditado.

De duas uma: ou a alma existia, ou não existia antes da formação do corpo; não pode haver meio-termo. Com a preexistência da alma, tudo se explica lógica e naturalmente; sem ela, tropeçamos a cada passo, sendo mesmo impossível justificar-se certos dogmas da Igreja, o que tem levado muitos pensadores à incredulidade.

Os Espíritos resolveram a questão afirmativamente, e os fatos, como a lógica, não podem deixar dúvidas a esse respeito. Que se admita, ao menos como hipótese, a preexistência da alma, e teremos resolvido a maioria das dificuldades.

110. *Se a alma já existia antes da sua união com o corpo, tinha ela sua individualidade e consciência de si?*

Sem individualidade e sem consciência de si mesma, seria como se ela não existisse.

111. *Antes da sua união com o corpo, a alma já tinha feito algum progresso, ou estava estacionária?*

O progresso anterior da alma é, ao mesmo tempo, demonstrado pela observação dos fatos e pelo ensino dos Espíritos.

112. *Deus criou as almas iguais moral e intelectualmente, ou teria feito umas mais perfeitas e inteligentes que as outras?*

Se Deus as tivesse feito umas mais perfeitas que as outras, essa preferência não se conciliaria com a sua justiça. Sendo todas as criaturas obra sua, por que Ele dispensaria do trabalho algumas delas, quando o impõe a outras para alcançarem a felicidade eterna? A desigualdade da alma em sua origem seria a negação da Justiça de Deus.

113. *Se as almas são criadas iguais, como explicar a diversidade de aptidões e predisposições naturais que existe entre os homens na Terra?*

Essa diversidade é a consequência do progresso feito pela alma, antes de sua união com o corpo. As almas mais adiantadas em inteligência e moralidade são as que viveram mais e mais progrediram antes de sua encarnação.

114. *Qual o estado da alma em sua origem?*

As almas são criadas simples e ignorantes, isto é, sem ciência e sem conhecimento do bem e do mal, mas com igual aptidão para tudo. A princípio, encontram-se numa espécie de infância, sem vontade própria e sem consciência perfeita de sua existência. Pouco a pouco o livre-arbítrio se desenvolve, ao mesmo tempo que as ideias. (*O Livro dos Espíritos*, nos 114 e seguintes.)

115. *A alma fez esse progresso anterior no estado de alma propriamente dita, ou em precedente existência corpórea?*

Além do ensino dos Espíritos sobre esse ponto, o estudo dos diferentes graus de adiantamento do homem, na Terra, prova que o progresso anterior da alma deve fazer-se em uma série de existências corpóreas, mais ou menos numerosas, segundo o grau a que ele chegou; a prova disto está na observação dos fatos que diariamente estão sob os nossos olhos. (*O Livro dos Espíritos*, nos 166 a 222; *Revista Espírita*, abril de 1862.)

O homem durante a vida terrena

116. *Como e em que momento se opera a união da alma ao corpo?*

Desde a concepção, o Espírito, ainda que errante, está preso por um cordão fluídico ao corpo com o qual se deve unir. Este laço se encurta cada vez mais, à medida que o corpo se desenvolve. Desde esse momento, o Espírito sente uma perturbação que cresce sempre; ao aproximar-se do nascimento essa perturbação se torna completa, o Espírito perde a consciência de si mesmo e não recobra as ideias senão gradualmente, a partir do momento em que a criança começa a respirar; a união é então completa e definitiva.

117. *Qual o estado intelectual da alma da criança no momento de nascer?*

Seu estado intelectual e moral é o que tinha antes da sua união com o corpo, isto é, a alma possui todas as ideias adquiridas anteriormente; mas, em razão da perturbação que acompanha a mudança de estado, suas ideias se acham momentaneamente em estado de latência. Elas se vão esclarecendo aos poucos, mas não podem manifestar-se senão proporcionalmente ao desenvolvimento dos órgãos.

118. *Qual a origem das ideias inatas, das disposições precoces, das aptidões instintivas para uma arte ou ciência, abstração feita de toda instrução?*

As ideias inatas não podem ter senão duas fontes: a criação de almas mais perfeitas umas que as outras, no caso de serem criadas ao mesmo tempo que o corpo, ou um progresso anterior, realizado por elas antes da encarnação. Sendo a primeira hipótese incompatível com a Justiça de Deus, só resta a segunda. As ideias inatas são o resultado dos conhecimentos adquiridos nas existências anteriores e que se conservaram no estado de intuição, para servirem de base à aquisição de novas ideias.

119. *De que modo os gênios se revelam nas classes da sociedade inteiramente privadas de cultura intelectual?*

Esse fato é a prova de que as ideias inatas são independentes do meio em que o homem foi educado. O ambiente e a educação desenvolvem as ideias inatas, *mas não no-las podem dar*. O homem de gênio é a encarnação de um homem adiantado e que já havia progredido bastante. Assim, a educação pode fornecer a instrução que falta, mas não o gênio, quando este não exista.

120. *Por que há crianças instintivamente boas em um meio perverso, apesar dos maus exemplos que colhem, ao passo que outras são instintivamente viciosas em um meio bom, apesar dos bons conselhos que recebem?*

É o resultado do progresso moral adquirido, como as ideias inatas são o resultado do progresso intelectual.

121. *Por que de dois filhos do mesmo pai, educados nas mesmas condições, um é inteligente e o outro estúpido, um bom e o outro mau? Por que o filho de um homem genial é, algumas vezes, um tolo, e o de um tolo, um homem de gênio?*

Esse fato vem confirmar a origem das ideias inatas; prova, além disso, que a alma do filho não procede, de modo algum, da alma dos pais; se assim não fosse, em virtude do axioma que a parte é da mesma natureza que o todo, os pais transmitiriam aos filhos as suas qualidades e defeitos próprios, como lhes transmitem o princípio das qualidades corpóreas. Na geração, somente o corpo procede do corpo; as almas, porém, são independentes umas das outras.

122. *Se as almas são independentes umas das outras, de onde vem o amor dos pais pelos filhos e destes por aqueles?*

Os Espíritos se ligam por simpatia, e o nascimento em tal ou tal família não é um efeito do acaso; depende, muitas vezes, da escolha feita pelo Espírito, que vem juntar-se àqueles a quem amou no mundo espiritual ou em existências anteriores. Por outro lado, os pais têm por missão ajudar o progresso dos Espíritos que encarnam como seus filhos, e, para estimulá-los a isso, Deus lhes inspira uma

afeição mútua; muitos, porém, faltam a essa missão, sendo por isso punidos. (*O Livro dos Espíritos*, nº 379: “Infância”.)

123. *Por que há maus pais e maus filhos?*

São Espíritos que não se ligaram na mesma família por simpatia, mas com o fim de servirem de instrumentos de provas uns aos outros e, muitas vezes, para punição do que foram em existência anterior; a um é dado um mau filho, porque também ele o foi; a outro, um mau pai, pelo mesmo motivo, a fim de que sofram a pena de talião. (*Revista Espírita*, setembro de 1861: “A pena de talião”.)

124. *Por que encontramos em certas pessoas, nascidas em condição servil, instintos de dignidade e grandeza, enquanto outras, nascidas nas classes superiores, só apresentam instintos de baixeza?*

É uma reminiscência intuitiva da posição social que já haviam ocupado, e do seu caráter na existência precedente.

125. *Qual a causa das simpatias e antipatias que se manifestam entre pessoas que se veem pela primeira vez?*

São quase sempre pessoas que se conheceram e, algumas vezes, se amaram em uma existência anterior, e que, encontrando-se nesta, são atraídas umas para as outras. As antipatias instintivas provêm também, muitas vezes, de relações anteriores.

Esses dois sentimentos podem ter ainda uma outra causa. O perispírito irradia ao redor do corpo, formando uma espécie de atmosfera impregnada das qualidades boas ou más do Espírito encarnado. Duas pessoas que se encontram, experimentam, pelo contato desses fluidos, a impressão da sensitiva, impressão que pode ser agradável ou desagradável; os fluidos tendem a confundir-se ou a repelir-se, segundo sua natureza semelhante ou dessemelhante. É assim que se pode explicar o fenômeno da transmissão do pensamento. Pelo contato desses fluidos, duas almas leem, por assim dizer, uma na outra; elas se adivinham e compreendem, sem se falarem.

126. *Por que o homem não conserva a lembrança de suas existências anteriores? Não será ela necessária ao seu progresso futuro?*

(Veja-se a parte que trata do “Esquecimento do passado”, cap. I, pág. 92.)

127. *Qual a origem do sentimento a que chamamos consciência?*

É uma recordação intuitiva do progresso feito nas precedentes existências e das resoluções tomadas pelo Espírito antes de encarnar, resoluções que ele, muitas vezes, esquece como homem.

128. *O homem tem livre-arbítrio ou está sujeito à fatalidade?*

Se a conduta do homem fosse sujeita à fatalidade, não haveria para ele nem responsabilidade do mal nem mérito do bem que pratica. Logo, toda punição seria uma injustiça, e toda recompensa um contrassenso. O livre-arbítrio do homem é uma consequência da Justiça de Deus, é o atributo que lhe dá dignidade e o eleva acima de todas as outras criaturas. Isto é tão verdadeiro que a estima dos homens, uns pelos outros, guarda relação direta com esse livre-arbítrio; quem o perde acidentalmente, seja por doença, loucura, embriaguez ou idiotismo, é lastimado ou desprezado.

O materialista, que faz todas as faculdades morais e intelectuais dependerem do organismo, reduz o homem à condição de máquina, sem livre-arbítrio e, por conseguinte, sem responsabilidade do mal e sem mérito do bem que pratica. (*Revista Espírita*, março de 1861: “A cabeça de Garibaldi”; *Idem*, abril de 1862: “Frenologia espiritualista e espírita”.)

129. *Terá Deus criado o mal?*

Deus não criou o mal; Ele estabeleceu leis, e estas são sempre boas, porque Ele é soberanamente bom; aquele que as observasse fielmente seria perfeitamente feliz; mas os Espíritos, em virtude do livre-arbítrio de que desfrutam, nem sempre as observam, de modo que o mal provém da infração a essas leis.

130. *O homem já nasce bom ou mau?*

É preciso fazermos uma distinção entre a alma e o homem. A alma é criada simples e ignorante, isto é, nem boa nem má, porém suscetível, em razão do seu livre-arbítrio, de seguir o bom ou o mau caminho, ou, por outra, de observar ou infringir as Leis de Deus. O homem nasce bom ou mau, segundo seja ele a encarnação de um Espírito adiantado ou atrasado.

131. *Qual a origem do bem e do mal na Terra e por que este predomina?*

A origem do mal na Terra provém da imperfeição dos Espíritos que aqui encarnam; já a predominância do mal decorre da inferioridade do planeta, cujos habitantes são, na maioria, Espíritos inferiores ou que pouco têm progredido. Em mundos mais adiantados, onde só encarnam Espíritos depurados, o mal não existe ou está em minoria.

132. *Qual a causa dos males que afligem a Humanidade?*

A Terra pode ser considerada, ao mesmo tempo, como escola de Espíritos pouco adiantados e cárcere de Espíritos criminosos. Os males da Humanidade são a consequência da inferioridade moral da maioria dos Espíritos encarnados. Pelo contato de seus vícios, eles se infelicitam reciprocamente e se punem uns pelos outros.

133. *Por que vemos tantas vezes o mau prosperar, enquanto o homem de bem vive presa de todas as aflições?*

Para quem não vê senão a vida presente e acredita que ela é única, isto deve parecer clamorosa injustiça. Não se dá, porém, o mesmo quando se considera a pluralidade das existências e a brevidade de cada uma delas, em relação à eternidade. O estudo do Espiritismo vem provar que a prosperidade do mau tem terríveis consequências nas vidas seguintes; que as aflições do homem de bem, ao contrário, são seguidas de uma felicidade tanto maior e duradoura quanto mais resignadamente ele soube suportá-las; não lhe será mais que um dia mau em uma existência próspera.

134. *Por que algumas pessoas nascem na indigência e outras na opulência? Por que há tanta gente que nasce cega, surda, muda ou afetada de moléstias incuráveis, enquanto outras possuem todas as vantagens físicas? Será um efeito do acaso ou um ato da Providência?*

Se fosse obra do acaso, a Providência não existiria. Admitida, porém, a Providência, perguntamos: como se conciliam esses fatos com a sua bondade e justiça? É por falta da compreensão da causa de tais males que muitos se atrevem a acusar Deus. Compreende-se que quem se torna miserável ou enfermo, por suas imprudências ou por excessos, seja punido onde pecou; mas, *se a alma é criada ao mesmo tempo que o corpo*, que fez ela para merecer tais aflições, *desde o seu nascimento*, ou para ficar isenta delas? Se admitirmos a Justiça de Deus, não podemos deixar de admitir que esse efeito tem uma causa; e se esta causa não se encontra na vida presente, deve achar-se antes desta, porque em todas as coisas *a causa deve preceder o efeito*; é, pois, necessário que a alma já tenha vivido, para que possa merecer uma expiação.

Os estudos espíritas nos mostram, de fato, que mais de um homem, nascido na miséria, foi rico e considerado em uma existência anterior, na qual fez mau uso da fortuna que Deus o encarregara de gerir; que mais de um, nascido na abjeção, foi anteriormente orgulhoso, prepotente, e abusou do poder para oprimir os fracos. Esses estudos no-los mostram, algumas vezes, sujeitos àqueles a quem trataram com dureza, entregues aos maus-tratos e à humilhação a que submeteram os outros.

Nem sempre uma vida penosa é expiação; muitas vezes é prova escolhida pelo Espírito, que vê um meio de avançar mais rapidamente, caso a suporte com coragem. A riqueza é também uma prova, mas muito mais perigosa que a miséria, pelas tentações que gera e pelos abusos que provoca; também o exemplo dos que viveram demonstra ser ela uma prova em que a vitória é mais difícil.

A diferença das posições sociais seria a maior das injustiças, quando não seja o resultado da conduta atual, se ela não tivesse

uma compensação. A convicção que adquirimos dessa verdade, pelo Espiritismo, nos dá força para suportarmos as vicissitudes da vida e aceitarmos a nossa sorte, sem invejar a dos outros.

135. *Por que há idiotas e cretinos?*

A posição dos idiotas e dos cretinos seria a menos conciliável com a Justiça de Deus, na hipótese da unicidade da existência. Por mais miserável que seja a condição em que o homem nasça, ele poderá sair dela por sua inteligência e trabalho; o idiota e o cretino, porém, são votados desde o nascimento até a morte, ao embrutecimento e ao desprezo; para eles não há compensação possível. Por que, então, sua alma foi criada idiota?

Os estudos espíritas, feitos acerca dos cretinos e idiotas, provam que suas almas são tão inteligentes como as dos outros homens; que essa enfermidade é uma expiação infligida a Espíritos que abusaram da inteligência, e que sofrem cruelmente por se sentirem presos, em laços que não podem romper, e pelo desprezo de que se veem objeto, quando, talvez, tenham sido bajulados em encarnação precedente. (*Revista Espírita*, junho de 1860: “O Espírito de um idiota”; *Idem*, outubro de 1861: “Os cretinos”.)

136. *Qual o estado da alma durante o sono?*

Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, porém, não dorme. As observações práticas comprovam que, nessas condições, o Espírito goza de toda a liberdade e da plenitude de suas faculdades; aproveita-se do repouso do corpo, dos momentos em que este lhe dispensa a presença, para agir separadamente e ir aonde quer. Durante a vida, qualquer que seja a distância a que se transporte, o Espírito fica sempre preso ao corpo por um cordão fluídico, que serve para chamá-lo quando a sua presença se torna necessária. Esse laço só se rompe com a morte.

137. *Qual é a causa dos sonhos?*

Os sonhos são o resultado da liberdade do Espírito durante o sono; é, algumas vezes, a lembrança dos lugares e das pessoas que o Espírito viu ou visitou nesse estado. (*O Livro dos Espíritos*:

“Emancipação da alma”: sono, sonhos, sonambulismo, segunda vista, letargia etc., nos 400 e seguintes; *O Livro dos Médiuns*: “Evocação de pessoas vivas”, nº 284; *Revista Espírita*, janeiro de 1860: “O Espírito de um lado, o corpo do outro”; *Idem*, março de 1860: “Estudo sobre o Espírito de pessoas vivas”.)

138. *De onde vêm os pressentimentos?*

São recordações vagas e intuitivas do que o Espírito aprendeu em seus momentos de liberdade e, algumas vezes, avisos ocultos dados por Espíritos benévolos.

139. *Por que, na Terra, há selvagens e homens civilizados?*

Sem a preexistência da alma, esta questão é insolúvel, a menos que se admita que Deus tenha criado almas selvagens e almas civilizadas, o que seria a negação da sua justiça. Além disso, a razão recusa admitir que, depois da morte, a alma do selvagem fique perpetuamente em estado de inferioridade, nem que se ache na mesma posição que a do homem esclarecido.

Admitindo para as almas um mesmo ponto de partida, única doutrina compatível com a Justiça de Deus, a presença simultânea da selvageria e da civilização, na Terra, é um fato material que prova o progresso que uns já fizeram e que os outros hão de fazer. A alma do selvagem atingirá, pois, com o tempo, o mesmo grau da alma civilizada; mas, como todos os dias morrem selvagens, essa alma não pode atingir esse grau senão em encarnações sucessivas, cada vez mais aperfeiçoadas e apropriadas ao seu adiantamento, seguindo todos os graus intermediários a esses dois extremos.

140. *Não será admissível, conforme pensam algumas pessoas, que a alma, não encarnando mais que uma vez, faça o seu progresso no estado de Espírito ou em outras esferas?*

Esta proposição seria admissível se todos os habitantes da Terra se achassem no mesmo nível moral e intelectual, caso em que se poderia dizer que a Terra está destinada a determinado grau. Ora, quantas vezes temos diante de nós a prova do contrário! Realmente, não é compreensível que o selvagem não pudesse civilizar-se aqui

na Terra, quando vemos almas mais adiantadas encarnadas ao lado dele, nem que estas tenham que encarnar em um mundo à parte, uma vez que há almas inferiores encarnadas no mesmo globo; de onde se conclui que a possibilidade da pluralidade das existências terrenas resulta dos próprios exemplos que temos sob os olhos. Se fosse de outro modo, era preciso explicar: 1º por que só a Terra teria o monopólio das encarnações; 2º por que, admitindo-se esse monopólio, nela se apresentam almas encarnadas de todos os graus?

141. *Por que, no meio das sociedades civilizadas, há seres de ferocidade comparável à dos mais bárbaros selvagens?[1]*

São Espíritos muito inferiores, saídos das raças bárbaras, que experimentam reencarnar em meio que não é o deles, e onde estão deslocados, como estaria um camponês, se o colocassem de repente no seio da alta sociedade.

Observação – Não é possível admitir-se, sem negar a Deus os atributos de bondade e justiça, que a alma do criminoso endurecido tenha, na vida atual, o mesmo ponto de partida que a de um homem cheio de virtudes. Se a alma não é anterior ao corpo, a do criminoso e a do homem de bem são tão novas uma como a outra; por que, então, uma seria boa e a outra má?

142. *De onde vem o caráter distintivo dos povos?*

São Espíritos que têm mais ou menos os mesmos gostos e inclinações, que encarnam em um meio simpático e, muitas vezes, no mesmo meio em que podem satisfazer as suas inclinações.

143. *Como progridem e como degeneram os povos?*

Se a alma é criada juntamente com o corpo, as dos homens de hoje são tão novas, tão primitivas, como a dos homens da Idade Média. Por que, então, essas almas têm costumes mais brandos e inteligência mais desenvolvida? Se a alma deixa definitivamente a Terra por ocasião da morte do corpo, qual seria o fruto do trabalho feito para melhoramento de um povo, se este tivesse de ser recomeçado com as almas novas que chegam todos os dias?

Os Espíritos encarnam em um meio simpático e em relação com o grau do seu adiantamento. Um chinês, por exemplo, que progredisse suficientemente e não encontrasse mais na sua raça um meio correspondente ao grau que atingiu, encarnará entre um povo mais adiantado. À medida que uma geração dá um passo para frente, atrai por simpatia Espíritos mais adiantados, os quais são, talvez, os mesmos que já haviam vivido no mesmo país e que, por seu progresso, dele se tinham afastado. É assim que, de passo em passo, uma nação avança. Se a maioria dos seus novos habitantes fosse de natureza inferior e os antigos emigrassem diariamente e não mais descessem a um meio inferior, o povo acabaria por degenerar e, afinal, por ser extinto.

Observação – Essas questões levantam outras que encontram solução no mesmo princípio; por exemplo: de onde vem a diversidade de raças na Terra? – Haverá raças rebeldes ao progresso? – A raça negra é suscetível de atingir o nível das raças europeias? – A escravidão é útil ao progresso das raças inferiores? – Como se pode operar a transformação da Humanidade? (*O Livro dos Espíritos*: “Lei do progresso”, nos 776 e seguintes; *Revista Espírita*, janeiro de 1862: “Doutrina dos anjos decaídos”; *Idem*, abril de 1862: “Perfectibilidade da raça negra”).[\[2\]](#)

O homem depois da morte

144. *Como se opera a separação da alma e do corpo? É brusca ou gradual?*

O desprendimento opera-se gradualmente e com lentidão variável, segundo os indivíduos e as circunstâncias da morte. Os laços que prendem a alma ao corpo não se rompem senão aos poucos, e tanto menos rapidamente quanto mais a vida foi material e sensual. (*O Livro dos Espíritos*, nº 155.)

145. *Qual a situação da alma imediatamente depois da morte do corpo? Tem consciência imediata de si mesma? Em suma, que vê, que experimenta?*

No momento da morte, tudo se apresenta confuso; a alma precisa de algum tempo para se reconhecer; fica como que aturdida, no estado de um homem que sai de profundo sono e que procura tomar pé da situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam à medida que desaparece a influência da matéria de que ela acaba de separar-se, e que se dissipa o nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos.

A duração da perturbação que se segue à morte é muito variável; pode ser de algumas horas somente, como de muitos dias, meses ou, mesmo, de muitos anos. É menos longa para aqueles que, enquanto vivos, se identificaram com o seu estado futuro, porque esses compreendem imediatamente a sua situação; porém, é tanto mais longa quanto mais materialmente o indivíduo viveu.

A sensação que a alma experimenta nesse momento é também muito variável; a perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem; é calma e em tudo semelhante à que acompanha um despertar tranquilo. Para aquele cuja consciência não é pura e que se prendeu mais à vida corpórea do que à espiritual, esse momento é cheio de ansiedade e de angústias, que vão aumentando à medida que ele se reconhece, porque então sente medo e certo terror diante do que vê e, sobretudo, do que entrevê.

A sensação a que podemos chamar física é de grande alívio e de imenso bem-estar; fica-se como que liberto de um fardo e o Espírito sente-se feliz por não mais experimentar as dores corpóreas que o atormentavam alguns instantes antes; sente-se livre, desembaraçado e alerta, como aquele a quem tirassem as pesadas cadeias que o prendiam.

Em sua nova situação, a alma vê e ouve o que via e ouvia antes da morte, mas vê e ouve ainda outras coisas que escapam à grosseria dos órgãos corpóreos. Tem, então, sensações e percepções que nos são desconhecidas. (*Revista Espírita*, setembro de 1859: “Morte de um espírita”; *Idem*, outubro de 1860: “O despertar do Espírito”; *Idem*, maio de 1862: “Exéquias do Sr. Sanson”; *Idem*, junho de 1862: “Sr. Sanson”.)

Observação – Estas respostas e todas as relativas à situação da alma depois da morte ou durante a vida não são o resultado de uma teoria ou de um sistema, mas de estudos diretos feitos sobre milhares de indivíduos, observados em todas as fases e períodos da sua existência espiritual, desde o mais baixo até o mais alto grau da escala, segundo seus hábitos durante a vida terrena, gênero de morte etc.

Muitas vezes se diz, falando da vida futura, que não se sabe o que nela se passa, porque ninguém voltou de lá para no-la contar; é um erro, pois são justamente os que nela já se acham que, a respeito, nos vêm instruir, e Deus o permite hoje, mais que em nenhuma outra época, como último aviso à incredulidade e ao materialismo.

146. *A alma que deixou o corpo pode ver a Deus?*

As faculdades perceptivas da alma são proporcionais à sua depuração; só as almas de escol podem gozar da presença de Deus.

147. *Se Deus está em toda parte, por que nem todos os Espíritos podem vê-lo?*

Deus está em toda parte, porque em toda parte Ele irradia, de modo que se pode dizer que o Universo está mergulhado na divindade, como nós o estamos na luz solar. Entretanto, os Espíritos atrasados estão envolvidos numa espécie de nevoeiro que oculta o Criador a seus olhos, e que não se dissipa senão à medida que eles se depuram e se desmaterializam. Os Espíritos inferiores são, pela vista, em relação a Deus, o que os encarnados são, em relação aos Espíritos: verdadeiros cegos.

148. *Depois da morte, a alma tem consciência de sua individualidade? Como a constata e como podemos constata-la?*

Se as almas não tivessem sua individualidade depois da morte, isto seria, para elas e para nós, a mesma coisa que não existirem. As consequências morais seriam exatamente as mesmas; elas não teriam nenhum caráter distintivo; a alma do criminoso estaria na mesma posição que a do homem de bem, não havendo, portanto, interesse algum em se fazer o bem.

A individualidade da alma é confirmada de modo por assim dizer material nas manifestações espíritas, pela linguagem e

qualidades próprias de cada uma. Como elas pensam e agem de maneira diferente, umas são boas e outras más, umas sábias e outras ignorantes, querendo umas o que outras não querem, isto vem provar que elas não estão confundidas em um todo homogêneo, sem falar das provas patentes que nos dão de terem animado tal ou tal indivíduo na Terra. Graças ao Espiritismo experimental, a individualidade da alma não é mais uma coisa vaga, porém o resultado da observação.

A própria alma reconhece a sua individualidade, porque tem pensamento e vontade próprios, que distinguem umas das outras; ela também se dá conta dessa individualidade por seu envoltório fluídico ou perispírito, espécie de corpo limitado, que dela faz um ser distinto.

Observação – Há quem pense poder escapar ao rótulo de materialista por admitir um princípio inteligente universal, do qual absorveríamos uma parte ao nascermos, o que constitui a alma, para restituí-la depois da morte à massa comum, em que com outras se confundiria, tal como as gotas d'água no oceano. Este sistema, espécie de transição, não merece nem mesmo o nome de *espiritualismo*, pois é tão desolador quanto o materialismo. O reservatório comum do todo universal equivaleria ao aniquilamento, porque ali não haveria mais individualidades.

149. *O gênero de morte influi no estado da alma?*

O estado da alma varia consideravelmente conforme o gênero de morte, mas, sobretudo, conforme a natureza dos hábitos durante a vida. Na morte natural, o desprendimento se opera gradualmente e sem abalo, começando mesmo antes que a vida esteja extinta. Na morte violenta, por suplício, suicídio ou acidente, os laços são rompidos bruscamente; o Espírito, surpreendido, fica como que aturdido com a mudança nele efetuada, e não acha explicação para a sua situação. Um fenômeno mais ou menos constante em tal caso é a convicção que ele tem de não estar morto, podendo essa ilusão durar muitos meses e mesmo muitos anos. Nesse estado, ele se locomove, julga ocupar-se dos seus negócios, como se ainda estivesse no mundo, e mostra-se espantado de não lhe responderem quando fala. Essa ilusão também se nota, fora dos casos de morte

violenta, em muitos indivíduos cuja vida foi absorvida pelos gozos e interesses materiais. (*O Livro dos Espíritos*, nº 165; *Revista Espírita*, junho de 1858: “O suicida da Samaritana”; *Idem*, dezembro de 1858: “Um Espírito nos funerais de seu corpo”; *Idem*, julho de 1859: “O zuavo de Magenta”; *Idem*, dezembro de 1859: “Um Espírito que não se acredita morto”; *Idem*, março de 1863: “François-Simon Louvet”.)

150. *Para onde vai a alma depois de deixar o corpo?*

Ela não se perde na imensidade do infinito, como geralmente se supõe; erra no Espaço, quase sempre no meio daqueles que conheceu, sobretudo dos que amou, podendo instantaneamente transportar-se a distâncias imensas.

151. *A alma conserva as afeições que tinha na Terra?*

Guarda todas as afeições morais e só esquece as materiais, que já não são de sua essência; por isso, vem satisfeita ver os parentes e amigos e sente-se feliz com a lembrança deles. (*Revue Spirite*, 1860, pág. 202: “*Les amis ne nous oublient pas dans d’autre monde*”; *Idem*, 1862, pág. 132.)

152. *A alma guarda a lembrança do que fez na Terra? Interessa-se pelos trabalhos que não pôde concluir?*

Depende da sua elevação e da natureza desses trabalhos. Os Espíritos desmaterializados pouco se preocupam com as coisas materiais, de que se julgam felizes por estar livres. Quanto aos trabalhos que começaram, segundo sua importância e utilidade, eles inspiram a outros o desejo de terminá-los.

153. *A alma encontra no mundo dos Espíritos os parentes e amigos que a precederam?*

Não só os encontra, como também a muitos outros que conheceu em outras existências. Geralmente, aqueles que mais a amam vêm recebê-la à sua chegada no mundo espiritual e ajudam-na a desprender-se dos laços terrenos. Entretanto, a privação de ver as almas mais caras é, algumas vezes, punição para os culpados.

154. *Qual é, na outra vida, o estado intelectual e moral da alma da criança morta em tenra idade? Suas faculdades conservam-se na infância, como durante a vida?*

O desenvolvimento incompleto dos órgãos da criança não dava ao Espírito a liberdade de se manifestar completamente; livre desse envoltório, suas faculdades são as mesmas de antes da sua encarnação. Não tendo passado mais que alguns instantes na vida, o Espírito não sofre modificação nas faculdades.

Observação – Nas comunicações espíritas, o Espírito de uma criança pode, pois, falar como o de um adulto porque pode ser Espírito adiantado. Se, algumas vezes, adota a linguagem infantil, é para não tirar à mãe o encanto que sempre está ligado à afeição de um ser frágil e delicado, cercado das graças da inocência. (*Revista Espírita*, janeiro de 1858: “Mãe, estou aqui!”.)

A mesma questão pode ser formulada acerca do estado intelectual da alma dos cretinos, dos idiotas e dos loucos depois da morte; sua solução se encontra na explicação precedente.

155. *Que diferença há, depois da morte, entre a alma do sábio e a do ignorante, entre a do selvagem e a do homem civilizado?*

Mais ou menos a mesma diferença que existia entre elas durante a vida, porque a entrada no mundo dos Espíritos não dá à alma todos os conhecimentos que lhe faltavam na Terra.

156. *As almas progridem intelectual e moralmente depois da morte?*

Progridem mais ou menos, segundo sua vontade, e algumas se adiantam muito; entretanto, precisam pôr em prática, durante a vida corpórea, o que conquistaram em ciência e moralidade. As que ficaram estacionárias recomeçam uma existência análoga à que deixaram; as que progrediram fazem jus a uma encarnação de ordem mais elevada.

Sendo o progresso proporcional à vontade do Espírito, muitos deles conservam por longo tempo os gostos e as inclinações que tinham durante a vida e prosseguem nas mesmas ideias. (*Revista Espírita*, março de 1858: “A rainha de Oude”; *Idem*, maio de 1858: “O Espírito e os herdeiros”; *Idem*, julho de 1858: “O tambor de

Beresina”; *Idem*, dezembro de 1859: “Um antigo carreteiro”; *Idem*, outubro de 1860: “Progresso dos Espíritos”; *Idem*, abril de 1861: “Progresso de um Espírito perverso”.)

157. *A sorte do homem, na vida futura, está irrevogavelmente fixada depois da morte?*

A fixação irrevogável da sorte do homem depois da morte seria a negação absoluta da Justiça e da bondade de Deus, porque muitos deles não puderam esclarecer-se suficientemente na existência terrena, sem falar dos idiotas, cretinos, selvagens e de elevado número de crianças que morrem sem ter entrevisto a vida. Mesmo entre os homens esclarecidos, muitos, por se julgarem bastante perfeitos, se creem dispensados de estudar e trabalhar mais; ao permitir que o homem faça amanhã o que não pode fazer hoje, Deus não estará provando a sua bondade? Se a sorte é irrevogavelmente fixada, por que os homens morrem em idades tão diferentes, e por que Deus, em sua justiça, não concede a todos o tempo de produzir a maior soma de bem e reparar o mal que fizeram? Quem sabe se o criminoso que morre aos trinta anos não se teria arrependido e se tornado um homem de bem se vivesse até aos sessenta? Por que Deus lhe tira assim os meios que concede aos outros? Só o fato da diversidade das durações da vida e do estado moral da grande maioria dos homens prova a impossibilidade, admitida a Justiça Divina, de ser a sorte da alma irrevogavelmente fixada depois da morte.

158. *Qual é, na vida futura, a sorte das crianças que morrem em tenra idade?*

Esta questão é uma das que provam melhor a justiça e a necessidade da pluralidade das existências. Uma alma que só tiver vivido alguns instantes, não tendo feito nem bem nem mal, não pode merecer prêmio nem castigo, pois, segundo a máxima do Cristo: *cada um é punido ou recompensado segundo suas obras* – é tão ilógico como contrário à Justiça de Deus admitir-se que, sem trabalho, essa alma seja chamada a gozar da felicidade perfeita dos anjos, ou que desta se veja privada; entretanto, *ela deve ter um*

destino qualquer. Um estado misto, por toda a eternidade, seria igualmente uma injustiça. Como uma existência interrompida logo no começo não pode ter consequência alguma para a alma, sua sorte atual é a mesma que ela mereceu na existência anterior, e seu futuro aquilo que vier a merecer em suas existências posteriores.

159. *As almas têm ocupações na outra vida? Pensam em outra coisa, além de suas alegrias e sofrimentos?*

Se as almas não se ocupassem senão de si mesmas durante a eternidade, seria egoísmo, e Deus, que condena essa falta na vida corporal, não poderia aprová-la na espiritual. As almas ou Espíritos têm ocupações em relação com o seu grau de adiantamento, procurando, ao mesmo tempo, instruir-se e melhorar-se. (*O Livro dos Espíritos*, nº 558: “Ocupações e missões dos Espíritos”.)

160. *Em que consistem os sofrimentos da alma depois da morte? As almas culpadas serão torturadas em chamas materiais?*

Hoje, a Igreja reconhece perfeitamente que o fogo do inferno é um fogo moral e não material;^[3] porém, não define a natureza dos sofrimentos. As comunicações espíritas nos desvendam esses sofrimentos e, por meio delas, podemos apreciá-los e convencer-nos de que, apesar de não resultarem de um fogo material, que, efetivamente, não poderia queimar almas imateriais, nem por isso eles deixam de ser mais terríveis, em certos casos.

Essas penas não são uniformes; variam ao infinito, segundo a natureza e o grau das faltas cometidas, sendo quase sempre essas mesmas faltas o instrumento do seu castigo; é assim que certos assassinos são obrigados a permanecer no próprio lugar do crime e a contemplar suas vítimas incessantemente; que o homem de gostos sensuais e materiais conserva esses mesmos gostos juntamente com a impossibilidade material de satisfazê-los, o que, para eles, é uma tortura; que certos avarentos julgam sofrer o frio e as privações que suportaram na vida por avareza; outros veem ouro e sofrem por não os poderem palpar; outros se conservam junto aos tesouros que enterraram, em transes perpétuos, com medo de que alguém os

roube; em suma, não há um defeito, uma imperfeição moral, um ato mau que não tenha o seu reverso e suas consequências naturais no mundo espiritual; e, para isso, não há necessidade de um lugar determinado e circunscrito. Onde quer que se ache o Espírito perverso, o inferno estará com ele.

Além dos sofrimentos espirituais, há as penas e provas materiais por que passa o Espírito, que ainda não se depurou, em uma nova encarnação, na qual é colocado em condições de sofrer o que fez sofrer a outrem: ser humilhado se foi orgulhoso, miserável se foi avarento, infeliz com seus filhos se foi mau filho etc. Como dissemos, a Terra é um dos lugares de exílio e de expiação, *um purgatório*, para os Espíritos dessa natureza, do qual cada um se pode libertar, melhorando-se suficientemente para merecer encarnar num mundo melhor. (*O Livro dos Espíritos*, nº 237: “Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos”; *Idem*, livro IV – Esperanças e consolações: “Penas e gozos terrenos”; “Penas e gozos futuros”; *Revista Espírita*, março de 1858: “O assassino Lemaire”; *Idem*, junho de 1858: “O suicida da Samaritana”; *Idem*, dezembro de 1858: “Sensações dos Espíritos”; *Idem*, outubro de 1859: “O pai Crépin”; *Idem*, fevereiro de 1860: “Estelle Riquier”; *Idem*, agosto de 1860: “O suicida da rua Quincampoix”; *Idem*, outubro de 1860: “O castigo”; *Idem*, dezembro de 1860: “Entrada de um culpado no mundo dos Espíritos”; “Castigo do egoísta”; *Idem*, fevereiro de 1861: “O suicídio de um ateu”; *Idem*, setembro de 1861: “A pena de talião”.)

161. *A prece será útil às almas sofredoras?*

Todos os Espíritos bons a recomendam e os imperfeitos a pedem como meio de aliviar os seus sofrimentos. A alma, por quem se pede, experimenta um alívio, porque vê na prece um testemunho de interesse, e o infeliz é sempre consolado quando encontra corações caridosos que compartilhem de suas dores. Por outro lado, pela prece provoca-se o arrependimento e o desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. É nesse sentido que se pode abreviar o sofrimento do Espírito, se, por sua vez, ele contribui com a sua boa

vontade. (*O Livro dos Espíritos*, nº 664; *Revista Espírita*, dezembro de 1859: “Efeitos da prece sobre os Espíritos sofredores”).

162. *Em que consistem os gozos das almas felizes? Elas vivem eternamente em contemplação?*

A justiça exige que a recompensa seja proporcional ao mérito, como a punição à gravidade da falta; há, pois, graus infinitos nos gozos da alma, desde o instante em que ela entra no caminho do bem, até aquele em que atinge a perfeição. A felicidade dos Espíritos bons consiste em conhecerem todas as coisas, em não sentirem ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que causam a desgraça dos homens. Para eles, o amor que os une é fonte de suprema felicidade; não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. O estado de contemplação perpétua seria uma felicidade estúpida e monótona; seria a felicidade do egoísta, uma existência completamente inútil. A vida espiritual é, ao contrário, uma atividade incessante pelas missões que os Espíritos recebem do Ser supremo, como seus agentes no governo do Universo, missões essas proporcionais ao adiantamento deles, e cujo desempenho os torna felizes, porque lhes fornece ocasiões de serem úteis e de fazerem o bem. (*O Livro dos Espíritos*, nº 558: “Ocupações e missões dos Espíritos”; *Revista Espírita*, outubro de 1860: “Os Espíritos puros”; “Morada dos bem-aventurados”; *Idem*, junho de 1861: “Sra. Anaïs Gourdon”).

Observação – Convidamos os adversários do Espiritismo e os que não admitem a reencarnação a darem, dos problemas acima apresentados, uma solução mais lógica por qualquer outro princípio que não seja o da pluralidade das existências.

[1] Ver “Nota Explicativa” na pág. 219.

[2] Ver “Nota Explicativa” na pág. 219.

[3] **N. do T.:** Veja-se a nota de rodapé nº 5, na pág. 120.

Nota Explicativa^[1]

Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metucioso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os

homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração de sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomonia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 – dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* – do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da

alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre este dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos

que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373.)

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em Nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando, na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora

[1] N. da E.: Esta "Nota Explicativa", publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

Índice Geral^[1]

A

Acaso

fenômeno espírita e – 73

Afinidade fluídica

Espírito evocado, médium e – 77

faculdade mediúnica e – 78

Alma(s) *ver também* Princípio Inteligente

ação da * durante a vida – 191

afeições da – 211

aptidões e predisposições da – 193

consciência e individualidade da – 192

criação da – 191, 192, 199, 203

criança morta em tenra idade e – 212

diferença da * depois da morte – 213

encontro com parentes e amigos e – 212

envoltórios da – 143

errante – 211

Espíritos e – 111, 142

estado da * depois da morte – 147

estado da * durante o sono – 202
estado da * em sua origem – 193
estado intelectual e moral da * da criança – 194
gênero de morte e estado da – 210
gozos da – 217
ideias inatas e – 195
independência da * dos pais e filhos – 196
individualidade da – 209
justiça de Deus e criação da – 203
lembrança da – 211
livre-arbítrio e – 193, 199
momento de união da * com o corpo – 194
ocupações das – 215
penas, recompensas futuras e – 181
perispírito e – 191, 210
possibilidade das comunicações entre * e viventes – 147

Alma(s) *ver também* Princípio Inteligente

preexistência da – 192
presença de Deus e – 208
princípio inteligente e – 144
professor de filosofia e existência da – 184
progresso das – 192, 193, 204, 213
sede da – 191
selvagens – 203
separação da * e do corpo – 206

situação da * após a morte do corpo – 207

sofrimento da * depois da morte – 215

união da * ao corpo fluídico – 147

unicidade da criação das – 205

Alucinação

Allan Kardec e – 53

Cético, O, e – 53

Anjos decaídos

doutrina dos – 224 Antipatias

causa das – 197

Aparição(ões)

explicação para o fenômeno da – 65

Igreja e autenticidade das – 122

isoladas – 149

Auto de fé de Barcelona

Igreja e – 106

Arrependimento

condição para dar termo ao sofrimento – 118

duração da pena e – 118

posicionamento da Igreja e – 106

prece e – 217

B

Bem

origem do * na Terra – 199

Bíblia

comunicação com o mundo espiritual e – 121

Bibliografia

Céu e o Inferno, O, – 136

Evangelho segundo o Espiritismo, O, – 136

Livro dos Espíritos, O, – 136

Que é o Espiritismo, O, – 136

Revista Espírita – 136

Boa-fé

fé e – 58, 60

Bom médium

caráter do – 175

dignidade do – 174

médium seguro e – 173

Buena-dicha

Espíritos e – 86, 160

médium público e – 77

C

Caridade

conceito de – 110, nota, 225

lei da * e felicidade – 183

Castigo

sofrimentos e – 216

Censura

crítica e – 21

Cético, O – 31 a 103

alucinação e – 53

base da crença na existência dos Espíritos e – 49

detratores do Espiritismo e – 40

esquecimento do passado e – 93

fluido magnético e – 54

ideias espíritas e – 61

impedimento à propagação do Espiritismo e – 101

maravilhoso, sobrenatural e – 43

médiuns públicos e – 77

mesas girantes e – 45, 54

objeções e – 32

origem dos fenômenos e – 38

percepção sonambúlica e – 56

prosélitos e – 60

utilidade dos Espíritos – 84

utilidade prática do Espiritismo e – 87

Charlatanismo

desinteresse e – 23

fontes infalíveis e – 156

médium interesseiro e – 79

simulação e – 159

visitante e – 22

Ciência

enganos da – 46

Espiritismo e – 44

preço para conquista da – 85

Ciência espírita

limites da – 185

Comunicações dos Espíritos

assimilação fluídica e – 165

condições para – 70

critérios para – 156

escrita e – 67

importância da harmonia nas – 165

intuição e – 67

Livro dos Médiuns, O, e – 66

magia, necromancia e – 159

meios utilizados para – 66

pancadas e – 67

tipos de – 153

Comunicações dos santos

Igreja e autenticidade das – 122, 126

Comunicações inteligentes

ação dos fluidos e – 164

caráter das – 153

Consciência

origem do sentimento e – 198

Corpo etéreo *ver* Perispírito

Corpo físico

união da alma com – 194

separação da alma e do – 206

situação da alma após a morte do – 207

Corpo fluídico *ver* Perispírito

Cretinos

alma dos – 212

expição e – 202

justiça de Deus e – 202

Criança

alma da * morta em tenra idade – 212

progresso moral da – 195

sorte da * na vida futura – 214

Cristianismo

Espiritismo e – 112

seitas e – 132

Crítica

Allan Kardec e – 19

censura e – 21

Crítico

responsabilidade do – 24, 25, 142

valor da opinião do – 20

Crítico, O – 15 a 31

Allan Kardec e o livro do – 19

charlatanismo e – 22

condições para convencimento do – 15
conhecimento de causa e – 20
convicções do – 16
curiosidade do – 18
demonstração *ex professo* da opinião do – 18, 21
fenômenos estranhos e – 15
imparcialidade e – 22
interesse no convencimento do – 17, 18
juízo do * acerca do Espiritismo – 20
mesas girantes e – 22, 25
opinião de Allan Kardec em respeito a do – 17
razão superior do – 15

D

Darwin, Charles

Evolução das Espécies, livro, e – 221

Demônio

doutrina da comunicação exclusiva do – 123

Espiritismo e – 120

Espírito mau e – 120

Igreja e – 120

subjugação obsessiva e – 170, nota

Deus

alma e presença de – 208

condições para ver – 209

criação da alma e justiça de – 203

criação do mal e – 199

Doutrina Espírita e justiça de – 119

eternidade das penas e misericórdia de – 118

exigência de * para término do sofrimento – 118

ideias inatas e justiça de – 195

livre-arbítrio e justiça de – 198

permissão de * para comunicação dos Espíritos – 121

satã, rival de – 121

universo e irradiação de – 109

Dogma

Espiritismo e – 112, 116

Doutrina Espírita *ver também* Espiritismo

bibliografia indicada e – 136

causas do crédito e propagação da – 76

escopo principal da – 224

eternidade das penas e – 118

justiça de Deus e – 119

observação e constatação dos fatos pela – 97

posição da Igreja diante da – 105, 107

qualidades da – 42

racionalização da – 97

respeito à diversidade humana e – 225

E

Educação

homens de gênio e – 195

Efeito inteligente

causa da teoria do – 54

charlatanismo e – 176

prestidigitador e – 176

Efeitos físicos

caráter dos – 153

charlatanismo e – 176

obscuridade e – 164

prestidigitador e – 176

Egoísmo

estimulantes do – 108

Envoltório fluídico *ver* Perispírito

Escravidão

raças inferiores e – 206, nota

Escrita

comunicações dos Espíritos e – 67

Espírita

convicções do – 91

espiritualista e – 34

loucura, suicídio e – 91

necessidade da criação da palavra – 33

tribulações na vida do – 91

Espiritismo *ver também* Doutrina Espírita

adeptos do – 177
adversário e adepto do – 22
Allan Kardec e ensinamentos do – 17
Allan Kardec e propagação do – 18
benefícios do – 134
caráter religioso do – 111, 112, nota
causa das falsas apreciações do – 136
Ciência e – 44
conceito de – 86
condições para se firmar juízo do – 141
conduta dos adversários do – 25
consequências morais do – 111, 117
convite aos adversários do – 218
crescimento do número de adeptos do – 40
Cristianismo e – 112
curso experimental de – 30
demonstração *ex professo* e – 18, 21
descoberta do mundo espiritual e – 186
destruição do materialismo e – 88
detratores do – 40
dificuldades e inconvenientes do – 166
dissidências e – 36
dogmas e – 112, 116
doutrina filosófica e – 45
falsidade no julgamento do – 22

falsos médiuns e – 76
feitiçaria – 39, 80
finalidade do – 103
fonte do – 41
fundamentos do – 111
golpe certo no – 18
Igreja e – 112
impedimento à propagação do – 101
importância do estudo filosófico do – 98, 180
individualidade das almas e – 209
invenção dos Espíritos e – 186
juízo do visitante e – 20
liberdade de consciência e – 103
limites traçados pelo – 24
loucura e – 91

Espiritismo *ver também* Doutrina Espírita

magia, feitiçaria e – 39, 89
mal e – 92
materialismo e – 107
meios de se evitar objeções ao – 140
meta do – 85
missão do – 131
necessidade da criação da palavra – 33
negação das doutrinas materialistas – 146
nomenclatura do – 35, nota

nova lei revelada pelo – 44
objetivo do estudo do – 86
obsessão e – 92
períodos do – 29
prestidigitadores e – 38
princípio elementar do – 82
princípios básicos do – 88, 109
purgatório e – 118
questionamentos aos combatentes do – 134
rapidez da propagação do – 44
religião e – 134, nota
repúdio às fraudes e – 26
responsabilidade do * sobre abusos – 23
seitas e – 132
suicídio e – 91
utilidade prática do – 87, 130
vantagem da leitura prévia do – 32

Espírito(s)

ação dos * sobre os médiuns – 150
almas e – 111, 142
anterioridade da manifestação dos – 148
antiguidade e universalidade da crença nos – 52
aparência dos – 149
aprofundamento sobre a questão dos – 19, nota
atuação dos * no mundo moral – 111

base da crença na existência dos – 49
buena-dicha e – 86
caracteres dos – 65, 144, 145
causa da atração dos – 156
causa da imperfeição dos – 83
censura dos * ao culto alheio – 115
comportamento do * no sono – 202
conceito de – 142, 147
constituição do – 143
crença cega nos – 84
crença nos * e salvação – 129, 134
curiosos – 72
despojamento das imperfeições dos – 84
divergência de opiniões entre – 85
escolha do médium pelo – 165
estado de perturbação do – 194
estado dos – 143
evocação do – 73, 165
faculdades do * de criança morta – 212
fenômenos estranhos e – 15
forças da Natureza e – 145
homens de gênio e – 160
identidade dos – 177
identificação do médium com – 165
imperfeições físicas e morais do – 82

importância da distinção entre – 85
invenção dos * e Espiritismo – 186
Leis da Natureza e – 126
linguagem dos – 154, 179
médium, * evocado e afinidade fluídica – 77
meios de comunicação dos – 68
meios para identificação dos – 64
mesas girantes e ação dos – 150
motivo da crença da inexistência dos – 140
motivo do desenvolvimento das manifestações dos – 148
motivo para afastamento dos – 50
móveis de atração dos – 73
natureza das perguntas dirigidas aos – 160
natureza das respostas dos – 153
origem e destino dos – 83
pensamento preconcebido da existência dos – 61
percepções dos – 144
produção espontânea dos fatos e – 58
progresso dos – 82, 146

Espírito(s)

prosélitos e – 60
qualidades dos – 146
revelação da existência dos – 63
tipo de respostas dos – 154
universalidade das manifestações dos – 42

vícios e virtudes dos – 83

vontade dos * nas comunicações – 163

Espírito batedor

caracteres do – 71

Espírito inferior

caracteres do – 154, 155

Espíritos batedores e – 155

Espírito leviano

caracteres do – 71

mistificação e – 86

reuniões frívolas e – 156

Espírito mau

características do – 168

comunicação de * e Igreja – 121

demônio e – 120

fraquezas morais do médium e – 174

motivo de aproximação do – 172

Espírito sério

caracteres do – 71

Espírito superior

caracteres do – 71, 155

comportamento do – 72, 156

contradição e – 179

missão do – 84, 116

preocupações do – 114

Espírito vulgar

preferências do – 114

Espírito zombeteiro

ação do – 86

Espiritualismo

religiões e – 33

Espiritualista

acepção da palavra – 33

espírita e – 34

Esquecimento do passado

Allan Kardec e – 94

Cético, O, e – 93

extinção do ódio pelo – 96

intuição, ideias inatas e – 94

relações sociais, progresso e – 96

Eternidade das penas

misericórdia de Deus e – 118

Evangelho

comunicação com o mundo espiritual e – 121

Evocação

condições para * dos Espíritos – 159

dúvida e – 158

Moisés e * dos mortos – 124

sentimento religioso e – 113

Evolução das Espécies, livro

Charles Darwin e – 221

Expição

condição para dar termo ao sofrimento e – 118

cretinos, idiotas e – 202

vida penosa e – 201

F

Faculdade mediúnica *ver também* Mediunidade

afinidades fluídicas e – 78

diagnóstico da – 69

profissão e – 73

Fascinação obsessiva

caráter da – 167

Fatalidade

livre-arbítrio e – 198

Fatos espíritas

natureza dos – 52

Fé

boa-fé e – 58, 60

compra e imposição da – 74

crença imposta e – 104

inabalável – 219

prática desumana e – 115

Feitiçaria

Espiritismo e – 39, 80

Feiticeiro

médium e – 79

Felicidade

Espíritos bons e – 217

lei de caridade e fonte da – 183

progresso moral e * futura – 183

Fenômeno espírita

acaso e – 73

características do – 29

cético e – 59

Fenômeno espírita

combinação de fluidos e – 164

condições para obtenção do – 141

condições para realização do – 72

domínio da ciência vulgar e – 47

elementos de convicção e – 98

experiências de Física e Química e – 140

Fenômeno espontâneo

Allan Kardec e – 62

Filosofia

professor de * e existência da alma – 184

Fisiognomonia

Lavater e – 220

Fluido(s)

ação dos * e mesas girantes e falantes – 151

ação dos * nas comunicações inteligentes – 164

ação dos * nos fenômenos espíritas – 164

irradiação do perispírito e – 197

transmissão do pensamento e – 197

Fluido magnético

Cético, O, e – 54

Fraude

Espiritismo e – 26

músculo estalante e – 26, 27

mesas falantes e – 26

Frenologia

Gall e – 220

G

Galileu

Leis da Natureza e – 126

Gall

frenologia e – 220

Guia espiritual

atuação do * do médium – 166

H

Homem

causa da imperfeição do – 83

causa das aflições do – 200
constituição do – 143
elementos essenciais do – 143
lembrança de existências anteriores e – 198
situação boa ou má do – 199
sorte do * depois da morte – 213

Homem de bem

caráter do – 224

Homens de gênio

caráter dos – 195

educação e – 195

ideias inatas e – 195

inspiração e – 160

Humanidade

causa dos males que afligem a – 199

conceito de – 144

intuição e progresso da – 95

I

Ideia fixa

loucura e – 90

Ideias espíritas

ponto de partida das – 61

Ideias inatas

confirmação das – 196

esquecimento do passado e – 94

homens de gênios e – 195

justiça de Deus e – 195

progresso intelectual e – 195

Idiotas

alma dos – 212

expição e – 202

justiça de Deus e – 202

Igreja

abuso de alguns membros da – 106

artigo de fé da * e lei de Moisés – 125

associação da * ao materialismo – 130

autenticidade de aparições e – 122

autenticidade de comunicações de santos e – 122, 126

auto de fé de Barcelona e – 106

comunicação dos Espíritos maus e – 121

demônio e – 120

Espiritismo e – 112

inferno e – 118, 120, nota, 215, nota

Igreja

posição da * diante do Espiritismo – 105, 107

reencarnação e dogmas da – 128

sofrimento da alma e – 215

verdade absoluta e – 126

Igreja Anglicana

inferno e – 120, nota

Igreja Católica Grega

satã e – 121

Igreja Evangélica

inferno e – 120, nota

Igreja Neopentecostal

inferno e – 120, nota

Incrédulo(s)

arrastamento do – 17

boa-fé do médium e – 72

categorias de – 30

comportamento do – 157

dúvida do – 57

Inferno

Igreja e – 215

simbologia do – 118, 120, nota, 215, nota

materialista e temor do – 119

Inspiração

homens de gênio e * oculta – 160

Instinto

posição social e * de dignidade – 197

Inteligência

origem da * nas comunicações – 63

Intuição

comunicações dos Espíritos e – 67

esquecimento do passado e – 94

J

Jesus

caridade e – 225

guia e modelo – 225

João, São, o evangelista

conselho de – 154

K

Kardec, Allan

advertência de – 225

alucinação e – 53

antagonista das ideias de – 16

codificador do Espiritismo – 99

comportamento de * ante convicções arraigadas – 16

concepção da existência dos Espíritos e – 61

crítica e – 19

doutrina dos anjos decaídos e – 224

dúvida do incrédulo e – 58

ensinamentos do Espiritismo e – 17

esquecimento do passado e – 94

fenômenos espontâneos e – 62

finalidade dos textos de * na Revista Espírita – 224

ideias espíritas modernas e – 62
interesse de * no convencimento – 18, 29
investigação de – 219
Leis Divinas e – 221
linha de conduta de – 104
médiuns públicos e – 77
obras básicas e – 219
Obras Póstumas e – 220
opinião de * em respeito a do visitante – 17
preconceito racial e – 223
propagação do Espiritismo e – 18
prosélito e – 16, 60
raça adâmica e – 224
reflexão do pensamento e – 55, 57
reflexões de – 51
sessões públicas e – 16
teoria do efeito inteligente e – 55
utilidade dos Espíritos e – 84
utilidade prática do Espiritismo e – 87-89

L

Lavater

 fisiognomonia e – 220

Lei da Natureza

 Espíritos e – 126

fundamentos da – 223

Galileu e – 126

reencarnação e – 129

sobrenatural e – 44

Leis Divinas

Allan Kardec e – 221

Liberdade de consciência

Espiritismo e – 103

Livre-arbítrio

alma e desenvolvimento do – 193, 199

criação do mal e – 199

fatalidade e – 198

justiça de Deus e – 198

materialista e – 198

Livro dos Espíritos, O

adeptos do Espiritismo pela leitura de – 99

Livro dos Médiuns, O

comunicação dos Espíritos e – 66

prevenção contra obsidiados e – 173

Loucura *ver também* Loucura patológica

caracteres da – 89

causas da – 92

convicção espírita e – 91

diabo e – 92

Espiritismo e – 91

ideia fixa e – 90

Loucura patológica *ver também* Loucura

obsessão e – 92

subjugação obsessiva e – 169

M

Magia

comunicações espíritas e – 159

Espiritismo e – 39, 89

Mal

criação do – 199

Espiritismo e – 92

livre-arbítrio e – 199

origem do * na Terra – 199

Manifestação espontânea

características da – 148

Manifestação oculta

características da – 148

Manifestação provocada

características da – 148

Manifestações dos Espíritos

natureza das – 153

tipos de – 148, 149

Revista Espírita e – 149

Manifestações espíritas

fim providencial das – 160
individualidade das almas e – 209
Lei da Natureza e – 152
maravilhoso, sobrenatural e – 152
utilidade das – 161

Manifestações físicas
utilidade das – 158

Materialismo
associação da Igreja ao – 130
características do – 107
Espiritismo e – 107
vulgarização de imagens impressionantes e – 120

Materialista
livre-arbítrio e – 198
princípio inteligente universal e – 210
temor do inferno e – 119

Mau
causa da prosperidade do – 200
consequências da prosperidade do – 200
reencarnação e – 200

Médium(ns)
aptidões dos – 161
caracteres dos – 70
conceito de – 148
consciência dos * nas comunicações – 163

cuidados do * e obsessão – 171
devotamento do – 74
Espírito evocado, * e afinidade fluídica – 77
evocação do Espírito e escolha do – 165
feiticeiro e – 79
garantias à boa-fé do – 176
guia espiritual do – 166
identificação do * com o Espírito – 165
imperfeições morais do – 174
influência do orgulho no – 174
papel do * nas comunicações – 163
perispírito e ação dos Espíritos no – 150
qualidades do – 69, 171
sonâmbulo e – 56
talento e – 163
tipos de – 68

Médium de efeito físico

caráter do – 162
prestidigitadores e – 163

Médium escrevente

variedades de – 68

Médium escrevente mecânico

médium escrevente e – 68

Médium falso

Espiritismo e – 76

Médium imperfeito

assistência ao – 172

Espíritos maus e – 172

Médium interesseiro

charlatanismo e – 79

Médium intuitivo

médium escrevente e – 68

médium mecânico e – 163

Médium mecânico

médium intuitivo e – 163

Médium profissional

faculdade mediúnica do – 78

garantias do – 74, 76

leis orgânicas e – 78

Médium público

buena-dicha e – 77

Cético, O, e – 77

Médium seguro

caráter do – 166

bom médium e – 173)

Mediunidade *ver também* Faculdade Mediúnica

causa da intermitência na – 163

causa física e moral e – 70

conceito de – 171

consequências para desvios da – 161

escolhos da – 167

escrita e – 162

exploração da – 76

leis orgânicas e – 78

objetivo da – 175

obsessão independente da – 170

prestidigitação e – 81

qualidades morais e – 17

sinal exterior da – 70

talento e – 163

Mesas falantes *ver também* Mesas girantes

aurora da ciência e – 162

fraude e – 26

vitalidade momentânea das – 151

Mesas girantes *ver também* Mesas falantes

ação dos Espíritos e – 150

Cético, O, e – 45, 54

consequências positivas e – 99

fraude e – 26

importância e consequência das – 28, 185

mecanismo engenhoso das – 26

sábios e – 45

Tertuliano e – 26

visitante e – 22, 25

Metempsicose

Pitágoras e – 127

reencarnação e – 127, 128

Mistificação

Espíritos levianos e – 86

paciência, perseverança e – 173

Moisés

artigo de fé da Igreja e lei de – 125

comunicações com os Espíritos e proibição de – 124, 125

contradição na proibição de – 125

evocação dos mortos e – 124

lei de – 125

Morte

conceito de – 143

cordão fluídico e – 202

diferença da alma depois da – 213

duração da perturbação depois da – 207

estado da alma e gênero de – 210

situação da alma após a * do corpo – 207

sofrimento da alma depois da – 215

sorte do homem depois da – 213

Morte natural

caráter da – 210

Morte violenta

caráter da – 210

Mundo corpóreo

influência do mundo espiritual no – 133
relação do * com mundo espiritual – 148, 183
revezamento entre mundo espiritual e – 83

Mundo corpóreo visível *ver* Humanidade

Mundo espiritual

comunicação com * e Bíblia – 121
comunicação com * e Evangelho – 121
comunicação com * e Pais da Igreja – 121
conhecimento do estado do – 85
descoberta do * e Espiritismo – 186
influência do * no mundo corpóreo – 133
proclamação dos sábios e – 184
relação do * com mundo corpóreo – 148, 183
revezamento entre mundo corpóreo e – 83
utilidade do estudo do – 86

Mundo invisível *ver* Mundo espiritual

Mundo superior

lembrança do passado em – 96

Mundo visível *ver* Mundo corpóreo

Músculo estalante

fraude e – 26, 27

inviabilidade da teoria do – 27

tiptologia e – 27

N

Necromancia

comunicações espíritas e – 159

Nota Explicativa – 219, nota

O

Obras básicas

Allan Kardec e – 220

conclusões básicas e – 220

Obras Póstumas

Allan Kardec e – 220

Obsessão

conceito de – 167

cuidados do médium e – 171

Espiritismo e – 92

graus de – 167

independe da mediunidade – 170

loucura patológica e – 92

Obsessão simples

caráter da – 167

Ódio

esquecimento do passado e extinção do – 96

Orgulho

preconceitos e – 222

P

Padre, O – 103 a 136

vulgarização de imagens impressionantes e – 120

Pais

amor entre * e filhos – 196

maus * e filhos – 196

missão dos – 196

transmissão das qualidades e vícios dos – 196

Pais da Igreja

comunicação com o mundo espiritual e – 121

Pancadas

comunicações dos Espíritos por – 67

Penas e recompensas futuras

manifestações das almas e – 181

Pensamento

aniquilamento do * na vida corpórea – 94

continuidade do * na vida espiritual – 94

fluidos e transmissão do – 197

perispírito e transmissão do – 197

sistema da reflexão do – 55, 57

Perispírito

ação do * sobre a matéria inerte – 150

alma e – 191

aparições e – 65, 149

características do – 65, 66, 143

conceito de – 65

funções do – 143, 150
individualidade das almas e – 210
irradiação do – 197
transmissão do pensamento e – 197
união da alma ao – 147
visibilidade e tangibilidade do – 149

Perturbação

duração da * do Espírito – 207
estado de * do Espírito – 194

Pitágoras

metempsicose e – 127

Pluralidade das existências da alma *ver* Reencarnação

Positivismo

propagação do Espiritismo e – 44

Possessão *ver* Subjugação obsessiva

mediunidade e – 81

Possessos de Morzine, Os

subjugação obsessiva e – 170, nota

Povos

caráter distintivo dos – 205

progresso e degeneração dos – 205

Prece

arrependimento e – 217

sofrimento e – 21

utilidade da – 217

Pressentimentos

origem dos – 203

Prestidigitador

efeitos físicos e inteligentes e – 176

Espiritismo e – 38

médiuns de efeitos físicos e – 163

Princípio inteligente *ver também* Alma

Espírito e – 144

perispírito e – 144

Progresso moral

felicidade futura e – 183

Prosélito

Allan Kardec e – 16

Cético, O, e – 60

Prova

riqueza e – 201

vida penosa e – 201

Purgatório

Espiritismo e – 118

Terra e – 216

R

Raça adâmica

Allan Kardec e – 224

Raças

consanguinidade e – 221
diversidade das – 206, nota
preconceitos de – 223
privilégios de – 222

Razão

visitante e * superior – 15

Reencarnação

dogmas da Igreja e – 128
lembrança do passado e – 96
metempsicose e – 127, 128
preconceitos de raças e – 223
prosperidade do mau e – 200
reparação de faltas pela – 96
sorte das crianças na vida futura e – 214

Religião

abusos da – 116
Espiritismo e – 134, nota
Espiritismo e * judaica – 124
Espiritualismo e – 33
fundamentos da – 110
incrédulos e suficiência da – 109
perigo corrido pela – 116, 120
princípios gerais da – 113
princípios particulares da – 113

Reparação

condição para dar termo ao sofrimento e – 118

Reunião espírita

condições para * proveitosa – 157

Reunião frívola

Espíritos levianos e – 156

inconveniente da – 141, 155

Revista Espírita

caráter da – 136

finalidade dos textos de Allan Kardec na – 224

manifestações dos Espíritos e – 149

Riqueza

prova e – 201

S

Sábios

mesas girantes e – 45, 46

proclamação dos * e vida espiritual – 184

Salvação

crença nos Espíritos e – 129, 134

fora da caridade não há – 130

fora da Igreja não há – 133

Satã

alegoria e – 122

anjo de luz e – 122

Igreja Católica Grega e – 121

rival de Deus – 121

Selvagem

Allan Kardec e * africano – 223

alma do – 203

sociedade civilizada e – 204, nota

Simpatias

causa das – 197

Sobrenatural

desaparecimento do – 44

Leis da Natureza e – 44

Sociedade Espírita de Paris

caráter da – 100

condições para ingresso na – 100

Sofrimento

castigo e – 216

condições para dar termo ao – 118

Igreja e * da alma – 215, nota

morte da alma e – 215

prece e – 217

reminiscências do passado importuno e – 95

Sonâmbulo

médium e – 56

Sonho

causa do – 203

Sono

estado da alma no – 202

comportamento do Espírito no – 202

Subjugação obsessiva

caráter da – 168

demônios e – 170, nota

epidemia e – 169

exorcismo e – 169

possessão e – 168

Suicídio

causas frequentes do – 91

convicção espírita e – 91

dúvida na vida futura e – 182

Espiritismo e – 91

T

Talento

mediunidade e – 171

Terceiro diálogo – O Padre – 106 a 141

Terra

condições que levam o Espírito a deixar de viver na – 83

Espíritos da população invisível da – 83

graus das almas encarnadas na – 204

origem do bem na – 199

pluralidade dos mundos e – 189

posição ocupada pela * no Universo – 189, 191

purgatório e – 216

Tertuliano

mesas girantes e – 26

Tiptologia

assimilação fluídica e – 165

conceito de – 151

músculo estalante e – 27

Tribos incultas

transformações das – 220

U

Universo

forma geral dos habitantes do – 190

pluralidade dos mundos e – 189

progresso intelectual e moral dos habitantes do – 190

V

Verdade

critérios para obtenção da – 180

Vida corpórea

aniquilamento do pensamento na – 94

vida do Espírito e – 222

Vida espiritual

continuidade do pensamento na – 94

Vida futura

certeza na – 182

crença nos Espíritos e salvação na – 129

dúvida sobre a – 181

notícias da – 108

sorte das crianças na – 214

suicídio e dúvida na – 182

Vida penosa

expição, prova e – 201

[1] Remete ao número da página. Trabalho elaborado pela equipe da Biblioteca de Obras Raras da FEB no segundo semestre de 2010.

As páginas numeradas neste índice correspondem à versão impressa do livro.

BIOGRAFIA DO AUTOR

Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em Lyon, França, em 1804. Seus estudos com Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) o converteram em um destacado professor e pedagogo. Lingüista, com domínio de vários idiomas, exerceu grande influência sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha, no século XIX.

O fenômeno das mesas girantes, que agitou a Europa no meado do século XIX, despertou o interesse do notável professor, que começou os estudos desse fenômeno, aplicando o método experimental. Nunca formulou teorias preconcebidas, observava, comparava e deduzia, buscando sempre a razão e a lógica dos fatos. Interrogou, anotou e ordenou os dados, sendo por isso chamado o Codificador do Espiritismo.

Como seus estudos abrangeram as proporções de uma doutrina, decidiu publicar *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857, quando adotou o pseudônimo de Allan Kardec.

Allan Kardec faleceu em Paris, em 31 de março de 1869. Seu túmulo no Cemitério de Père-Lachaise, em Paris, é um dos mais floridos e visitados por pessoas de todas as partes do mundo.

Allan Kardec é o autor francês mais lido no Brasil. Seus livros já venderam mais de 25 milhões de exemplares e a cada ano são realizados em todo o mundo, centenas de eventos para estudar e divulgar sua obra.

Seus livros inspiraram uma grande rede de solidariedade social e são a base de um mercado editorial de mais de 4 mil títulos, 100 milhões de livros vendidos e milhares de produtos como DVDs, CDs, peças de teatro, novelas e filmes.



Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da Federação Espírita Brasileira, cadastrando-se no site www.feblivraria.com.br.